José Carlos Peixoto Júnior

O caso Diário de Notícias da Bahia

A quinta coluna baiana

1935-1941

Salvador
2003

Índice

Apresentação **9**

Introdução **21**
Jornalismo como construção social 21
A imprensa política 26
A esfera pública 29

1 Ode ao antiliberalismo **33**
1.1 Direita, volver! 34
1.2 A seara local 36
1.3 Jornalista de posição declarada 39
1.4 Intelectuais a serviço da causa 46
1.5 Sob o comando de Antonio Balbino 47

2 O nazismo como referência **51**
2.1 A ação da mídia alemã no Brasil 51
2.2 Relações comerciais em ascensão 54
2.3 Vendendo uma ideologia – a ação do NSDAP . . 56
2.4 Entre altos e baixos 61
2.5 Uma malha articulada 64
2.6 O Discurso do Diário de Notícias 69
2.7 A "vanguarda" alemã 70
2.8 O trabalho enobrece 76
2.9 A Nova Alemanha 80
2.9.1 Uma economia pujante 94

2.9.2 A barreira anti-bolchevique e anti-semita 97
2.9.3 O grande líder 103
2.9.4 A propaganda esfria 106

3 O panfleto de guerra 1940-1941 107
3.1 A Segunda Grande Guerra já é realidade – O Diário de Notícias muda de dono 107
3.2 Um Estado não tão distante dos acontecimentos . 109
3.3 Um jornal revigorado 110
3.4 A batalha no papel 114
3.5 O início da guerra e a posição do Brasil 116
3.6 A Segunda Guerra vista pelo Diário de Notícias . 121
3.7 "Ajuda" à humanidade 129
3.8 A vitória alemã é melhor para o Brasil 130
3.9 O jogo das imagens 135
3.9.1 1941 – Os russos voltam a ser vilões . . . 140
3.9.2 A guerra é a "paz" 144
3.9.3 Defendendo o mundo contra o comunismo 151
3.9.4 A guinada do Diário de Notícias 156

Considerações finais 159
O momento Requião 160
O momento Balbino 164
Conclusão 165

Bibliografia 167
Edições do Diário de Notícias 174
Outros órgãos de imprensa 178
Documentos pesquisados 178
Audiovisuais 179
Entrevistas 179

Dissertação de Mestrado defendida e aprovada
no Programa de Pós-graduação de História Social
da Universidade Federal da Bahia (UFBA).

Orientador: Profº Dr. Israel Pinheiro.

A Davi e Clara, meus amados filhos.
Que esses fatos jamais se repitam.
Não passará!

A nossa psicologia política não poderá ser outra coisa que um estudo do "fator subjetivo da história", da estrutura do caráter do homem numa determinada época e da estrutura ideológica da sociedade que ela forma (...) A ideologia de cada grupamento social tem a função não só de refletir o processo econômico dessa sociedade, mas também – e principalmente – de inserir esse processo econômico nas estruturas psíquicas dos seres humanos da sociedade...

(William Reich, Psicologia de massas do fascismo)

Apresentação

Ao Diário de Notícias! A palavra de ordem ecoou no centro de Salvador no dia 22 de agosto de 1942. O Brasil finalmente havia declarado guerra às potências agressoras do Eixo e uma multidão enfurecida ameaçava empastelar o Diário de Notícias da Bahia, cuja sede ficava localizada à Rua Santos Dumont, Comércio, centro de Salvador. A polícia fora chamada para conter os manifestantes, mas, ainda assim, não conseguiu controlar um grupo de populares que entrou na sede da empresa danificando máquinas e equipamentos. A fúria contra o vespertino baiano naquele momento se confundia com o mesmo ódio que a população nutria com os cidadãos dos países do Eixo. Havia razão para tal.

Nos seis últimos anos que antecederam o episódio, o Diário de Notícias foi palco de intensa propaganda nazista. O periódico fora incluso pela população de Salvador na seara da quinta coluna. O estopim foi o ataque da marinha alemã a navios brasileiros na sua própria costa. O saldo foi trágico. Cerca de 300 pessoas morreram em decorrência da agressão aos navios *Baependi, Araraquara, Aníbal Benévolo, Itagiba e Arara e à barcaça Jaciara*. Firmas sediadas na Bahia, como a Westphanlen Bach, Krohn e Cia, do setor de máquinas e ferragens, a Suerdick e a Danemann, ligadas ao setor fumageiro agroexportador, e a Viação Aérea Condor, pertencente à companhia de aviação germânica Deutsche Lufthansa, não por coincidência fortes anunciantes do jornal, sofreram represálias em decorrência da ação militar alemã.

O ataque foi um marco para o movimento antifascista, que a partir desse episódio cresceu no Brasil e na Bahia. A popu-

lação, representada nas suas diversas instâncias, passou a exigir a entrada do País na guerra ao lado das potências aliadas. Em Salvador, as manifestações avolumavam-se a cada dia.

Entre 1935 até outubro de 1941 a Alemanha nazista figurou com intensidade no periódico soteropolitano. A motivação era política e econômica. A aguerrida campanha a favor da causa nazista, ou a "Nova Alemanha", serviu também para estreitar os já consolidados laços comerciais com o Brasil, inclusa a Bahia. A colônia alemã controlava alguns setores da economia local, exercendo considerável influência na Associação Comercial do Estado, entidade da qual o jornal havia se postado como porta-voz desde o início do século XX. Os capitais alemães também tinham forte penetração nos setores agroexportadores do cacau e do fumo. O Diário de Notícias refletia essa engrenagem, como se poderá perceber nos fatos que aqui serão narrados.

Ao longo de um século o vespertino da Rua Santos Dumont exerceu forte influência na vida política e cultural do Estado, sempre sendo dirigido por figuras de destaque nos meios políticos e intelectuais. O Diário de Notícias da Bahia foi fundado em 1º de março de 1875, um empreendimento do jornalista Manoel Lopes Cardoso. Com sua morte, em junho de 1887, o jornal foi assumido editorialmente pelo redator-chefe e gerente Eduardo de Vicchi, que comandou o vespertino durante dez anos. Em maio de 1897 o veículo foi vendido ao professor Cassiano Gomes e em seguida adquirido pelo coronel Vicente Lins Ferreira do Amaral, que o faz retornar à circulação em 16 de março de 1903. O negócio é desfeito em 1919, quando a empresa é vendida ao grupo incorporado pelo professor e posteriormente deputado federal pelo PSD Altamirando Requião. A nova sociedade era composta por 58 acionistas.

Em 1939 o jornal passa ao controle, econômico e editorial, de Antonio Balbino de Carvalho, que o comanda até 1942. Em 1943 a empresa é vendida por 300 contos de réis ao Condomínio dos Diários e Emissoras Associados, de Assis Chateaubriand Bandeira de Melo. A direção editorial do jornal foi assumida pelo

pernambucano Odorico Tavares, que inaugura uma nova fase no vespertino, caracterizada pelo estímulo às artes e às letras o que veio a provocar, no entender de Consuelo Novais, "uma revolução cultural no estado". O Diário de Notícias encerrou suas atividades em 1979 e em 1981 a 17ª Vara Comercial de Justiça do Estado decretou sua falência.

No período em questão, 1935-1941, o Diário de Notícias atuou numa sociedade cuja base econômica era eminentemente agropastoril e o Estado contava com pouco mais de quatro milhões de habitantes. Salvador abrigava em torno de 350 mil pessoas e detinha um incipiente desenvolvimento industrial, com menos de 10 indústrias divididas entre os setores têxtil tradicional e de cigarros e charutos. Era uma capital com reduzido contingente operário. O setor universitário soteropolitano somava cerca de mil estudantes, divididos entre as faculdades de Direito, Medicina, Engenharia e Agronomia. Duas escolas de nível médio também se destacavam, as de Comércio e Eletro-mecânica.

No interior, as lavouras de cacau e fumo, voltadas à exportação, exerciam significativo papel na economia regional, gerando inclusive divisas para o país, mas que não se traduziam em benefícios para o Estado, assim como a pecuária que já figurava como um dos maiores rebanhos do Brasil.

Após adquirir o jornal em 1919, Requião introduziu mudanças gerenciais e tecnológicas na empresa, "o que faz do Diário de Notícias um jornal novo, em condições de sobreviver por longo tempo na imprensa baiana" (Santos, 1985, p.56). Ao alterar o padrão gerencial e tecnológico do veículo, o novo proprietário o coloca também em sintonia com a nova dinâmica da imprensa mundial. A informação já é tratada como produto. A linha editorial de amplo apoio à causa nazista assumida a partir de 1935 de alguma forma reflete esta nova dinâmica (ver discussão no próximo capítulo).

O Diário de Notícias atuou como o elo entre a Alemanha que se reedificava sob o signo da suástica e a colônia dos seus cidadãos na Bahia. Estivera a serviço da causa nazista numa cidade de

majoritária população negromestiça. E tal aspecto, ao que nos parece, não se apresentou como obstáculo à cristalização desses ideais por parte dos homens que comandaram o periódico baiano no período em voga. Tanto Altamirando Requião quanto Antonio Balbino de Carvalho não esconderam em diversas ocasiões suas admirações pela "obra" que se construía na Alemanha. Os fatos são muito claros, como se poderá constatar.

No entanto, este ocorrido tem passado à margem da história da imprensa baiana, senão com poucos ou despretensiosos comentários. Talvez o que tenha desmotivado a atenção dos estudiosos e pesquisadores é o fato de que o discurso perpetrado pelo jornal baiano se confundisse com o imaginário construído pelas forças políticas que haviam apeado o poder do país desde 1930. A vertente fascista periférica eleita pelos tenentes comandados por Vargas em 30, e que se consolidara em 1937 com a decretação do Estado Novo, integrava um espectro maior de discursos que se desencadeavam na Europa e nas Américas.

Franco, Mussolini, Adolf Hitler, Salazar, Perón e Getúlio Vargas, entre outros, se postavam como baluartes na defesa de um estado forte, capaz de forjar um novo homem, uma nova sociedade que se contrapusesse ao que a direita internacional daquele período classificava como a "nefasta" influência judaico-bolchevique e que encontrava no regime liberal as brechas para corromper a sociedade. Evidentemente que entre os personagens citados incorrem muitas particularidades nos suas respectivas inclinações políticas.

Nesta perspectiva, o trabalho realizado é um estudo de caso sobre o jornal baiano Diário de Notícias no período entre 1935 e 1941. O objeto em pauta é a cobertura política internacional dada à ascensão do regime nazista na Alemanha. O recorte do estudo situa-se, particularmente, neste foco, ainda que tangenciemos outros acontecimentos correlacionados ao fato em discussão.

Aqui não nos propusemos realizar nenhuma abordagem complexa sobre a ideologia nazista ou mesmo o fascismo como espectro ideológico que se fez presente em diversos estados nacionais

nas décadas de 30 e 40. Não é o propósito. Ainda assim, fez-se necessário estabelecer uma sucinta discussão sobre o tema e suas inter-relações com a política interna do Brasil.

Limitamo-nos a buscar entender o comportamento editorial de um veículo de imprensa situado numa cidade à época periférica e distante dos grandes centros. E é justamente esta particularidade que mais nos chamou atenção. Qual o sentido de se fazer um tórrido discurso pró-nazista num jornal localizado no Nordeste do Brasil? A indagação impulsionou esta pesquisa. Trata-se de uma passagem ainda obscura da história da Imprensa na Bahia, a qual nos propusemos auxiliar desvendar.

Alguns estudos de caráter jornalístico e também histórico perpassaram nosso objeto. As contribuições de Hélio Silva (1964) (1972), com sua série de obras sobre a era Vargas, o trabalho dos jornalistas Joel Silveira e Geneton Moraes (1990) acerca do jornal carioca Meio Dia (O Pacto Maldito) e as incessantes investigações do brasilianista Stanley Hilton acerca da atuação nazista no Brasil levantaram uma série de pistas.

Na seara regional, a imprescindível leitura de dois trabalhos do jornalista e ex-militante comunista baiano João Falcão, *O Partido Comunista que eu conheci* (1997) e *O Brasil e a 2ª Guerra* (1988), se fez determinante para o entendimento daquele momento da vida política do país e do Estado. Além disso, a colaboração de Falcão se estendeu à sua participação como fonte oral neste trabalho, não se recusando o mesmo a conceder esclarecedora entrevista a este autor, apontando nomes e episódios que envolveram o Diário de Notícias com os fatos aqui levantados.

Outra pista de extremo valor foi a afirmação da professora da Universidade Federal da Bahia Consuelo Novais Sampaio, publicada no Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro (2001): "o Diário de Notícias era germanófilo desde a Iª Grande Guerra". Peça relevante neste quebra-cabeça.

No campo acadêmico, foram de singular importância os estudos desenvolvidos por Ester Cohen (1988) (*O Governo Federal e o Partido Nazista no Brasil*) e Luis Edmundo Moraes (1996)

(*Ein Volk, Ein Reich, Ein Führer; A Seção Brasileira do Partido Nazista e a Questão Nacional*) sobre a presença do Partido Nazista em solo brasileiro. Também as pesquisas do professor Francisco Carlos Teixeira (2001) auxiliaram a elucidar o que apenas limitava-se ao campo da especulação: os nazistas efetivamente controlaram uma parte da mídia nacional. Excelentes prospecções sobre o assunto.

Não podemos esquecer os trabalhos de Eliana Dutra (1997), *O ardil totalitário*, o qual aborda os discursos fascistizantes em voga na década de 30 no meio político do país; e *A Construção da Verdade Autoritária*, de Maria das Graças Ataíde de Almeida (2001), que trabalha na mesma direção que Dutra, analisando o imaginário político do Estado de Pernambuco a partir da interventoria de Agamenon Magalhães. Obras importantíssimas que se preocupam em afirmar a inclinação para o fascismo – ou o criptofascismo – que o país vivenciou na era Vargas, o que muitos tentam negar.

O jornalismo é uma instituição historicamente enredada em interesses políticos e econômicos e, como sugere Ciro Marcondes Filho, "sua Jornalismo reflete de forma bastante próxima a própria aventura da modernidade" (2000, p. 9). Concordamos com Werneck Sodré (1999). Entendemos que imprensa escrita no Brasil não pode ser enquadrada como meio voltado às grandes massas e sim a públicos limitados. Uma instituição que, historicamente, tem chamado a si a responsabilidade de operar simbolicamente o discurso, transformando-o em capital político. Informar com o intuito de dominar a partir dos pretensos formadores de opinião, que se encarregam de construir uma "opinião pública" que nada mais é do que a repercussão da opinião publicada (Habermas, 1984).

Explica-se. O século XX foi o início da era dos mídias e na maior parte desse período predominou o modelo unidirecional[1]. As guerras e conflitos que ocorreram neste período não ocuparam

[1] O conceito de unidirecionalidade é atribuído à chamada mídia tradicional – jornais impressos, revistas, rádio e TV; e a multidirecionalidade é atribuída às novas mídias, em destaque a internet.

apenas seus campos de luta convencionais, outros palcos foram utilizados e a imprensa talvez tenha sido, e ainda é, o mais importante. Não sem razão que é sobre esta atividade que os estrategistas do Partido Nazista jogaram todas as suas fichas para propagandear suas ações, até mesmo nos mais longínquos recantos do planeta, como ocorreu na então pacata Cidade da Bahia de Todos os Santos.

Josef Goebbles, ministro da propaganda do III^{o} Reich, entendia que na mídia poderia travar sua guerra particular. E o objeto desse estudo apresenta um pequeno mostruário do que foi essa guerra para o Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães, o NSDAP. Alguns aspectos desse propósito figuraram em terras baianas mediante o aparelhamento de um jornal cuja importância na vida política e econômica do Estado é inegável.

Este livro é dividido em três partes. O capítulo introdutório volta-se ao papel da imprensa na sociedade moderna sob o controle do mercado das agências internacionais de notícias. Notícia e propaganda política se confundem num jogo açodado pelo capital e esta relação atuará na sedimentação do imaginário nazi-fascista na década de 30.

O capítulo seguinte se debruça na cristalização do discurso antiliberal que permeou a política do Brasil no período. A construção do discurso *criptofascista* periférico no país é abraçado pelo Diário de Notícias da Bahia. Nessa passagem merece destaque a atuação dos dois diretores de redação e proprietários do jornal, que em momentos distintos se entrincheiraram nesta visão de mundo: o professor e deputado federal Altamirando Requião, político pertencente ao Partido Social Democrático (PSD) até 1936, e o também militante da mesma agremiação, Antônio Balbino de Carvalho. Este último ligado à aristocracia agrário-comercial do oeste do Estado e que veio a ser eleito governador da Bahia em 1954.

Intelectuais menores, de envergadura regional, Requião e Balbino comungaram com os discursos que deram sustentação ao projeto *criptofascista* na sociedade brasileira, a exemplo de Oli-

veira Viana, Gustavo Barroso, Azevedo Amaral, Miguel Reale, entre outros. Estes integraram a imprensa que atua, conforme Gramsci (1968), no sentido de entender os leitores "como elementos ideológicos, 'transformáveis' filosoficamente, maleáveis" (...) (1968, p.163).

Outro aspecto abordado neste capítulo diz respeito ao entendimento do projeto levado a cabo pelo presidente-ditador Getúlio Vargas. Do ponto de vista político, Vargas assimilou as matrizes do fascismo italiano de Benito Mussolini e do nazismo de Adolf Hitler? Tratamos sucintamente desta problemática na perspectiva da universalidade das práticas fascistas (Reich, 1988).

A movimentação do Partido Nazista em terras brasileiras, que resulta na estrutura montada pelo NSDAP, e a rede de mídia articulada pela agremiação por intermédio da Embaixada Alemã, é o foco do segundo capítulo. A propaganda nazista se pôs em marcha no Brasil. O episódio reflete a crise diplomática que envolveu os governos brasileiro e alemão. Neste ínterim, abordaremos a presença de militantes nazistas em Salvador assim como as relações entre as autoridades germânicas e alguns veículos de imprensa do país. Aqui surgem as primeiras pistas de que esta relação permeou o Diário de Notícias da Bahia.

Ainda neste capítulo nos deteremos em analisar o discurso do jornal baiano a partir da publicação dos textos dos "colaboradores" alemães que frequentaram com assiduidade o vespertino no período entre 1935 e 1939, período em que Requião comandou a direção de redação do jornal. Esses "colaboradores" construirão a Alemanha em multi-temas, apresentado o novo país que surgia sob o domínio de Adolf Hitler.

No terceiro capítulo nos voltaremos ao "panfleto de guerra". A Segunda Guerra Mundial já é uma realidade e a barbárie nazista horroriza o mundo. O jornal se transforma num mero publicista de textos da agência de notícias alemã Transocean. O conflito então é visto e lido apenas sob o ponto de vista germânico. Antonio Balbino estará no comando do veículo neste momento. Abre-se a discussão sobre as grandes manchetes publicadas no Diário

de Notícias, que se desprende quase que completamente da realidade regional, voltando-se única e exclusivamente à cobertura da guerra. Torna-se um órgão panfletário.

A escolha do período que norteou metodologicamente a pesquisa, 1935 a 1941, recai na justificativa do comportamento editorial do jornal, que estabelece um diferencial neste intervalo. O Partido Nazista chega ao poder em 1933 e no ano de 1935 o Diário de Notícias retoma o discurso germanófilo que proferira durante a Iª Guerra (Sampaio, 2001, p.1847 *in*...), época em que pertencia ao coronel Ferreira do Amaral. A partir de 1935 o jornal passa a contar com a presença constante dos já citados "colaboradores" alemães. A Alemanha nazista torna-se objeto de propaganda, o que norteará a posição editorial do Diário de Notícias até 1941.

Em 1942 o jornal muda a postura. A justificativa recai num conjunto de fatos. Os Estados Unidos declararam guerra às potências do Eixo. A atitude estadunidense provoca alterações na política externa do Brasil, que rompe relações diplomáticas com a Alemanha, Itália e Japão. Internamente, se inicia uma forte reação do Estado contra as articulações da Embaixada Alemã e do NSDAP em solo nacional.

A correlação das forças políticas internas também se altera. O espaço político para as ações da imprensa alemã fora eliminado e os militantes nazistas passam a ser implacavelmente perseguidos pelos órgãos de segurança do governo Vargas. Encerrava-se a aventura do Diário de Notícias.

O capítulo conclusivo recai na compreensão do relacionamento entre o Diário de Notícias da Bahia e a sociedade local. A intenção foi entender até que ponto repercutiu na praça de Salvador a postura editorial encampada pelo vespertino baiano. Fatores externos à política regional interromperam a atuação publicista do jornal. No entanto, o periódico registrou algumas contradições internas (regionais) no que se refere à interface com as elites baianas.

A pesquisa exigiu duas frentes de trabalho. A primeira residiu na pesquisa do acervo do Diário de Notícias no período, o qual se

constituiu em nossa fonte documental primária. Encontramo-lo na Biblioteca Central do Estado, na sua maior parte em condição razoável de manuseio. Foram vistas um total de 2200 edições. Desse universo, 345 matérias foram fotografadas e catalogadas por data de publicação, ano e número de edição. Oitenta matérias sofreram processo de digitalização. Este número refere-se também ao universo de análise do trabalhado.

A segunda frente exigia a pesquisa das fontes secundárias. Percorremos os acervos do Arquivo Público do Estado da Bahia, onde encontramos pouquíssima documentação envolvendo processos da Delegacia de Ordem Política e Social - DOPS - referentes à militância de partidários do NSDAP no Estado. A maior parte dos documentos sobre essa movimentação foi extraída da dissertação de Luis Edmundo Moraes, que se utilizou do acervo do Arquivo Público do Rio de Janeiro, onde está a maioria dos documentos relacionados a processos de militantes nazistas presos em Salvador pela DOPS. Na Junta Comercial do Estado da Bahia – JUCEB – resgatamos as atas das assembléias dos acionistas do Diário de Notícias nos anos de 1939 e 1940.

No que se refere à documentação primária, foi preciso dar o devido tratamento para a análise do mesmo. Entendemos que a imprensa produz diariamente fragmentos de história e, ao contrário do que se pensa, os textos ou imagens não se encerram no mero reportar dos fatos. Dizem mais do que apresentam. A ideologia manifesta-se na língua e na linguagem utilizadas. Como entender fatos narrados e comentados num período onde valores, costumes e sensos comuns configuravam-se em outros eixos de compreensão?

A intenção *do que comunicar* de grande parte dos textos era clara, óbvia. O jornal abraçara a propaganda germanófila. Mas a linguagem só faz sentido porque se inscreve na história. Cada termo, símbolo, expressão e imagem com os quais nos deparávamos constituíam-se no desafio de decifrá-los, entendendo-os como sujeitos constructos da história, posto que os mesmos projetavam simbolicamente determinado espectro ideológico. Evi-

tamos os métodos quantitativos. Apenas a uma única tabela foi necessária ao entendimento de uma breve análise econômica sobre as relações de comércio entre o Brasil e a Alemanha.

Buscamos estabelecer um estudo de caso sobre o comportamento editorial do jornal Diário de Notícias da Bahia. Para tanto, estabelecemos os elos desta trajetória com os fatos que se processavam no Estado, no Brasil e no mundo naquele momento. Vale ressaltar que este é um trabalho de investigação histórica, mas que não perde sua essência jornalística. História e Imprensa se imbricam e, muitas vezes, confundem-se, principalmente quando se trata de analisar o jornalismo político. Foi este o nosso intento.

Introdução

Jornalismo como construção social

Antes de adentrarmos a discussão do objeto, perpassaremos breve discussão teórica acerca do mesmo. O Diário de Notícias arregimenta ferramentas da propaganda política e as transverte de jornalismo no intuito de construir imagens e fatos. Estar-se-á, portanto, diante de situação factível a algumas análises que cercam o fazer jornalístico. É preciso compreendê-las para melhor interpretar o posicionamento do veículo em questão.

Os métodos de elaboração e divulgação do jornal moderno nas décadas de 30 e 40 serão sustentados por sistemas industriais (Sodré, 1980). O jornalismo impresso atuará não só com a palavra, mas também com a imagem e sua prática se escudará numa presumível neutralidade e objetividade na construção da notícia. A reflexão deste paradigma se torna premissa necessária para entender a atuação da imprensa.

Diferente do que ocorreu nos séculos XVIII e XIX, quando o jornalismo se limitava à prática panfletária, o chamado "jornalismo romântico", a imprensa do século XX adicionará um novo componente: a mercantilização do espaço gráfico. Não só informação. A publicidade e a propaganda integrarão esta nova dinâmica. A imprensa é enquadrada no modo de produção capitalista e os jornais passam a ter veiculação diária. Um novo produto para uma sociedade ávida de consumo, que se transforma e urbaniza.

Sua difusão se deve a quatro fatores: a invenção da rotativa, aumentando a tiragem e reduzindo o preço; a utilização da publicidade, que traz novos recursos; aceleração da distribuição (estrada de ferro, automóvel e avião); e a aceleração da informação (quando o telégrafo sucede aos pombos correios).

No século XX se constituem as grandes agências de notícias (Domenach, 1963, p.16). Essa infraestrutura logística operará rápida transformação no mercado mundial da informação. De produto limitado a poucas pessoas, o jornal atingirá milhões de leitores em todo mundo na primeira metade desse século. Implanta-se o jornal moderno.

> (...) cujo baixo preço e cuja apresentação o transforma num instrumento popular e numa formidável potência de opinião. Ao mesmo tempo em que aumentam as tiragens, bem como sua influência, os jornais tornam-se negócios a serviço do capitalismo e do estado e dependem de agências de informação igualmente controladas (Ibidem., p.16).

Essas agências de notícias se encarregarão de perpetrar na imprensa mundial uma espécie de padronização dos métodos de informação. As notícias serão enviadas em formato de mensagens telegráficas.

Até a primeira década do século XX o domínio francês foi quase hegemônico nesse mercado mediante a atuação da agência Havas. Logo após a I^{a} Guerra Mundial os norte-americanos passam a controlar a distribuição mundial das notícias através da agência Reuter. Assinado o Tratado de Versalhes, as duas empresas decidem quase que dividir o mercado mundial (Rangel, 1991, p.171-172).

O pós-guerra é um período marcado pela afirmação política das potências vencedoras. O oligopólio da informação por parte de norte-americanos, ingleses e franceses refletia o esforço dessas potências em consolidar suas áreas de influência. A busca desse controle será conduzida mediante avassaladora divulgação de

pontos de vistas e conceitos ideológicos introduzidos nas notícias enviadas por essas agências (Lage, 1981, p.21).

Repartia-se assim o mercado internacional do setor no início da década de 20: as agências Stefani, da Itália, Fabra, da Espanha e a Agência de Notícias de Portugal estavam sob o controle ou propriedade da Havas; a agência Belga, por sua vez, estava dividida sob o comando da Havas e da Reuter; a agência da Dinamarca era propriedade da Reuter, que também controlava os serviços de notícias russo, escandinavo e austríaco.

Em 1927 um novo acordo redefine o mercado. A Reuters, a Associated Press e a Havas redesenham geograficamente suas áreas de atuação. A Reuters passa a atuar nas seguintes regiões: Ilhas Britânicas, Holanda, Egito, Índia, Estados Malaios, Índias Holandesas Ocidentais, Extremo Oriente, Austrália, África do Sul, Nova Zelândia e outras partes do Império Britânico ou regiões que estivessem sob seu domínio.

À atuação da Havas foi destinada a França, Espanha, Marrocos, Portugal, Itália, América do Sul (com concessões à atuação da Associated Press) e protetorados, possessões e territórios submetidos ao protetorado da França.

A agência alemã Wolff, pelo fato de pertencer a um país derrotado na Primeira Guerra, teve sua atuação limitada apenas ao seu território. Um golpe duro que seria revidado pelos alemães na década de 30 com a atuação da agência Transocean, que passaria a ter forte penetração na América do Sul, inclusive no Brasil[2].

O controle da informação transforma-se numa poderosa arma de longo alcance. Após o Tratado de Versalhes, os governos utilizarão as agências como instrumentos não só de notícias, mas também de propaganda.

Domenach afirma que a propaganda política moderna é posta em prática, pela primeira vez, durante a Revolução Comunista. "Em 1917, Lênine, genial propagandista e agitador, lança as palavras de ordem que vão dar o ritmo às etapas de conquista do

[2] Discutiremos aspectos da atuação da Transocean no Brasil nos próximos capítulos.

poder" (Domenach, ibidem, p.33). O próprio Adolf Hitler se mostrou impressionado com a forma que as organizações comunistas operavam esse instrumento: "Compreendi, desde logo, que a aplicação adequada de uma propaganda é uma verdadeira arte, quase que inteiramente desconhecida dos partidos burgueses" (Hitler, 2001, p.119).

Joseph Goebbles, um doutor em filosofia e dramaturgia, que a partir da década de 20 passa a auxiliar o Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães (NSDAP), vindo a tornar-se Ministro da Propaganda de Adolf Hitler quando da instalação do III^{o} Reich, assimilou diversos aspectos das técnicas de agitação e propaganda leninista. Bolcheviques e nazistas mobilizavam as massas utilizando seus respectivos aparelhos partidários. No entanto, a propaganda nazista terá um diferencial em relação à leninista. Para o III^{o} Reich seu grau de importância será similar à diplomacia e às próprias forças militares, "constituindo-se em verdadeira artilharia psicológica" (Domenach, op., cit., p.39).

Hanna Arendt (1989) acrescenta que, no caso da propaganda nazista, esta ação era utilizada como o meio mais eficaz para enfrentar o mundo não totalitário. A autora lembra que seus teóricos buscavam dar um caráter "cientificista" ao que se comunicava, procurando sustentar seu discurso com argumentos baseados em números, maniqueando a ciência. Conforme Arendt:

> O cientificismo da propaganda totalitária é caracterizado por sua insistência quase exclusiva na profecia "científica", em contraposição com o apelo ao passado, já fora de moda (Arendt, 1989, p.394).

E esse cientificismo é entendido por Herbert Marcuse (Marcuse *in* Kellner, 1998) como a adaptação da mítica nazista ao discurso sustentado por uma racionalidade tecnológica. Para Marcuse: "A aparente irracionalidade da mitologia nacional-socialista emerge como a 'racionalidade' da dominação imperialista" (Marcuse *in* Kellner, 1998, p.207).

A projeção de um futuro promissor, de progresso, o qual o Estado autoritário se encarregará de pavimentar, será a tônica das ideologias totalitárias nas décadas de 30 e 40. Esta modalidade de propaganda política será impulsionada pela incrível penetração oferecida pelo jornal moderno e pelo rádio – este último com maior destaque. O objetivo era a conquista de formadores de opinião em diversas partes do mundo. Para Domenach, esta ação, encetada a partir de uma progressão tática, joga com todas as angústias humanas pois,

> Não se trata mais de atividade parcial e passageira, mas da expressão concreta da política em movimento, como vontade de conversão, de conquista e de exploração (...) (Domenach, op., cit., p.20).

Um processo de reiteração ideológica que se consolida lançando mão de diversos recursos discursivos. O sensacionalismo foi uma dessas formas. Tal recurso, apelativo, permitiu atrair atenção popular na disputa pelos leitores, já que o produto jornal será lastreado na maximização publicitária.

Nesta perspectiva, a relação entre os produtores de informação – jornalistas, editores, comentaristas e articulistas – e a sociedade – inclusive os formadores de opinião atingidos – é estabelecida por trocas comerciais calcadas na exploração do espaço gráfico do jornal. As empresas de jornalismo ficarão suscetíveis às políticas de relações públicas das empresas, dos partidos políticos e demais entidades da sociedade que vendem aos jornais fatos maquiados e fabricados como notícias. Nesta concepção de jornalismo, de acordo com Nilson Lage, os produtores fornecem a informação, o público reage sobre a sociedade que remunera o primeiro grupo mediante verbas publicitárias, facilidades financeiras e fiscais e/ ou recursos diretos.

A relação citada por Nilson Lage (1981) é determinante para entender os níveis de envolvimento existentes entre uma empresa de comunicação e o seu ambiente econômico. Refletindo sobre a linha editorial do Diário de Notícias na cobertura sobre a ascensão

do nazismo na Europa, o jornal estará selecionando e ordenando as informações no sentido de atingir segmentos mais esclarecidos e prósperos da sociedade local. O jornal transmitirá os fatos que se passavam na Europa, à época, buscando relatá-los num processo de cumplicidade com seus públicos leitor e patrocinador –mercado publicitário –, utilizando, basicamente, dois recursos lingüísticos: a proximidade e a intensidade.

O primeiro recai na possibilidade do formador de opinião ser levado a uma situação de empatia com os acontecimentos, dando um caráter, ao receptor, de ambientação com as notícias; já o segundo remeterá à linguagem que buscará impressioná-lo, destacando a grandeza e minimizando dados no sentido de enaltecer a retórica do texto.

O processo de construção da notícia implicará na afirmação ideológica de determinado imaginário mediante a formulação de estereótipos como, por exemplo: o judeu-bolchevique, o imigo-público, a conspiração vermelha, a hidra comunista etc. Tais enquadramentos remetem à necessidade de construir agendas públicas (Wolff, 2008) com o propósito de disseminar estes valores na sociedade.

As informações serão dadas como arremedos de tais, como aparências. Duas modalidades de comunicação social, propaganda política e informação jornalística, atuarão juntas. Uma e outra se confundirão num mesmo texto ou imagem. Não só dar a notícia, mas apresentá-la com rituais de discursos. Combinação que se constituirá numa das armas mais potentes na disputa entre os blocos ideológicos que dominarão o cenário político internacional na década de 30. Traço que acompanhará a trajetória da grande imprensa.

A imprensa política

Notícias, agências internacionais, propaganda, publicidade, anúncios, discursos, indústria de consciência, relações políticas, econômicas e sociais. O jornalismo é um campo de conflitos, de

interesses em tensão, uma construção social estruturada e voltada à troca de fluxos comunicacionais entre os diversos agentes que contracenam com o mesmo.

Advindo dos ideais da iluminação filosófica, da razão, do conhecimento, o jornalismo vai gradativamente estabelecer seu lugar na sociedade como instituição voltada à legitimação política de determinados setores. A atividade não se apresenta na história com outra função. Seja evidenciando seus autofinaciadores-editores, quando o fazer jornalístico era compreendido na sua fase literária (panfletária ou romântica); seja buscando interceder na agenda pública como órgão presumivelmente capaz de influenciá-la, como se registra a conduta do jornal moderno a partir do final do século XIX.

Trata-se de uma reflexão do papel da imprensa no âmbito da esfera pública, a qual, conforme Habermas (1984), esse setor a integra por excelência, assim como a esfera política[3]. Compreender a imprensa requer a compreensão da matéria prima que a alimenta: a notícia. Estamos falando de fatos, produzidos ou não, que de alguma forma foram eleitos para integrar um *rool* de temas diariamente abordados pelo jornal. A publicação desses fatos projeta-se na possibilidade de serem entendidos como supostamente verdadeiros e informados ao público leitor. Deseja-se transformá-los em temas nas agendas públicas (Wolf, op. cit).

Neste aspecto, Eugênio Bucci (2000) chama-nos atenção acerca da deontologia do fazer jornalístico, a qual, segundo ele, inspira-se na idéia do imperativo categórico de Immanuel Kant (1724-1804). Portanto, para Bucci, dizer a verdade é um imperativo categórico fundador do jornalismo. O autor observa que o estabelecimento de uma ética jornalística faz-se necessária para o

[3] Habermas diferencia a esfera pública da privada. Para ele, enquanto a primeira compreende a participação de todos como agentes econômicos, políticos e jurídicos, a esfera privada, no seu entender, estaria voltada à intimidade, à sexualidade e à efetividade sustentada nos laços de relacionamentos não universais entre os indivíduos (Hebermas:1989).

que ele chama de "pacto de confiança entre a instituição do jornalismo e o público".

No entanto, esse "pacto de confiança", assumido por Bucci na perspectiva de entender o jornalismo numa sociedade democrática e plural, merece ser avaliado num sentido mais amplo. No nosso entendimento, a construção desse "pacto" se daria em meio às já mencionadas tensões e contradições que permeiam a prática jornalística.

Esse pacto de confiança não existe como entendimento de que o mesmo seria efetivado entre produtores e consumidores de notícias, colocados em situações estanques. O próprio Bucci admite que o jornalismo "é um estado de conflito". A atividade jornalística adquiriu potencialidades que ultrapassam as necessidades sociais exclusivas de determinados grupos ou classe.

A imprensa visa o acúmulo de capital social firmado no reconhecimento da sua atuação. Reconhecimento que deve ser dado, a priori, pelo conjunto da sociedade, entre todos os setores. É uma estratégia. E este reconhecimento, ao que nos parece, não se reflete necessariamente num pacto, mas sim num jogo de interesses, mútuos ou contraditórios, entre os diversos grupos que compõem a sociedade.

Por outro lado, esse "jogo" de tensões é traduzido por alguns autores como táticas de "manipulação" das informações. Marcondes Filho (1989) conceitua a *notícia* como "um meio de manipulação ideológica de grupos de poder social e uma forma de poder político" (ibidem., p. 13). O autor entende que esse processo (de manipulação) se daria em três dimensões: como fator de sobrevivência econômica dos órgãos de imprensa; como veiculador de ideologias; e como estabilizador político. Portanto, a decisão do que seja ou não notícia – critério de noticiabilidade –, e sua importância dentro do espaço do jornal, ainda que tenha o peso da arbitragem dos chamados "porteiros" da informação (*gate keeper*) (Wolf, op. cit), é oriunda de uma estratégia política-ideológica da empresa, que também é econômica.

A esfera pública

Na fase industrial, de empreendimento capitalista, estará a imprensa, no entender de Habermas, operando como entidade "pública". Um espaço onde as investidas dos agentes da esfera privada transformará o jornal num campo de disputas. É o momento que entra em cena os profissionais de relações públicas (*public relations*), introjetando no fazer jornalístico pontos de vista ancorados em estratégias publicitárias que utilizam a roupagem de "notícias".

É o momento em que uma enxurrada de despachos, "subsídios" e *press-releases* inundarão as redações das empresas jornalísticas. A disputa se dará entre os diversos grupos sociais que pretendem compor a esfera pública, buscando a hegemonia da mesma mediante a projeção de suas opiniões como "consensos" trasvestidos em "opinião pública". Essa operação será classificada por Habermas como "um aparelho que certamente representa um máximo de público, mas um mínimo de opinião". O campo jornalístico passa a ser palco de estratégias dos partidos políticos e do próprio aparelho do Estado, que também lançará mão desse instrumento.

Entendendo jornalismo como uma construção de conhecimento, fica claro que sua *práxis* não só reproduz fatos, mas, sobretudo, se encarrega de organizá-los, direcioná-los, lê-los e publicá-los conforme os níveis de interesses que se interponham à sua dinâmica. Tais estratégias evidenciam, em particular, o incessante diálogo da imprensa com a política, fato observado por Max Weber (2005) como uma espécie de vocação que abrange boa parte dos jornalistas e os lança diretamente no jogo político. Para Weber, trata-se de uma atividade intrinsecamente vocacional dos homens de imprensa.

Investimentos de imensas verbas canalizadas por governos, partidos políticos, empresários e entidades diversas para o que se convencionou chamar de veículos de comunicação de massa é uma realidade da imprensa da era moderna. Claro. O jornalis-

mo desse período se consolida na sociedade do século XX como um dos maiores instrumentos de difusão e visibilidade na esfera pública internacional, a arena onde as agências de notícias – inclusive as internacionais – atuarão disputando espaços.

O capital político almejado pelo Estado e pelas demais instituições políticas é uma forma de capital simbólico, posto que a notoriedade oferecida pelos mídias garante a visibilidade da imagem dessas instituições na esfera pública. Informação e opinião confundem-se num só discurso. Conforme Habermas, nesse enredo os critérios de noticiabilidade tendem a ser construídos em função dos fatos perpetrados pelos demais agentes que pretendem influir na esfera pública. A construção da notícia ocorre, então, em função dos "recortes". E o desfecho desse processo, por vezes, pode se dar na disputa simbólica entre esses agentes (internos e externos) no sentido de "emplacar" determinado tema.

De alguma forma, todos esses agentes objetivam veicular na mídia fatos por eles considerados como *verdadeiros*, uma diretiva do jornalismo do século XX. Fazendo uma reflexão sobre o tema, Américo de Souza (2002) elimina a possibilidade de se estabelecer algum conceito sobre a "verdade jornalística". Para o autor luso, "antes de ser verdade jornalística, a verdade já há de ser verdade, simplesmente".

Concluindo, no período em foco, o jornalismo no Brasil se ajustará à realidade imposta pelos acontecimentos políticos. A Revolução de 1930 buscava colocar o país no trilho do desenvolvimento sustentado pela produção, jogando na modernização das instituições e dos meios de produção o desafio de encarar este novo momento.

O Diário de Notícias da Bahia reflete este momento e se pauta na perspectiva da "objetividade", estruturando-se graficamente e apresentando as notícias no formato de *índice*, um mosaico de assuntos postos à disposição dos consumidores de informação. O leque de temas era amplo no jornal. Acontecimentos espetaculares e histórias sombrias e misteriosas, assim como o enquadramento de fatos envolvendo pessoas em diversas situações; crimes,

dramas passionais, destaques, projeções sociais etc, recheavam as páginas do periódico na década de 30.

Todavia, o vespertino da Rua Santos Dumont ainda guardava diversas características da chamada imprensa literária ou publicista. Talvez aí tenhamos um traço que venha a permear diversos outros órgãos de imprensa da Bahia e do Brasil naquele período, seguramente. Neste sentido, a postura de jornal de "*dono-editorialista-escritor*" mescla-se, mas não tenciona, com o *jornalismo-indústria*, que é marcante no veículo. A convivência dessas duas realidades é uma característica do Diário de Notícias entre 1935 e 1941 e que espelha o momento de transição do conjunto da imprensa soteropolitana. Transição marcada por certo atraso em relação às praças do centro sul do país, já que os principais jornais de Salvador na década de 30 ainda experimentavam diversas nuanças do jornalismo do século XIX. Todavia, o que se verificou no Diário de Notícias foi uma estratégia propagandística-mercadológica enquadrado na dinâmica da imprensa capitalista, com todos os requisitos para tal. A despeito de algumas características do jornalismo literário, o jornal se impôs na sociedade local respaldando-se na condição de órgão de imprensa cuja missão igualava-se à de diversos outros do país e do mundo: vender a mercadoria informação na condição de agente da esfera pública política. Assim entendemos.

Capítulo 1

Ode ao antiliberalismo

A trajetória do Diário de Notícias entre 1935 e 1941 decorre de um espectro ideológico que alcança boa parte do mundo à época, inclusive o Brasil. A perda de espaço do liberalismo na década de 30, tanto na Europa quanto na América Latina, resultará na ascensão de ideologias que preconizavam o surgimento de um novo homem, uma nova sociedade. O fascismo, o nazismo e o comunismo estarão em evidência no período, lutando para ocupar o espaço que se mostrava esgotado para os ideais liberais.

A Revolução de 1930 encontrou pouca ou quase nenhuma receptividade por parte das lideranças políticas locais da Bahia (Sampaio, 1992, p.57). No entanto, um jovem intelectual baiano, Altamirando Requião, foi um dos que saudaram a vitória dos tenentes. Lenço vermelho no pescoço, Requião juntou-se aos revolucionários aderindo à trajetória de Getúlio Vargas à frente do poder no país (Veiga, 1993, p. 86).

Desde que adquirira o jornal, em 1919, Altamirando Requião conciliou as atividades de jornalista e político, ainda que tenha dado mais ênfase à primeira (Santos, op., cit., p.56). A posição ideológica abraçada por ele e, via de conseqüência, pela linha editorial do seu jornal, assimilava o imaginário político-cultural do país na década de 30.

1.1 Direita, volver!

A finalidade totalitária que permeava o caldo político-literário-intelectual do Brasil neste período sustentava-se, basicamente, em quatro palavras chaves: anticomunismo, trabalho, pátria e moral. Segundo Eliana Dutra,

> A partir desses quatro pilares, espraiou-se pelo todo social um conjunto de práticas, normas e valores que confluíam para a preservação da ordem e da estabilidade social; para o controle das diferenças sociais, para o enquadramento do mundo do trabalho; para a racionalização do poder; unificando numa perspectiva totalitária empresários, integralistas, igreja, parlamentares, chefes de governo, burocracia estatal, intelectuais e imprensa (...) (Dutra, 1997, p.17).

Esse imaginário é reforçado no país com o golpe de 1937, tendo a Revolução Liberal de 1930 como precursora. O projeto do Estado Novo guardou muitas diferenças com o fascismo italiano e o nazismo alemão. Aqui não se estabeleceu nenhum projeto imperialista, expansionista ou anexionista. No entanto, o regime de Vargas desvelou práticas políticas com nuances fascistas. O grupo comandado pelo líder gaúcho formava um monolito de atuação que não admitia divergências nas diretrizes preconizadas pelos ideais de 1930 e reajustadas pelo golpe de 1937. Podemos classificar essa experiência como uma espécie de fascismo de periferia, ou criptofascismo.

São inúmeros e valiosos os subsídios dados no trabalho Estado Novo; Ideologia e Poder, no que diz respeito à interpretação de Lúcia Lippi Oliveira (1982, p.25 *in*...) em relação à natureza do regime que veio a ser implantado em 1937. Todavia, não coadunamos com a tese de que o regime de Vargas não refletia amplas associações com o fascismo. Discordamos da exclusividade desse movimento ser restrita à Itália e à Alemanha (De Felice, 1988,

p.79). Trata-se de um fenômeno muito mais amplo (Reich, 1988, p. 20).

Admitimos que esse traço ideológico no Brasil recaiu na afirmação de um estado forte, comandado por um grupo político disposto a transformar o poder sob a ótica antiliberal e anticomunista e com fortes nuanças anti-semitas (Carneiro, 1988, p. 249).

Concordamos com a opinião de Francisco Carlos Teixeira (2001) na qual

> (...) A tese da universalidade possível do fascismo implica na rejeição da exclusividade alemã do fenômeno, o que nos obriga aclarar previamente o que se considera, nesse caso, como fascismo (...) Poderíamos, de saída, afirmar que se reconhece como fascistas movimentos nacionalistas extremistas de estrutura hierárquica e autoritária e de ideologia antiliberal, antidemocrática e antisocialista, que fundaram ou intentaram fundar, após a I^{a} Guerra Mundial, regimes estatais autoritários (...) (Teixeira, 2001 *in* `www.ifcs.ufgj.br/tempo/pesquisadores.html`).

Ao contrário do conservadorismo ou de qualquer outro posicionamento de direita, o fascismo busca estabelecer um projeto alternativo ao liberalismo. E este projeto estava calcado na proposição do modelo coorporativista de Estado. O fortalecimento das ideologias de extrema direita na Europa (Itália, Portugal, Hungria, Espanha, Alemanha e outros) atuará como vitrine para grande parte da intelectualidade brasileira.

No caso do Integralismo, são registradas amplas associações desse movimento com grupos fascistas formados por italianos residentes no Brasil. O "chefe" Plínio Salgado mantinha intensa colaboração com órgãos fascistas na cidade de São Paulo (Bertonha, 2001, p. 85-104). Eram colaborações mútuas, envolvendo troca de espaços físicos para reunião de grupos, subvencionamentos financeiros e atividades conjuntas. Por vezes, os interesses entre

os dois grupamentos davam lugar a tensões. Os militantes fascistas receavam a cooptação de seus filhos por parte dos grupos integralistas. A despeito dessas contradições, pontuais, a ação do fascismo italiano foi útil à direita nacional no período do entre guerras. De acordo com Fábio Bertonha:

> "É impossível prever se nós teríamos tido o Integralismo ou o Estado Novo, por exemplo, sem esse referencial externo, mas é certo que estes movimentos teriam tido características bem diferentes sem ele (o fascismo italiano)" (Bertonha, ibidem).

E este novo amálgama ideológico terá a necessidade de se afirmar em todos os setores da sociedade, conduzindo à permanente mobilização das entidades de classe, como sindicatos, associações empresariais, imprensa, escolas etc. Era preciso legitimar o novo regime, o Estado Novo, e sua opção política visa propiciar a movimentação permanente nas massas. É a revolução conservadora (Bobbio, 2001, p. 57), que busca construir um "novo mundo", cultural, econômico e político (De Felice, op., cit., p. 29-30).

1.2 A seara local

Como já dito, a Revolução de 1930 não vingou na Bahia. À frente da interventoria, na verdade Juraci Montenegro Magalhães compôs com as oligarquias do interior do Estado para governar, estabelecendo sólida base política entre os coronéis baianos (Sampaio, op., cit., p. 76).

A despeito desse quadro, a força do integralismo baiano mostrava-se pujante, inclusive com forte penetração fora da capital. À mercê da pífia atuação do então proscrito Partido Comunista Brasileiro (PCB) na Bahia, a Ação Integralista do Brasil (AIB) crescia no Estado. Foram criados diretórios provinciais nas cidades de Ilhéus, Itabuna, Canavieiras, Belmonte, Tucano, Serrinha, Ribeira do Pombal, Santo Amaro e Feira de Santana. Em 1936

a entidade comandada por Plínio Salgado elegeu o prefeito da cidade de Santa Inêz.

O Diário de Notícias estará sintonizado com esse momento, seja servindo de porta-voz à interventoria de Juracy Magalhães; seja apoiando a candidatura natimorta de José Américo de Almeida à Presidência; seja praticando um discurso inclinado para o fascismo na condição de defensor do Estado Novo e de todos os regimes fortes de direita que se mostravam em evidência no período em voga. Tratava-se de um discurso "inovador", capaz de conduzir todas as classes sociais à compreensão de que esta mudança não residia na alteração nem na eliminação das contradições entre elas, mas sim na concepção de um estado forte, que forjasse um pacto no qual o corpo social seria substituído pelo corpo estatal. E nesse corpo-estado os antagonismos entre "classes" não existem, posto que é algo "novo" e que o supera.

A manutenção dos ideais liberais também está posta em cheque. O liberalismo é visto como ideologia complacente com a articulação do bolchevismo internacional "capitaneado pelo judaísmo predador e marxista" (Carneiro, op., cit., p.32). O jogo dessa representação de imagens vai unir, numa mesma seara, o banqueiro inglês Rothschild e o ministro das Relações Exteriores da Rússia, Litvinof, ambos vistos como "judeus que tinham como objetivo destruir a sociedade-estado brasileira". Se internamente não existe contradição de classe, também não existirá diferença entre os objetivos do capitalismo judeu e do comunismo soviético. Estas são ideologias alienígenas que porão em risco a "unidade" da pátria.

É o momento de fortalecer os aparelhos de Estado no sentido de preservar a moral, os costumes e a disciplina. Era preciso reforçar os alicerces para evitar o desmoronamento do monolito político que fora projetado pela Revolução de 1930 e que resultou no advento do Estado Novo. O mês de novembro de 1935 é decisivo. As revoltas capitaneadas pela Aliança Nacional Libertadora (ANL) – frente popular liderada pelo PCB – em Recife, Rio de Janeiro e no Rio Grande do Norte, deixam os segmentos

à direita da sociedade política numa espécie de estado de alerta. O Estado se mobiliza. Com a promulgação da Lei de Segurança Nacional[1], a famigerada "Lei Monstro", que fora instituída em 4 de abril de 1935, milhares de prisões são realizadas por todo país e o comunismo é eleito como o mal maior a ameaçar a sociedade. Neste momento é instalado o Tribunal de Segurança Nacional e se decreta o Estado de Sítio, que fica comparado ao Estado de Guerra.

Paralelo a essas medidas se estabelece a censura à imprensa independente e/ou de oposição. Sindicatos e associações de trabalhadores que não coadunavam com a política de Vargas também são fechados. Em 1936 o líder comunista Luis Carlos Prestes e sua mulher Olga Benário são presos. Posteriormente Olga seria enviada para os campos de concentração nazistas mediante trama urdida pela ala germanófila do governo de Getúlio, que contou com a complacência do próprio (Morais, 1994, p. 167).

Essa mobilização vai ganhar um aliado de peso: a Igreja Católica. Desde a Revolução de 1930 o clero do país buscava a reaproximação com o Estado, tentando recompor o espaço perdido durante a República Velha, que havia constituído um Estado laico. Neste mesmo ano é fundada a Ação Católica Brasileira nos moldes da AC italiana. São organizações que decorrem da ação diplomática do Vaticano. A Santa Sé havia estabelecido concordatas com diversos países da Europa e das Américas a fim de fortalecer a influência da Igreja (Gramsci, 1980, p.272-280). Na década de 30 são realizados diversos congressos eucarísticos pelo país demonstrando a força do catolicismo, que neste momento vê a possibilidade de ampliar sua influência no Estado.

E é nesta centrífuga político-ideológica que o Brasil se encontrava. A argamassa que moldou uma das situações políticas mais autoritárias e violentas que a República brasileira já experimentou, o Estado Novo. Um regime que não foi apenas uma exceção temporária, mas um campo de experimentação e aplicação

[1] Coleção de Leis da República, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, pp. 36-44, 1936.

de idéias que puseram o país no *roll* das experiências fascistizantes que figuraram entre os anos 30 e 40.

1.3 Jornalista de posição declarada

Altamirando Requião à frente, o Diário de Notícias foi o único jornal local que apoiou a interventoria de Juracy Magalhães na Bahia. Os outros órgãos de imprensa de Salvador daquele período, o Imparcial, o Diário da Bahia e A Tarde, não admitiram o processo intervencionista. A Tarde se postou como uma tribuna para o movimento Autonomista, formado por políticos locais que não digeriram um interventor cearense. Sobre este, tratava-se de uma discordância meramente regional e sem nenhum teor ideológico.

Ao escrever a biografia de Altamirando Requião – *Atravessando um século* –, Cláudio Veiga (1993) define a pena do jornalista como uma "trincheira" na luta contra as potências do Eixo. Talvez aí tenhamos apenas uma faceta de Requião, posterior à venda do seu jornal a Antonio Balbino, ocorrida em 1939. A atitude de Requião não é a mesma registrada entre janeiro de 1935 e dezembro de 1939, quando esteve à frente da redação do jornal. Neste período, o jornalista abrirá as páginas do seu vespertino às incursões de diversos colaboradores alemães encarregados de propagandear, informar e dar vivas à expansão nazista[2]. A atuação do jornalista também não dará margens à dúvida quanto ao seu engajamento ideológico, de nítida inclinação fascista. Seus editoriais não só condenarão à "morte" o "antigo regime", liberal, como endossarão os "governos fortes". No editorial *Sobre democracia e ditaduras*, publicado em 1935, Requião elogia a campanha do movimento integralista.

> (...) as últimas demonstrações de vitalidade da campanha do Sigma fizeram, todavia, nascer, brotar

[2] Detalharemos a participação desses "colaboradores" alemães nos próximos capítulos.

> e expandir-se, no espírito dos amigos da Democracia, essa espécie de pudor político que procura um sentido novo de revigoramento para aquela, no confessado culto pelas suas excelsitudes e bandeiras, postas em cheque e em rasa negação por decidios antagonistas (...) (Diário de Notícias, 12/11/1935, edição nº 9534, capa).

Para ele, o integralismo era um exemplo político. A ameaça ao monobloco engendrado pela Revolução de 1930 poderia ser desencadeada pelo liberalismo ao permitir a convivência de idéias opostas (*decidios antagonistas*), o que poria em cheque a "Democracia". Na opinião de Requião, esse sistema político só teria continuidade com o "revigoramento" proposto pelo pensamento integralista.

A representação da sociedade como um corpo uno, inquebrantável, vai projetar imagens que estabelecerão a relação entre o corpo social e o organismo humano. Um e outro se confundirão. É o próprio Estado espelhado no indivíduo. E se este se encontra com determinada tormenta ou "doença", deverá ser processado seu tratamento. É o que ocorre quando Altamirando Requião assina editorial arguindo o estado de exceção, que depois se materializou na implantação da Lei de Segurança Nacional, a "Lei Monstro".

> O regime de governo existente no Brasil encontra-se no grave estado a que muitos morbos assaltaram (...) propõe-se a junta médica que, hoje o socorre e orienta, fazê-lo recuperar a sua saúde para a obra urgente do futuro. O tratamento vai começar, ao que se afirma, com a Lei de Segurança Nacional, prestes a entrar na Câmara Federal. Depois será completado com os mais oportunos recursos da Ciência do Direito, da Moral e da Economia. Não nos desiludamos, por enquanto. Vamos esperar (...) Mas, se, depois de todos os esforços, notificarmos afinal que a doença

> é incurável, não haverá outro caminho...Paz à alma do extinto... (Diário de Notícias, 12/11/35, edição nº 9534, capa).

O jornalista reporta-se à sociedade imputando-lhe a ameaça do "tratamento" para a "debilitação" do Estado, "a que muitos morbos assaltaram". Requião justifica a brutal repressão que será desencadeada contra os opositores do regime, equiparando-a a um remédio necessário. E esses "medicamentos" serão representados pela Estado de exceção (os recursos da Ciência do Direito e da Moral) e pelo processo de intervenção gradual na vida econômica. É a própria negação da individualidade e da pluralidade social, transformando a fórceps a sociedade num monolito de interesses.

Em outra ocasião, o jornalista comentará a situação internacional condenando os partidários republicanos da Espanha que lutavam contra o exército franquista numa das guerras civis mais sangrentas da humanidade. O artigo *Castigo aos Reprobos!* traz insinuações racistas e anti-semitas e o governo espanhol, constitucionalmente legítimo, é visto como uma "horda de aventureiros". Segue trecho:

> Deus vela pelas boas causas! (...) Para a honra da latinidade e das linhas raciais arianas, podemos nós assignalar a existência, também, entre os espanhóes, das figuras insignes e reahbilitadoras, como a desses generais Francisco Franco e Emílio Molla (...)
>
> A estas horas os responsáveis por tantas vidas sacrificadas, os causadores de tantas ruínas (...) fogem de Madrid para Valencia (...) se os libertadores penetrassem as portas da capital, aquele mesmo Largo Caballero, de incomensuráveis audacias, em vez de cumprir sua promessa, sentindo próximo o castigo, voa, pusillanime, de parceria com o judeu Rosemberg, embaixador dos soviets para as costas do Mediterâneo (...)
>
> Deus vêla pelas bôas causas!

> Ponhamos bem alto o coração, e saudemos os defensores da memória de tantos martyres sublimes, gritando, como castigo severo, aos vendilhões da própria Pátria:
>
> Avé Franco! Avé Molla! Avé legionários nacionalistas! (Diário de Notícias, 09/11/36, edição nº 9828).

Ao trabalhar a dualidade bem x mal, Altamirando Requião estará apontando a conexão existente entre o poder e a estrutura religiosa. O sagrado legitima o poder dos golpistas comandados por Francisco Franco (*Deus Vela pelas boas causas!*).

A simpatia de Altamirando Requião pelo ideário integralista não é negada por Cláudio Veiga (op. Cit). Ainda assim, ele aponta a opção ideológica de Requião como algo passageiro, que viera a se modificar com o desenrolar dos acontecimentos nos âmbitos nacional e internacional. Conforme Veiga:

> Altamirando Requião se encontrava entre os simpatizantes do Integralismo. Na verdade, parece que nunca viu com bons olhos o comunismo. No entanto, distanciou-se cada vez mais do Integralismo, de acordo com a evolução política regional e até mundial (Veiga, op., cit., p.90).

Cláudio Veiga afirma um suposto distanciamento do Integralismo por parte de Requião já no ano de 1936 (Veiga, ibidem, p.91). Não é o que se constata. Após decretado o Estado Novo, quando a AIB já fora posta na ilegalidade, Requião, ainda que nunca tenha se filiado à entidade, não esconderá sua simpatia à organização, que passara a se chamar Associação Brasileira de Cultura por conta da extinção dos partidos políticos em decorrência do golpe de 1937.

Uma dessas demonstrações de simpatia se deu no dia do aniversário de Plínio Salgado, em 22 de janeiro de 1938. Nesta data, Requião publica em seu jornal o editorial *Homem de Fé*. Segue trechos:

> Noticiam-se os jornais o anniversário, hoje, do Sr. Plínio Salgado (...) Quando consideramos que de fato está extinta a ação política do Sr. Plínio Salgado, em face da carta norteadora da democracia autoritária, de mais nada careceremos, para reconhecer o grande valor cívico, já assignalado, naquillo que ele doutrinou, organizou e erigiu: a sua campanha de salvação do Brazil das garras do communismo eversor e materialista (Diário de Notícias, 22/01/38, edição nº 10.179).

Num outro trecho do mesmo editorial, Requião ressalta que Plínio Salgado conseguiu construir uma obra doutrinária que arregimentou aqueles que "*pelos vícios do passado (liberalismo), estavam, antes, habituados a pensar mais no próprio ego do que nos impositivos do bem público!"*.

Ainda que desvelasse simpatias pela Ação Integralista, Altamirando Requião não se distanciará do seu lugar-tenente na defesa do golpe do Estado Novo. O jornalista colocará seu jornal a serviço da propaganda política do recém instalado regime. Os textos serão publicados em destaque, acima da cabeça de página, funcionando como uma espécie de aviso ao leitor. Eram peças propagandísticas, em formato de editorial, com agudo teor de alerta contra o comunismo.

Um desses textos justificará o golpe de 1937 utilizando discursos que remeterão às imagens da "destruição" causada pelos constitucionalistas na Espanha. O Brasil "salvo" por Getúlio e a Espanha por Franco têm suas situações políticas comparadas no editorial *A Espanha deve ser um espelho aos nossos olhos*, publicado uma semana após a decretação do Estado Novo.

> Os seus templos destruídos. Massacrada a sua gente. Sem respeito aos lares, a patuléa communista a tudo enxovalha e degrada. Scenário de todas as ignominias, a gloriosa Pátria de Cervantes e de Blasco,

> apodreceria e dentro em breve desapareceria do mappa das Nações, se a dignidade e o patriotismo do seu povo não a libertassem do bolchevismo, da lepra moscovita que ameaça todo mundo! (Diário de Notícias, 17/11/37, edição nº 10.127, capa).

Aqui, novamente, o recurso da linguagem médica associa a ideologia comunista à doença da lepra, um mal contagioso (a lepra moscovita) "que ameaça todo o mundo". É a "saúde pública" do organismo político do Estado que está sob ameaça. A concepção, que, conforme Eliana Dutra (1997), dá sentido às metáforas médicas e ideológicas, recurso vastamente utilizado na década de 30. Estabelecem-se analogias entre o comunismo e a doença.

Na mesma edição, como numa espécie de reforço ao alerta dado pelo texto anterior, os brasileiros são convocados a apoiar a ditadura estadonovista e se posicionar contra o comunismo. Segundo Requião:

> Nenhum brazileiro verdadeiramente patriota, póde vacilar, na hora actual, em dar o seu apoio, aos poderes da República, no combate, sem tréguas, ao commnunismo. Prossigamos, pois, com o mesmo vigor, de início, na campanha contra os agentes de Moscou! (Diário de Notícias, 17/11/37, edição nº 10.127, p. 2)

Dois anos depois, em 15 de setembro de 1939, mês em que a Alemanha invadia a Polônia e iniciava a Segunda Grande Guerra, Altamirando Requião classificou a ação do IIIº Reich de "O colosso". Em editorial publicado nesse dia, o jornalista usa alguns adjetivos para definir Adolf Hitler: "Homem-lábaro"; "Homem-fé" e "Homem-predestinado". Na conclusão do seu editorial, ele escreve: "*A Alemanha de novo engrandecida e revigorada (...) maior do que a Roma de Júlio César*".

Antes, em 27 de março de 1939, Altamirando Requião havia destacado o pronunciamento do líder fascista italiano Benito Mussolini:

> (...) Roma apresenta-se-nos, mais uma vez, naquele momento, como definidora de situações, traçando em nossos espíritos o diagrama representativo do amanhã da humanidade, cujo destino está oscilando (...) estas são palavras (de Mussolini) de fé (...)

A inclinação pró-Alemanha no Diário de Notícias, assim como para seus futuros aliados, vai gradativamente ganhando destaque na cobertura do cenário internacional. A disputa envolvendo a Alemanha e a França pela região fronteiriça do Sarrebruck, cujas minas de carvão foram cedidas ao governo francês como forma de compensação de guerra prevista no Tratado de Versalhes, levou outro comentarista político do DN, Eusébio Cardoso, a desenvolver tórrida campanha a favor do governo alemão em 1935. Segue uma das manifestações desse jornalista:

> O mal é poderoso, por vezes, parece mais poderoso que o bem, contudo, o final é, sempre, a vitória da Justiça Divina. O Sarre será alemão e a Alemanha terá um grande futuro glorioso e assinalado entre as nações do porvir (Diário de Notícias, 12/01/1935, edição nº 9287, p. 2)

Na ocasião do segundo aniversário do regime nazista à frente do poder, é publicado editorial sintomático no Diário de Notícias no dia 29 de janeiro de 1935. De título *O primeiro ano de evolução Nacional-socialista na Alemanha*, o texto afirma que aquele regime poderia servir de exemplo para o mundo. Segundo a opinião:

> O ano de 1933 foi o da Revolução alemã (...) A Alemanha de Hitler vive, tornando-se uma realidade

> fortíssima que ninguém mais pode eliminar (...) o Nacional-socialismo alemão está predestinado a fazer escola e servir de exemplo para o mundo (Diário de Notícias, 29/01/1935, edição nº 9302, p. 3).

1.4 Intelectuais a serviço da causa

Tais posicionamentos indicam a participação do Diário de Notícias como órgão de imprensa voltado à construção de um discurso fascistizante. A linha editorial do jornal, à época, compôs o bloco histórico que norteou as diretrizes do regime implantado em 1937 (Gramsci, 1968). Tratava-se de leitura ideológica com estreita relação com doutrinas de extrema direita na Europa. O discurso perpetrado por Requião assimilava o de diversos intelectuais que se encarregaram de "pensar" o país naquele momento, a exemplo de Gustavo Barroso, Oliveira Viana, Tenório de Albuquerque, Azevedo Amaral e Miguel Reale.

Três deles merecem comentários. O cearense Gustavo Barroso traduziu em 1933 a obra apócrifa *Os Protocolos dos Sábios de Sião*. O livro lançava a idéia de um suposto complô israelita internacional para dominar o mundo e esmagar a sociedade cristã. Barroso chegou a ser respeitado na Alemanha nazista pela sua produção literária, tendo suas obras elogiadas pelo jornal *Der Sürmer*, pertencente a Julius Streicher, o "papa" do racismo alemão (Carneiro, op., cit., p. 355).

Já Tenório de Albuquerque exaltou a figura de Adolf Hitler. Foi o autor de *A Alemanha Grandiosa*, um trabalho recheado de odes à atuação do governo nazista. O jurista e integralista Miguel Reale, por sua vez, posicionava-se contra o "espírito judaico". Reale deixava evidente que a luta contra o capitalismo (liberal) passava pela condenação da influência judaica no país (Carneiro, ibidem, p. 379).

Altamirando Requião e alguns dos seus colegas de redação, a exemplo de Eusébio Cardoso, seriam intelectuais de menor grau

hierárquico em relação ao "primeiro time" de pensadores do Estado Novo. Requião, ainda que tivesse assumido o cargo de deputado federal pelo Partido Social Democrático (PSD) da Bahia até dezembro de 1937, orbitava em torno da política nacional sem, no entanto, exercer maior influência sobre o pensamento da mesma[3]. Todavia, ao longo do período em que o jornalista esteve à frente da Redação do Diário de Notícias, o jornal manteve-se aberto à participação de intelectuais de maior envergadura e que exerciam influência no poder federal.

É o caso de Azevedo Amaral, cujas participações no vespertino sempre eram acompanhadas pelo enunciado: *Comissão de Doutrina e Divulgação; Exclusividade para o Diário de Notícias da Bahia*. Numa delas, Amaral discorre sobre o sentido da democracia, buscando uma nova "interpretação" do termo após o golpe do Estado Novo, em 1937. O documento é publicado com o título *Democracia e superstições democráticas*. Segue trecho:

> No Brazil vivemos mais de um século envolvidos numa atmosfera de ilusões, através da qual nunca podemos perceber o que constituía a essência da democracia. A Constituição de 10 de novembro concretizou a mais profunda revolução na nossa história, por isso que nos emancipou do ambiente de ficções e de crendices políticas, em que havíamos vivido durante tantas gerações (Diário de Notícias, 12/01/38, edição nº 10.170, p. 2)

1.5 Sob o comando de Antonio Balbino

O Diário de Notícias não altera sua linha editorial quando Antonio Balbino de Carvalho assume o controle da empresa, em

[3] Enquanto deputado federal no período de 1935 a 1937, Altamirando Requião figurou como um parlamentar em defesa da classe dos bancários. Na Câmara Federal, apresentou Projeto de Lei no sentido de regulamentar a profissão, estabelecendo um piso mínimo do salário para a categoria.

1939. Para adquirir o jornal, Balbino teve como avalista o coronel Franklin Lins de Albuquerque, chefe político da cidade de Pilão Arcado, nordeste da Bahia, que também controlava outro jornal na capital baiana, *O Imparcial*, que durante algum tempo assumiu posição editorial de tendência integralista.

Na opinião do escritor e jornalista Walfrido Morais[4], que militou na imprensa local no período em questão, o coronel se auto declarava germanófilo por uma "questão angular". A informação é confirmada pelo advogado Rubem Nogueira[5], líder integralista baiano na década de 30 e jornalista do Diário de Notícias de março a dezembro de 1935. Walfrido Morais acrescenta ainda que o coronel Franklin Lins de Albuquerque detinha a maioria das ações do Diário de Notícias enquanto Balbino esteve à frente do comando do jornal[6].

Um dos primeiros editoriais do DN sob a direção de Balbino é publicado em 04/01/1940 com o título *O conceito de opinião*. O texto sintoniza com a mesma linha editorial do antigo diretor de redação. O liberalismo é novamente condenado mediante a afirmação dos ideais propostos pelo Estado Novo. Pois...

> Estavamos no paraíso da mystifação. Franquias liberaes só para a rethorica dos seus falsos apostolos, a serem notadas de longe, para inglês ver (...)

Nesse mesmo texto, o Diário de Notícias sob o comando de Balbino reiterará as virtudes do regime do Terceiro Reich.

> Na Alemanha, no governo militarizado de Hindemburgo, num pleito presidencial – Hitler, o seu grande adversário, conseguiu uma votação que, entre nós, jamais alcançaria um opposiocionista, embora este se chamasse Ruy Barbosa. E só com um regime de justiça, de aproveitamento de aptidões, de

[4] Walfrido Morais concedeu entrevista a este autor em 21/03/2003.
[5] Rubem Nogueira concedeu entrevista a este autor em 29/04/2003.
[6] Discutiremos essa relação na conclusão do trabalho.

> largo desenvolvimento de educação popular, chegaremos a essa situação. Não é bastante que neste grande país os governos sejam operosos e honestos (Diário de Notícias, 04/01/1940, edição nº 10.776, capa).

Estando a serviço da consolidação do regime de Vargas e tendo como referência positiva a ascensão da Alemanha nazista, já em guerra nesta data, assim como Requião, Balbino também comporá o grupo de intelectuais que difundirá a visão de mundo dos segmentos dominantes. No texto citado, a "educação popular" – na verdade doutrinação – projeta a possibilidade de uma trilha comum entre o Brasil e a Alemanha, onde, segundo o editorial, havia se instalado "um regime de justiça, de aproveitamento de aptidões, de largo desenvolvimento de educação popular".

A "honestidade" e a "operosidade" do governo alemão em pleno ano de 1940, quando os nazis já massacravam populações civis européias, inclusive com assassinatos em massa, denota o nível de influência exercido pela propaganda ideológica nazista em segmentos intelectuais do país. No caso do Diário de Notícias, os posicionamentos dos seus dirigentes já assimilavam tais influências, conforme pôde ser constatado nos exemplos supracitados.

Estes textos definem a construção de novos paradigmas. O Estado Novo exercia forte controle às diferenças de opinião que viessem por em risco a hegemonia do poder político dominante. O combate ao comunismo como mal maior, demonizado, judaizado e desagregador da sociedade brasileira, encontrará na poderosa campanha internacional movida pelo regime nazista da Alemanha uma referência que atravessará fronteiras. A partir de 1935 o DN é parte deste enredo e suas afinidades com a Alemanha não se limitarão às simpatias ideológicas. O jornal negociará espaços aos engenhosos instrumentos de comunicação criados por Josef Goebbles e Adolf Hitler. Ambos os proprietários citados agiram na verdade como agentes dessa empreitada. Vamos aos fatos.

Capítulo 2

O nazismo como referência

2.1 A ação da mídia alemã no Brasil

Um comentário muito comum nas páginas do Diário de Notícias durante o ano de 1935:

> A mensagem salvadora de Hitler, que num apelo à idéia nacional, exige das classes abastadas sacrifícios enormes e auxilia, visivelmente, as classes populares mais expostas a toda sorte de sofrimentos, dando-lhes trabalho e auxiliando grandes transformações econômicas jamais testadas anteriormente, faz nascer naquele povo de grande cultura novas esperanças contra as forças destruidoras que emanam do tratado de Versalhes (Hermann Dudenhoeffer, Diário de Notícias, 1935, edição nº 9321, p. 2)

A primeira pergunta que surge: qual a intenção deste texto, escrito por um alemão e publicado num jornal do nordeste do Brasil? Não sendo notícia e sim comentário com alto teor propagandístico, a que público se queria atingir?

Trata-se de propaganda germanófila, de ideologia nazista que, segundo Hanna Arendt (op., cit.,), espalha sua atuação no exterior a partir de uma tática.

> "(...) o domínio totalitário (nazista) procura restringir os métodos propagandísticos unicamente à sua política externa ou às ramificações do movimento no exterior, a fim de lhes fornecer material adequado (...) Na medida do possível, estabelece-se, logo na fase anterior à tomada do poder, a diferença entre a doutrina ideológica (...) e a propaganda para o mundo exterior" (Arendt, ibidem, p.392).

É esta propaganda para o "mundo exterior" que será observada no Diário de Notícias. Um jornal que atuava numa sociedade, à época, com alto índice de analfabetismo, cerca de 92% da população soterpolitana (Sampaio, 1995, p.86 *in*), percentual que deduz diminuto número de leitores de jornais em Salvador naquele período[1]. A capital baiana dos anos 30, ainda que empreendesse um processo de transformação urbana, contava com reduzidíssimo público consumidor de bens culturais. Mantinha-se estagnada neste aspecto e colocava-se à margem do processo de modernização que se processava em outros centros do país (Miguez, 2002, p. 87).

A despeito desse quadro, a partir de 1935 o DN passa a contar com diversos colaboradores alemães em suas páginas. Estes apresentarão a Alemanha sob vários ângulos: social, econômico, político, religioso etc. Hermann Dudennhoeffer, Ernest Müller, Walter Gros, Otto Ernest, Conde Sohwerin von Krosigk, o Barão von Rheinbaben e Karl Schwendemann estarão entre os primeiros a ocupar as páginas do jornal para propagandear os feitos do governo do Terceiro Reich. Os alvos destas mensagens serão os formadores de opinião e, seguramente, os agentes econômicos alemães sediados na Bahia, e não necessariamente o diminuto público leitor de jornais de Salvador à época.

A campanha estava em marcha. O posicionamento de jornais em favor da Alemanha Nazista naquele momento não é um fato

[1] Não encontramos nenhum documento que exibisse os números de circulação do Diário de Notícias neste período. Os exemplares do jornal não traziam a informação.

desconhecido da trajetória da imprensa no Brasil. A propaganda germânica já operava em colônias dos estados do sul, onde o Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães (NSDAP)[2] atuava desde 1931 (Moraes, 1996, p.104). Notícias sobre a Alemanha eram frequentes na imprensa de língua germânica que circulava entre os moradores das colônias (Choen, 1988, p. 7).

Ancorada na maximização publicitária, a conduta editorial do DN entre 1935 e 1941 é marcada por farta participação de material de empresas alemãs. Conforme já visto, firmas como a Westphanlen Bach, Krohn e Cia, a Suerdick e a Danemann e a Viação Aérea Condor estavam entre os anunciantes de peso do periódico. O capital alemão no Estado exercia significativa influência na Associação Comercial da Bahia (Sampaio, 2001, p. 1847 *in*...), entidade que representava a elite econômica regional. E o Diário de Notícias mantinha-se como porta-voz dessa entidade desde o início do século XX.

O apoio do jornal à Alemanha durante a Primeira Guerra Mundial já indiciava esta tendência. Conforme Consuelo Novais (2001):

> (...) Esta posição do Diário de Notícias refletia não somente os sentimentos germanófilos do seu proprietário, coronel Ferreira do Amaral, mas também a grande dependência da elite comercial baiana (...) em

[2] Sobre a atuação do NSDAP no Brasil, dois trabalhos são significativos para entender a presença desse partido no país. O primeiro, lançado em 1988, trata-se da dissertação de mestrado de Esther Cohen na Universidade Federal Fluminense (UFF), O Governo Federal e o Partido Nazista no Brasil. O segundo é o de Luis Edmundo de Souza Moraes, *Ein Volk, Ein Reich, Ein Führer!*; A Seção Brasileira do Partido Nazista, dissertação de mestrado defendida no Museu Nacional da UFRJ, em 1996. São excelentes pesquisas que apresentaram um panorama detalhado sobre a movimentação do NSDAP no Brasil. A dissertação de Cohen aborda as relações políticas entre o NSDAP e o governo de Vargas, enquanto que o trabalho de Moraes concentra-se mais na organização interna da agremiação, estabelecendo uma discussão sobre os seus objetivos no Brasil.

> relação a firmas e capitais alemães (...) (ibidem, p. 1847).

Quando da compra do vespertino baiano pelo grupo incorporado por Requião, Consuelo Novais informa que a sociedade anônima da empresa, constituída após essa operação, era "integrada por altos comerciantes". No início da década de 20 o Diário de Notícias abocanhava a totalidade dos investimentos em ações nos jornais locais por parte da Associação Comercial da Bahia, que detinha 20 cotas de ações da empresa (Santos, op., cit., p. 49).

Considerando a influência do capital alemão, fica clara a conexão entre a Associação Comercial da Bahia e o os anúncios publicitários de empresas germânicas no Diário de Notícias. As inserções eram diárias e todas as contracapas (integrais) no período em questão das edições de final de ano eram ocupadas por anúncios de empresas alemãs.

A situação relatada nos obriga a remeter a um breve entendimento acerca das relações comerciais entre Brasil e Alemanha nessa época. Relações que se deram em sintonia com a movimentação política do III^{o} Reich no país.

2.2 Relações comerciais em ascensão

Não iremos (nem podemos) esgotar aqui a análise que recai nas transações comerciais que envolveram os dois países no período em voga. Não é o nosso objeto. Todavia, alguns aspectos deste quesito merecem ser mencionados, posto que o mesmo exerceu forte influência nas relações políticas entre Brasil e Alemanha no período em foco.

René Gertz (1996) nos chama atenção para o fato de que muitos integrantes do NSDAP no país mantivessem relacionamento de trabalho com empresas alemãs que aqui operavam. Afirma René Gertz sobre esta situação: "a adesão (por parte dos empre-

sários) ao partido era quase uma obrigatoriedade" (Gertz, 1996, *in* www.tau.ac.il/eial/VII_1/index.html#articulos).

Vale lembrar que na Bahia o setor fumageiro local mantinha profícuo comércio com a Alemanha, que figurava então como o principal país importador do produto baiano. Empresários germânicos estabelecidos no Estado chegaram a financiar linhas de créditos para produtores de fumo. Nos anos 30, a média anual da quantidade de fumo em folha exportada para a Europa, com destaque para o mercado alemão, atingiu cerca de 25 mil toneladas, o equivalente a quase 350 mil fardos de 75 quilos (Ramos, 1990, p.35). No comércio de cacau, as firmas alemãs também eram responsáveis por grande parte das exportações do produto.

Em 1934 a Alemanha ocupava o quarto lugar no comércio externo com o Brasil, contribuindo com 14% das importações e 13% das exportações. Quatro anos depois, o Brasil já era o principal comprador de produtos alemães. Em 1938, 25% do total importado pelo país eram de origem germânica. Nas exportações, nesse mesmo ano, a Alemanha situava-se em segundo lugar, contribuindo com 19% das compras dos produtos nacionais (Corsi, 1999, p.60).

O quadro reflete a guinada diplomática brasileira que buscava se distanciar da influência norte-americana. Luiz Corsi esclarece que o Tratado Comercial efetuado em 1935 com os EUA previa a liberalização do câmbio e enquadrava o Brasil à política econômica estadunidense, coibindo qualquer possibilidade de uma atuação comercial mais independente por parte do país. Contudo, o Governo de Vargas não seguiu tal procedimento, passando a incrementar, a partir de 1936, o comércio bilateral com a Alemanha. Fora contrariado o acordo efetuado com o Governo dos EUA e o Brasil se distanciava da área de influência norte-americana (Corsi, op., cit., p.59). A tabela que se segue nos dá uma noção mais detalhada desse quadro (Cohen, op., cit., p.80):

Evolução do comércio brasileiro com a Alemanha (1933-1937) – em milhares de cruzeiros.

Ano	Exportação	Importação
1933	228.920	262.887
1934	433.579	350.763
1935	679.504	799.732
1936	645.639	1.002.597
1937	871.741	1.270.348

Fonte: Seintenfus, Ricardo Antônio da Silva – O Brasil de Getúlio Vargas e a formação dos blocos 1930-1942. – São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1985, p.81. (O autor baseou-se na seguinte fonte: Ministério das Relações Exteriores, Boletim nº 11, junho de 1940, p.17)

2.3 Vendendo uma ideologia – a ação do NSDAP

Paralela a essa movimentação de caráter econômico, o governo alemão passou a desempenhar forte campanha ideológica na América Latina (Corsi, op., cit., p.50). No Brasil, esta ação ficará a cargo da Embaixada alemã, no Rio de Janeiro, e dos seus consulados espalhados pelo país. A Bahia é inclusa nesta estratégia.

Indo ao encontro da questão econômica, Stanley Hilton (1977) afirma que, a partir de 1935, à medida que a crise política ganha corpo na Europa, crescerá o interesse da política externa alemã pelo Brasil: "Os estrategistas alemães consideravam o Brasil um país basicamente amigo, do ponto de vista político (...) em relação ao Reich" (Hilton, ibidem, p.22).

A propaganda alemã em solo brasileiro se articulou mediante a movimentação do NSDAP, através da Organização do Exterior[3] do partido. Esta ação ganhou volume nos primeiros anos da dé-

[3] Esse organismo era responsável pela organização de todas as seções do Partido Nazista que se movimentavam no exterior. Era dirigida pelo Marechal Goering, homem de confiança de Hitler.

cada de 30. Vale lembrar que o NSDAP nunca constituiu qualquer vínculo jurídico no Brasil (Moraes, op., cit., p.120) (Cohen, op., cit., p.78). Antonio de Lara Ribas (1944), citado por Luiz Edmundo de Souza Moraes, faz a seguinte consideração sobre a atuação do Partido Nazista fora da Alemanha:

> (O NSDAP) em obediência ao velho sonho de expansão, voltou desde logo as suas vistas para o exterior, promovendo uma propaganda de agitação político-racista que atingiu os recantos mais pacatos e longínquos de todas as nações do globo (...) através de células políticas subordinadas à Organização do Exterior do NSDAP (...) (Ribas, 1944., p. 205 *in*....).

A implantação de núcleos do NSDAP no Brasil se deu a partir de 1933. Segundo Esther Cohen (1988), ficaram assim distribuídos os círculos do partido: Círculo I – Rio de Janeiro; Círculo II – São Paulo; Círculo III – Paraná; Círculo IV – Santa Catarina; Círculo V – Rio Grande do Sul; Círculo VI – Bahia; e Círculo VII – Pernambuco. Estes formavam um *Landesgruppe* (grupo-país) que, por sua vez, se subdividiam em *ortsgruppen* (grupos locais). Cohen nos lembra também que toda a organização do partido nazista no exterior "baseava-se no sistema estrutural-político da Alemanha Nazista" (Cohen, ibidem, p. 50).

A concentração de alemães no país nas décadas de 30 e 40 foi significativa. A presença desses cidadãos passa a ser registrada oficialmente a partir de 1884, quando os primeiros colonos chegaram, principalmente nos estados do sul, onde até hoje se concentra a maioria dos seus descendentes. Willems (1980), utilizando dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), nos indica que "entre 1884 e 1933 um total de 170.645 alemães haviam imigrado para o Brasil" (Willems, 1980, p.40). O mesmo autor, lançando mão de estatísticas alemãs, registra a imigração de 71.467 cidadãos para o solo brasileiro entre 1919 e 1934 (Willems, ibidem, p.41).

A massiva concentração de alemães em território nacional, fruto à época de 49 anos de imigração, explica a preocupação do governo do Terceiro Reich em querer controlar essas colônias. No momento em que esse governo se preparava para ampliar seu espaço vital[4], também se fazia vital o controle econômico para garantir e dar vazão a este projeto. Os capitais alemães fora dos estados do sul, a exemplo da Bahia, eram o alvo.

Como visto, a Bahia sediava o sexto círculo de mobilização do NSDAP no Brasil. Posteriormente, os militantes da agremiação no Estado foram hierarquicamente rebaixados à condição de grupo local (*ortsgruppen*), assim como os militantes das cidades de Vitória, Recife, Belo Horizonte, Terrenos (MT), Rio Tinto (PB) e grupos menores em outras localidades (Moraes, op., cit., p. 114).

Sobre a atuação dos militantes do NSDAP na Bahia, como de resto no Brasil, Edmundo Moraes informa que o partido se constituiu no país com o propósito de "ocupar espaços entre os alemães com o fito de reconstruir, ou manter o que ainda restava da comunidade nacional aqui estabelecida" (ibidem, p.114). Para tanto, esta ação deveria ocorrer sem ferir a Legislação Nacional, conforme afirmou o líder de grupo da Bahia Jhoannes Hans Spredtke. Moraes reproduz as palavras do líder: "(...) o objetivo principal (do NSDAP) foi o de propor a idéia nazista, fazendo dos colonos bons alemães e bons nazistas, dentro das leis brasileiras" (Moraes, ibidem, p.126-127).

O partido nazista perpetrará no país a atividade tida por Adolf Hitler como a mais importante: a propaganda política. A tática do NSDAP será convencer os alemães aqui residentes sobre os progressos da "Nova Alemanha". A estratégia é confirmada por

[4] A concepção do espaço vital (*lebensraum*), para Adolf Hitler, é de que "não se pode julgar a extensão de uma área somente pelas exigências do presente, nem mesmo pela capacidade de produção da terra em referência ao número de habitantes". Para Hitler, a Alemanha, para se tornar uma grande potência, deveria buscar conquistar novas áreas no sentido abrigar todas as populações germânicas espalhadas pelo mais recônditos locais do mundo. Desta ação, decorreria a formação da "grande Alemanha".

outro militante da Bahia, Wilhem Alexander Schwarz: "a finalidade do partido era manter em contato os alemães aqui residentes para que tomassem conhecimento das idéias do partido e propagá-las (...)" (Moraes, op., cit., p. 127). O reerguimento econômico da Alemanha na década de 30 se apresentava como grande vitrine no sentido de atrair estes cidadãos para o NSDAP no Brasil.

Apresentando documentos do Tribunal de Segurança Nacional, Edmundo Moraes cita o testemunho de Hans Paul Rautenberg, outro membro da direção do partido do grupo de Salvador. Ele fala sobre o mecanismo de arregimentação de militantes em terras baianas:

> "(...) cada alemão que já era sócio efetivo do partido tinha a oportunidade de convidar um não-sócio para fazer parte, (podendo) ser admitido como aspirante (...) (Outras reuniões) eram privativas dos membros do partido, que liam livros de doutrina nazista, que trocavam impressões acerca dos novos candidatos ao partido, discutiam medidas internas ao partido e instruções chegadas do Rio de Janeiro". (Arquivo Nacional - TSN – Proc.3752: p.12 *in* Moraes, op., cit., p.130)

A conquista de simpatizantes para a causa nazista entre os alemães residentes na capital baiana se deu, com ênfase, no âmbito do Clube Germânia de Salvador, entidade que reunia nos seus quadros sociais cidadãos alemães e descendentes desde o início do século XX (Moraes, ibidem, p.134). Muitos desses militantes do Partido Nazista na Bahia já atuavam na agremiação desde 1932.

Documentos da Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS) localizados no Arquivo Público do Estado informam sobre a presença desses militantes nazistas na vida social de Salvador, o que pode ter se dado de forma tranqüila e com bom nível de relacionamento entre os soteropolitanos. É o que indica o despacho de 6 de novembro de 1943 do secretário de Segurança Pública da Bahia,

Major Hoche Pulchário. O documento versa sobre o militante nazista e joalheiro Herman Volz. O despacho foi enviado à DOPS e continha abaixo assinado de 14 comerciantes de jóias da cidade que pediam às autoridades que Hermann não fosse afastado da capital por conta da sua participação no NSDAP. Nesse período, o Brasil já havia declarado guerra aos países do Eixo e o Partido Nazista vinha sendo sistematicamente reprimido pelo Governo de Vargas. Segue o texto de preâmbulo do abaixo assinado:

> Os abaixo assinados, negociantes de joalheria, tendo em vista que o cidadão Hermann Volz é o único técnico de cravação e gravação de jóias que existe nesta capital, sendo quem lhes faz os trabalhos, vem rogar a Vossa Excelência que se digne conceder a permanência do referido cidadão nesta cidade, pois os suplicantes se responsabilizam pela conduta do mesmo, que apezar da sua nacionalidade alemã, aqui reside no distrito de Brotas, já estando no Brasil há 19 anos e sendo casado com uma senhora brasileira há 9 anos.
>
> Conforme afirmaram acima, os suplicantes assumem inteira responsabilidade pela conduta do senhor Hermann Volz, pois o mesmo vai se dedicar inteiramente, como tem feito até agora, ao serviço da sua arte.
>
> Confiando no elevado espírito de Justiça de Vossa Excelência, os suplicantes pedem e esperam deferimento (Apeb, Setor Republicano, Cx15, pact 01, f. 14).

O processo que recaia sobre Volz datava de 23/08/1942, quando o alemão fora acusado de, "junto com outros elementos de sua nacionalidade", freqüentar reuniões secretas do Partido Nazista em Salvador. Nesta data, o joalheiro havia sido preso e processado na DOPS da capital baiana por suspeitas de atividades antinacionais. Seu processo foi remetido ao Tribunal de Segurança

Nacional, no Rio de Janeiro, tendo sido posto em liberdade posteriormente.

Hermann foi preso novamente em 1943, quando o pleito dos seus colegas joalheiros foi indeferido pelo delegado da DOPS de Salvador, Joel da Rocha Lyra. O alemão foi afastado do litoral, "por medida acautelatória", e encaminhado à cidade de Maracás, interior do Estado. As autoridades temiam que, encontrando-se no litoral, o militante nazista poderia, de alguma forma, auxiliar seu país nos ataques à costa brasileira, onde vários navios da nossa bandeira haviam sido afundados em 1942 pela Marinha alemã.

2.4 Entre altos e baixos

O relacionamento do Partido Nazista com as autoridades brasileiras alternou entre momentos de difícil entendimento e de ampla diplomacia. Desde que a agremiação começou atuar no país, várias autoridades se mostraram preocupadas com as atividades do NSDAP. Em carta dirigida ao Ministro da Guerra, Eurico Gaspar Dutra, datada de 10 de março de 1939, o Comando da Primeira Região Militar e Primeira Divisão de Infantaria denunciava a existência do NSDAP.

> Suas atividades foram sempre clandestinas, como ocultos foram e são seus objetivos e parece incrível que as autoridades estaduais, sempre prontas a destruir os partidos políticos adversários, caso não estivessem registrados, jamais tivessem pensado em verificar a legalidade de funcionamento de um partido estrangeiro (Arquivo Nacional, Rio de Janeiro – Documentos do Ministério da Justiça – Seção do Poder Executivo – IJ 1328 *in* Cohen, op., cit., p. 79).

O clamor do Comando da Primeira Região Militar não encontra resposta no governo. Na verdade, o próprio Dutra, assim como outros integrantes do Governo Vargas, a exemplo de Góes

Monteiro, Filinto Müller e Francisco Campos, eram considerados como integrantes da ala germanófila do Estado Novo. Nutriam simpatias pelo III^{o} Reich e influenciavam o governo trabalhando pelo distanciamento diplomático e econômico do Brasil para com os Estados Unidos e demais países aliados.

Ainda assim, o NSDAP vai encontrar alguma resistência à sua atuação. O acúmulo de funções da Embaixada Alemã, servindo ao trabalho de diplomacia e ao mesmo tempo à organização partidária, resultará numa crise diplomática com o Governo Vargas, em particular com o seu Ministro das Relações Exteriores, Osvaldo Aranha. O cerne da questão estava no Decreto Presidencial de 18/04/38, que proibia a existência de partidos estrangeiros em território nacional. No documento, o presidente Vargas declarava que o direito a se organizar em partidos políticos era negado até mesmo aos brasileiros e portanto era inadmissível a presença do NSDAP em solo nacional (Silva, 1971, p.104).

Hélio Silva (op., cit.) também informa que a reação da embaixada alemã "foi enérgica". Segundo ele, o embaixador Karl Ritter formulou queixa ao chanceler Osvaldo Aranha informando ao mesmo que "o Partido era a Alemanha (...) e sem todos os penhores para o seu funcionamento, a não conformidade do seu governo teria que se positivar".

O pomo da discórdia das autoridades germânicas com a chancelaria brasileira residia na atuação do adido de Imprensa da embaixada, Hans Von Cossel, que articulava as ações da agência de notícias alemã Transocean entre rádios e jornais brasileiros. Cossel atuava num escritório da embaixada em São Paulo com mais de 100 pessoas "fazendo propaganda antiamericana por meio de panfletos e através de jornais e estações de rádio favoráveis ao Eixo" (Falcão, 1999, p.43). Conforme Hélio Silva: "Foi a Embaixada alemã, pelo acúmulo das funções diplomáticas com as partidárias, que veio a criar ambiente difícil, subvencionando jornais de pouco significado e até desprestigiados". (Silva, op., cit., p.101).

O embaixador alemão atendeu ao apelo de Aranha e prometeu por fim à intromissão do NSDAP na imprensa do país. Mas a crise diplomática ainda não estava amainada. O Governo brasileiro exigiu a substituição do corpo diplomático alemão, pois as autoridades nacionais tinham provas da participação de elementos do NSDAP no *putsch* integralista ocorrido em maio desse mesmo ano (Silva, ibidem p.306). Os camisas verdes, liderados por Plínio Salgado, haviam tomado de assalto o Palácio Guanabara e feito o presidente Vargas refém. A tentativa de golpe foi sufocada.

A crise entre os dois países foi superada em primeiro de junho de 1939, quando a diplomacia alemã entendeu necessária a troca dos seus diplomatas. O que parecia uma vitória das forças antigermânicas do governo de Vargas, na verdade se traduziu num grande Cavalo de Tróia para a atuação, ainda com mais vigor, da propaganda alemã em jornais brasileiros. O Decreto-Lei nº 383, de 18 de abril de 1938, que criara restrições de caráter político para que estrangeiros pudessem se manifestar na imprensa nacional, foi alterado no ano seguinte, após a embaixada alemã reclamar da publicação de artigos e matérias em jornais do país que teriam ofendido a Alemanha (Cohen, op., cit., p.94).

Em 12 de junho de 1939, o governo modifica o decreto, afirmando o seguinte:

> (...) Evitar, sobretudo agora, campanhas jornalísticas violentas contra a Alemanha, país com que o Brasil acaba de normalizar plenamente as suas relações diplomáticas (...) (Arquivo Nacional, Rio de Janeiro – Documentos do Ministério da Justiça – Seção do Poder Executivo – IJ 1422 e IJ1362 *in* Cohen, ibidem, p.94.)

A medida também se estendia à proibição de vendas de livros contrários à Alemanha ou ao nazismo. O barco vai correr frouxo e a ação agressiva de propaganda do IIIº Reich no Brasil ganhará volume e instrumentalizará vários órgãos de imprensa do país. No

ano seguinte o fato é percebido com preocupação pelo Departamento de Estado dos Estados Unidos. A informação foi transmitida a esse órgão por intermédio de memorando despachado em maio de 1940 pelo assessor especial da embaixada norte-americana no Rio de Janeiro, Theodore Xanthaky, (Silveira, Moraes, 1990, p.415).

O despacho de Xanthaky descreve com riqueza de detalhes esta ação. O assessor norte-americano informara que desde o início da IIª Guerra os alemães haviam concentrado seus esforços de propaganda na imprensa, mediante a atuação da agência Transocean. O trabalho era realizado sob supervisão direta da Embaixada Alemã, que contava com 101 empregados para tal. De acordo com Xanthaky, três jornais, considerados por ele "de reputação duvidosa", a Gazeta de Notícias, o Meio Dia e a Pátria, todos do Rio de Janeiro, eram subsidiados pela Transocean. Cada um recebia dez contos por semana, o equivalente a US$ 500. A embaixada norte-americana também teve informação que O Globo teria descartado uma oferta da Transocean de 75 contos por semana, ou Us$ 3.750, para se engajar na campanha. O despacho também alertava que "jornais de considerável importância em São Paulo, Pernambuco, Santos e Bahia" estavam publicando materiais da Transocean e recebendo subsídios da agência alemã, que, além do trabalho na imprensa, preparava uma grande quantidade de panfletos de guerra em português.

2.5 Uma malha articulada

Agora não estamos mais falando de jornais alemães, escritos em alemão e destinados às colônias alemãs, mas sim em periódicos que eram publicados em diversas capitais do país. A rede de comunicação nazista que se implantou no Brasil, com maior ênfase a partir de 1940, se estendeu por quase toda América do Sul. A identificação foi feita pelo professor Francisco Carlos Tei-

xeira, do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ[5]. Segundo Teixeira, que pesquisou documentos no Arquivo Federal da Alemanha, esta rede reunia 40 emissoras de rádio no continente, sendo que quinze delas operavam no Brasil. Além disso, consta o aluguel de jornais e cinemas no país.

A participação do NSDAP nesta tarefa é reiterada por Edmundo Moraes. Sua pesquisa identificou que o partido nazista dedicava-se às atividades de imprensa de forma bastante intensa, publicamente e mobilizando quadros e instituições, alcançando, "não poucas vezes", a imprensa brasileira. Os objetivos eram a divulgação da ideologia nazista através da propaganda do desenvolvimento alcançado pelo governo alemão, sob a direção de Hitler e do Partido Nazista.

Ciro Marcondes Filho (1989) confirma que o Terceiro Reich controlava mais de trezentas publicações em língua alemã no exterior e "exercia influência sobre um número pelo menos igual de jornais estrangeiros". Segundo Marcondes, a propaganda nazista mantinha todo um sistema de agências noticiosas que publicavam notícias de fontes tidas como húngaras, polonesas, inglesas ou francesas, mas que, na realidade, originavam-se em Berlim, encontrando, dessa forma, espaço na imprensa partidária alemã como "opiniões estrangeiras neutras" (Marcondes Filho, ibidem, p.103).

Em relação à atuação do jornal carioca *Meio Dia*, o fato não é inusitado. No trabalho de investigação realizado pelos jornalistas Joel Silveira e Geneton Moraes – O Pacto Maldito –, os autores comentam sobre a relação mantida entre a diplomacia alemã e o veículo de imprensa carioca, pertencente ao empresário Joaquim Inojosa. "Um jornal, que além de oferecer apoio ao Es-

[5] A informação foi divulgada através de matérias publicadas no mês de janeiro de 2001 em dois órgãos de imprensa do país: o jornal O Globo e a Revista Veja. No primeiro veículo, a publicação ocorreu em 21/01, e no segundo em 31/01. Em ambos os órgãos o título das matérias foi homônimo: *Nas ondas do Reich*.

tado Novo, logo se transformaria em um entusiasmado propagandista da política de Adolf Hitler".

Ainda que não haja indícios de ter recebido subsídios alemães, o periódico Folha da Manhã, do Recife, fundado pelo interventor Agamenon Magalhães – que o colocou em circulação duas semanas antes de sua posse no governo – foi outro veículo que destilou ampla propaganda à causa do Terceiro Reich (Almeida, 2001, p. 32).

Fazendo apologia do regime nazista, o jornal de Magalhães, segundo Maria das Graças Ataíde de Almeida, "(atuava) de forma sistemática, com mensagens diárias de primeira página, exaltando o nazismo como mola propulsora do reerguimento da Alemanha e exemplo a ser imitado".

No que tange ao Diário de Notícias da Bahia, o jornalista e ex-dirigente do Partido Comunista no Estado, João Falcão (1988), comenta uma passagem relevante do vespertino e que deu origem a esta pesquisa: o único periódico da capital baiana que não deu apoio e nem abriu espaço para o protesto dos estudantes universitários contra o ataque aos navios brasileiros por parte da marinha alemã foi o Diário de Notícias, "dirigido por Antonio Balbino de Carvalho que dava inteira cobertura à Alemanha nazista" (Falcão, op. cit, p.198). Segundo ele, o restante da imprensa de Salvador apoiou os estudantes.

Falcão assegura que o jornal fora alugado à Embaixada alemã em 1940 por Balbino[6]. A afirmação do ex-militante do PCB só reforça todas as assertivas dos demais autores. No entanto, João Falcão desconhece que esse procedimento tenha ocorrido antes de 1940, ao longo da gestão de Requião[7].

Já Consuelo Novais (2001) acrescenta que a posição do Diário de Notícias em relação à Segunda Guerra Mundial foi de integral apoio às potências do Eixo, especialmente a Alemanha. Para ela,

[6] Este comentário foi feito durante entrevista concedida a este autor em 26/09/01. Comentaremos esta informação no capítulo seguinte, quando trataremos da atuação do DN a partir de 1940.

[7] Debateremos logo mais essa questão.

em que pese considerações de fator ideológico, razões de ordem econômica ligavam estritamente a burguesia comercial baiana à Alemanha.

Isso é fato. Como já dito, poderosas firmas alemãs eram responsáveis por grande parte das exportações de cacau e pela importação de artigos manufaturados requeridos pelas classes mais abastadas do Estado. Em conseqüência, afirma a autora, a posição germanófila do Diário de Notícias contribuiu para aumentar a tiragem. Os comentários de Sampaio coadunam com a hipótese de que existiu forte subvencionamento no Diário de Notícias por parte de capitais alemães.

Retomando a discussão em pauta, esse nível de movimentação na mídia impressa e radiofônica do país, num momento de violenta repressão às liberdades de imprensa e expressão, denota, a partir de 1939, o entendimento de que existiram certas facilidades do Governo brasileiro para com a atuação da diplomacia alemã em solo nacional.

A compreensão dessa articulação recai no papel desempenhado pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP). Criado em 1939 em substituição ao Departamento Nacional de Propaganda (DNP), esse organismo tinha como função a reificação dos ideais do Estado Novo mediante a instrumentalização dos órgãos de comunicação social, a exemplo do que foi visto no capítulo anterior no que diz respeito à propaganda do regime de 1937 no Diário de Notícias.

Ao que parece, o DIP não via contradição entre a divulgação dos princípios ideológicos do Estado Novo e a atuação do aparato de mídia alemã no Brasil. No que pese os embaraços diplomáticos registrados em 1938, a propaganda germânica foi conduzida procurando atingir seus objetivos, sem que o DNP e posteriormente o DIP tenham importunado esse trabalho, ao contrário do que se verificava com a imprensa e jornalistas que se opunham à ditadura de Vargas e que se colocavam em espectros políticos que iam do liberalismo à esquerda.

Teixeira (2001) observa que esta facilidade de movimentação

dos agentes de mídia alemães chegava à prática da colaboração com os agentes do DIP. Em entrevista publicada no jornal O Globo, em janeiro de 2001, o historiador reproduz trecho de documento do Arquivo Federal da Alemanha encaminhado àquele país no início de 1942 por espiões nazistas:

> Este (o DIP) controla a totalidade do jornalismo na imprensa escrita, no rádio e na literatura e, desse modo, qualquer propaganda de forças estrangeiras. Daí resultou até agora a possibilidade singular na América do Sul de uma ação direta de nossos responsáveis pelo setor junto a esse órgão estatal de propaganda, com o objetivo de reprimir informações difamadoras inimigas e de garantir nossa própria propaganda ativa (O Globo, 04 de janeiro de 2001, edição nº 24.615, p03).

O fim das facilidades encontradas pelos agentes alemães em atuar na imprensa nacional se deu no dia 29 de janeiro de 1942. Nesta data o Brasil rompia relações diplomáticas com os países do Eixo. É quando o governo passa a exercer forte censura às atividades dos súditos da Alemanha, Itália e Japão e desencadeia feroz repressão contra as ações do NSDAP no país.

Concluindo, os fatos relatados indicam conexões existentes entre jornais brasileiros e as ações de propaganda política desencadeada pelo Terceiro Reich. No que pese o envolvimento desses órgãos de imprensa com o caldo literato-editorial da época, potencializado por algumas inclinações fascistas que o Brasil atravessava, cremos que a valorização da ideologia nazista por parte desses veículos não se deu apenas em decorrência da mesma integrar esse imaginário. A cristalização desse ideal de mundo em jornais do país associava-se aos circuitos políticos e econômicos que se interpuseram na trajetória dessas empresas. Eram peças de um mesmo encaixe.

2.6 O Discurso do Diário de Notícias

Ao longo de sete anos o jornal de Altamirando Requião e posteriormente Antônio Balbino de Carvalho reproduziu o discurso praticado na Alemanha Nazista, seja pelo punho dos seus próprios editores e jornalistas ou por intermédio dos "colaboradores" e "colaborações" editoriais alemães que infestaram o jornal neste período. Estes textos sempre traziam no título de apoio a seguinte vinheta: *Linha de collaboração, exclusiva, para o Diário de Notícias, da Bahia*.

Os temas envolvendo a Alemanha estarão em sintonia com o programa do NSDAP. Algumas características desses textos: legitimar e elogiar os feitos do III^{o} Reich; neutralizar informações contrárias à Alemanha; discutir assuntos ligados às questões de trabalho, economia, antisemitismo, anticomunismo, política externa, gênero, raça, juventude, desenvolvimento tecnológico e, por fim, a participação alemã na Segunda Guerra Mundial. "A Nova Alemanha" será pauta diária no Diário de Notícias a partir de 1935.

Antes de apresentar os textos, teceremos algumas considerações do filósofo alemão Herbert Marcuse sobre aquele momento, quando o regime nazista já galgava ampla aceitação popular na Alemanha. A interface é pertinente com nossa discussão e o que será exposto.

Em artigo produzido no final da década de 30, *A nova mentalidade alemã*, Marcuse (1999) entende que o nazismo operou a mudança da mentalidade do povo alemão a partir de dois estratos: o pragmático, que contempla a filosofia da eficiência e do sucesso; e o mitológico, voltado ao paganismo, racismo e naturalismo social. De acordo com o filósofo, esse novo momento era sustentado pela politização e desmistificação integrais da sociedade alemã. Para ele, o alemão se tornou pragmático, o que ele denominou de "factualidade cínica". Essas características, que permeavam a "Nova Alemanha", eram sustentadas, segundo Marcuse, por uma espécie de paganismo e revolta contra a sociedade cristã, o que

levava à quebra de tabus tradicionais naquela sociedade, voltada à conquista tecnológica e a organização dos seus grupos para um novo momento de existência coletiva (Marcuse in Kellner op.cit.).

Marcuse assegura que a moral alemã sofreu intensa mutação a partir de um incessante *tecnologismo* ao qual é submetida aquela sociedade. Ele compreende que o nacional-socialismo se encarregou até mesmo em destruir a família tradicional alemã para reconstruí-la sob as bases de uma nova redefinição de papéis, inclusive sexuais, quando as relações tornam-se ações em favor de campanha para o fornecimento de recursos humanos para o trabalho e a guerra.

O que veremos a seguir coaduna sobremaneira com as argumentações de Herbert Marcuse no tocante a realidade da "Nova Alemanha" apresentada pela imprensa daquele país via o Diário de Notícias da Bahia. Seguem os temas.

2.7 A "vanguarda" alemã

O conturbado clima diplomático na Europa da segunda metade da década de 1930 servirá como um manancial de assuntos a serem discutidos pelo vespertino baiano. Sob o ponto de vista dos "colaboradores" alemães, já situados como articulistas do jornal, a nação do III^{o} Reich terá tratamento de país injustiçado e perseguido pelas forças vencedoras da Primeira Grande Guerra.

Estes articulistas procurarão externar as posições do governo alemão ante os percalços diplomáticos da Europa neste período. O reexame do Tratado de Versalhes e o direito alemão a dispor de armas e territórios são, para eles, condições indispensáveis ao soerguimento germânico. E esta nação, soerguida, estará na vanguarda mundial no combate ao comunismo.

É a tentativa de se reconstruir a história a partir de um novo ponto de vista. A humilhação de Versalhes fora uma espécie de marco divisor do tempo. Os princípios preconizados naquele tratado haviam decretado o engessamento do país quanto à possi-

bilidade de contar com um exército regular. Era a decadência. E esta se refletia na perda da condição da potência imperial alemã. Segundo Elias (1997) este fato potencializou entre os nazistas alemães a busca da reorientação de sua auto-imagem e dos seus ideais nacionais.

Estava nas mãos da propaganda política perpetrada pela diplomacia germânica a tarefa de "recompor" historicamente o "império alemão" e suas relações externas, colocando-se na dianteira da luta anti-bolchevista, um dos ideais nacionais da "Nova Alemanha". A justificativa era usada para contrariar as determinações de Versalhes e angariar adeptos na Europa e nas Américas, incluindo o Brasil.

A atuação desses "colaboradores" no Diário de Notícias seguia uma estratégia externa. O jornal impresso não era a mídia preferida dos propagandistas nazistas, que se inclinavam mais para comunicar por intermédio de som e imagem. Todavia, na imprensa escrita a utilização de artigos como meio de convencimento era um recurso largamente aplicado pelos nazistas. Goebbles define essa missão. Para ele, a essência de um bom artigo consiste exatamente em ser "um pequeno discurso propagandista apaixonado, que se ocupa dos mesmos argumentos dos que falam das coisas e das nações oralmente" (Goebbles *in* Garcia, Nélson Jahr, disponível em `http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/estadonovo.html`). Prosseguindo, diz Goebbles, "a imprensa realiza, propositada e conscientemente a influência política e todo o seu pensar e sentir deve ser levado de qualquer jeito com seus meios, numa determinada direção ideológica" (ibi idem).

E era exatamente esse o teor dos artigos assinados pelos articulistas na *Linha de Colaboração Exclusiva*. Um exemplo notório foi a série de artigos publicados em março de 1936 de título *As razões da Alemanha*. O autor da série, Hermann Dudenhoeffer, argumentará sobre o Tratado de Versalhes. Segue trechos de um desses comentários, publicado em 13/03/1936:

> Quando, em 1918, cessaram os clamores da Guer-

> ra, apoderou-se dos povos a esperança de que chegaria tempos melhores para a humanidade (...) a Paz de Versalhes veio destruir todas esperanças (...) Eis o raciocínio do Chanceller Adolf Hitler que o decidiu de empreender, corajosamente uma investida contra todos os erros acumulados durante 18 anos na Velha Europa (...) Para preservar o povo alemão do caos bolchevista (se decidiu) armar o povo (...) contra esta organização (...) como ainda, ha pouco, o Brazil experimentou de forma tão dolorosa (...) (Diário de Notícias, 13/03/36, edição nº 9632, p. 02).

O texto busca estabelecer a relação entre as realidades alemã e brasileira, colocando a conjuntura da Alemanha como uma espécie de referência para o Brasil. O que o Brasil experimentara, "ainda há pouco", se referia à Intentona Comunista de novembro de 1935, esmagada pelo Governo de Vargas e que, nesse mesmo texto, servia de justificativa para endossar as iniciativas repressoras de Adolf Hitler para com seus opositores na Alemanha.

Importante notar que os textos desses articulistas trarão no seu discurso a relação intrínseca entre o Partido Nazista e a nação alemã, como se ambos fossem uma só identidade. É o *Volk* (comunidade nacional) identificado no Partido Nazista. E esta síntese passou a fazer parte da propaganda nazista como estratégia eleita pelo NSDAP.

Os textos também exporão os pensamentos transmitidos por esses articulistas estabelecendo um nível de cumplicidade entre o indivíduo e a pátria. Era a nação que "falava" por esses artigos e comentários, afirmando a auto-imagem da mesma por intermédio deles. A crença nos valores da germanidade marcará, para eles, o que para Norbert Elias resultará no "nós-imagem (da nação)".

A conexão com a "Nova Alemanha" era um estratagema da propaganda política do nazismo, que, conforme Domenach, "não se tratava tanto de raciocinar e sim de convencer para vencer". O falseamento da realidade estava intrínseco nessa estratégia. A ficção deveria se sobrepor à verdade.

Constata-se que mesmo se dirigindo às pequenas comunidades alemãs na Bahia, como de resto no Brasil, a forma de comunicar as diretrizes do Partido Nazista não sofrerá alteração pelo fato dessas comunidades se encontrarem a milhares de quilômetros da pátria-mãe. A propaganda era uma só e a arregimentação de alemães à causa deveria ser levada a cabo da mesma forma que no país de origem, conforme explicado no capítulo anterior pelos militantes do NSDAP na Bahia.

A linha demarcatória entre a velha e a nova Alemanha será pontuada na ascensão de Adolf Hitler à Chancelaria, que ocorreu em janeiro de 1933. O VII^{o} Congresso do NSDAP, realizado em setembro de 1935 na cidade de Nueremberg, servirá então como parâmetro dessa nova realidade. Nesse encontro, ficam estabelecidas as primeiras medidas concretas de segregação racial para com judeus e ciganos, assim como as restrições impostas a homossexuais, testemunhas de Jeová e opositores do regime em geral.

A meta será neutralizar as possíveis informações contrárias lançadas pela imprensa internacional contra as diretrizes preconizadas pelo NSDAP. Jean Marie Domenach (Op.cit) afirma que o Ministério da Propaganda alemão planejou sua atuação na mídia internacional se sustentando em cinco leis básicas de propaganda política: a lei de simplificação do inimigo, ou do inimigo único; a lei da ampliação e da desfiguração; a lei da orquestração; a lei de transfusão; e a lei da unanimidade e do contágio.

Fica bastante claro que as ações de mídia movidas pelo NSDAP em jornais brasileiros, incluindo aí o Diário de Notícias, obedecem à lei da ampliação e da desfiguração, a qual, segundo Domenach, trata-se da "ampliação exagerada das notícias, (...) as 'informações' importantes (...) ao aparecerem, vinham já valorizadas, carregadas de um potencial de propaganda" (Domenach, ibidem, p. 59).

"Matéria" publicada em novembro de 1935, sem assinatura e de título *Depois do Congresso Nacional Socialista de 1935*, traz uma forma peculiar de reportar o Congresso de Nuerem-

berg. Nela não existe nenhum elemento que se assemelhe a um texto jornalístico. Trata-se de uma mensagem dirigida àqueles que não se encontravam naquela cidade alemã para participar do evento. O texto é claro quanto aos procedimentos que os cidadãos alemães deveriam ter de agora em diante para obedecer as diretrizes traçadas pelo NSDAP durante o encontro. Segue trecho:

> O Congresso do Partido Nacional Socialista sómente se torna eficaz se todos que participaram do Congresso de Nueremberg continuam occupando o seu logar no meio da família e da coletividade do trabalho e informam aos que ficaram nos seus lugares de costume por não poderem assistir ao Congresso as fortes impressões que receberam.
>
> A finalidade do Congresso principalmente é crear da nação unida e a communhão da vontade nacional. Os indivíduos que foram a Nueremberg neste anno, regressaram para seus lares e seus serviços animados de uma nova fé na immortalidade da nação e do Reich, animando o organismo do povo e do Estado com a idéa viva e consolidando o prestígio do Fuehrer.
>
> As directivas, porém que o Fuehrer deu aos seus discursos so depois terminados os actos officiaes e a variedade multipla das disposições empolgarão todos os alemães dentro das fronteiras do Reich e expandindo-se os grupos de allemães que vivem dispersos no mundo, e afinal todos os povos civilizados (...) o nacional-socialismo (...) declara guerra ás concepções baseadas nos conceitos do materialismo e do liberalismo que ainda domina quase o mundo inteiro (...) (Diário de Notícias, 11/11/1935, edição nº 9533, p. 03).

De forma concisa e clara, o texto convoca os cidadãos alemães, "dispersos no mundo", assim como a "todos os povos civilizados" à responsabilidade da tarefa proposta pelo Partido Nazis-

ta de combater o liberalismo e o materialismo (bolchevismo). O inimigo comum, liberalismo-materialismo, é simplificado no discurso.

Nesse mesmo ano, outro "comentarista" alemão, Ernest Muller, escreveria uma série de artigos sobre o nazismo seguindo a mesma linha didática proposta pela campanha de divulgação da ideologia por parte do NSDAP. Novamente o congresso de Nueremberg vem à baila. Nesse comentário, de título "*O nacional-socialismo como concepção de mundo*", Muller tratará de explicar o que seja o nacional-socialismo, utilizando como fonte a entrevista coletiva dada na abertura do próprio congresso pelo chefe de Imprensa do NSDAP na Alemanha, Otto Dietrich. Segue trechos:

> (...) O dr. Otto Dietrich demonstrou claramente mas sem acrimonia até que ponto e por que razões o nacional-socialismo allemão se sentia de sucessor contemporâneo das concepções antigas de mundo (...) A era liberalista (levou) à despersonalização das grandes massas (...) o dr. Dietrich comentou (...) a idéa de que o nacional-socialismo allemão não pretende eliminar a desigualdade dos homens, mas sim a desigualdade das condições sob as quais estes vivem e trabalham (...) o nacional-socialismo allemão esforçar-se a crear para cada indivíduo iguaes possibilidades de ascensão (...) a substância do nacional-socialismo consistia justamente em revocar á ecusciência das leis naturaes da vida (...) o homem do século 20 (...) não é um Robinson moderno. Pelo contrário, elle vive como membro de uma comunidade (...) (Ernst Muller, Diário de Notícias, 06/12/1935, edição nº 9554, p. 2)

Mesmo distante da pátria, a sucinta explicação da ideologia nazista vai provocar, novamente, a convocação àqueles que vivem

como "membros de uma comunidade". A referência ao personagem do escritor Daniel Defoe, Robison Crusoe, um aventureiro desgarrado de qualquer identidade de nacionalidade, perdido nos trópicos brasileiros como um plantador de fumo, nos indica que esta aventura não deveria ser reproduzida pelos cidadãos alemães aqui residentes, pois estes deveriam se integrar à "comunidade" e seguir os destinos traçados pelo nazismo para a nação alemã, mantendo suas identidades nacionais intactas.

Trata-se de um discurso "nativo" em terras estrangeiras. É a nação que está em construção, que deve ser explicada e continuada mesmo que a distância. O recado enviado pelo chefe de Imprensa do NSDAP através de Ernest Muller no Diário de Notícias objetiva discernir a ideologia nazista como aquela que se contrapõe à igualdade entre os homens, mas que ainda assim devem conviver num espírito de comunidade nacional.

2.8 O trabalho enobrece

No elenco dos temas tratados pelo Diário de Notícias, a questão do trabalho na Alemanha será outra pauta incessantemente debatida no jornal. A partir da ascensão de Adolf Hitler ao poder, será construída uma nova perspectiva totalitária acerca da organização do trabalho na "Nova Alemanha". Visava esta fundar a idéia de uma comunidade de trabalhadores, os quais se constituiriam em molas mestras da edificação de uma pátria onde as contradições seriam anuladas pelo "voluntarismo coletivo".

Nessa perspectiva, à semelhança do que se projetava no Brasil, onde o Estado totalitário em marcha anulava a pluralidade sindical, cooptando lideranças trabalhistas para integrá-las no futuro projeto do Estado Novo, na Alemanha nazista não será diferente. Lá a relação com o trabalho "inseria-se na elaboração de um discurso capaz de propor ao trabalhador alemão uma nova visão de si próprio, integrante da Comunidade Alemã do Povo (*Volksgemeinschaft*)" (Agostino, 2002, *in* `www.ifcs.ufrj.br/tempo/`

gilbertoagostinho4). O discurso inverterá valores. O caráter autoritário da política nazista em relação à livre manifestação dos sindicatos e trabalhadores, dará lugar ao forjamento de uma "felicidade" coletiva, calcada no "bem estar" geral.

Dizia Adolf Hitler: "O movimento nacional-socialista deve reconhecer a necessidade de uma atividade sindical própria" (Hitler, op., cit., p.373). A assertiva do Fuehrer sugeria a formação de um sindicato que não se colocasse como um organismo voltado à luta de classe, mas um órgão de representação profissional (Hitler, ibidem, p.373). Ao assumir o Ministério da Propaganda, uma das primeiras medidas de Goebbles foi inserir o Primeiro de Maio no calendário alemão, inaugurando uma "nova" relação entre o nacional-socialismo e o trabalho. Logo esta data seria transformada em Dia Nacional do Trabalho.

Neste aspecto, a propaganda nazista no DN se deparará com um dos temas mais críticos do Brasil nos anos 30. A proposição do ordenamento do trabalho alinhavava-se às diretrizes políticas perpetradas no país nesse período, que enaltecia o trabalho como fator de virtude e não de transformação social. A organização sindical ficaria factível ao contágio de ideologias "alienígenas", as quais o utilizariam como instrumento de subversão da ordem vigente. Um novo ordenamento sindical, coorporativista, se implantava no Brasil.

Não sem razão que o Estado Novo enviará emissários à Alemanha no sentido de registrar impressões sobre o ordenamento do mundo do trabalho naquele país. Um deles foi o deputado federal Daniel Carvalho, que estivera em Berlim, em 1938, cumprindo programa de estudos de Economia, Finanças e Legislação Social. De sua estada, Carvalho entendeu que a Alemanha estava em fase "de grande progresso". Na opinião do deputado, "o Terceiro Reich era uma oficina de trabalho na qual os alemães, sob uma chefia inteligente e audaz, demonstravam as qualidades tradicionais de aferro à labuta, tenacidade e eficiência". (*in* Dutra, op., cit., p.229).

Indo ao encontro do imaginário construído no Estado brasilei-

ro sobre o tema, tendo como referência a Alemanha nazista, chama atenção a série de comentários publicada no Diário de Notícias sobre o mundo do trabalho naquela nação. Artigos comentarão sobre diversos aspectos desse item, frisando sempre as novas condições de vida do operariado alemão após os nazistas terem ascendido ao poder em 1933.

O Estado corporativo que lá se edificava será explicado pelo Diário de Notícias nas colunas destinadas especificamente aos comentários sobre a "Nova Alemanha". Todos os artigos referentes à questão do trabalho também serão acompanhados pela vinheta *Linha de collaboração, exclusiva, para o Diário de Notícias da Bahia*. Um dos mais elucidativos destes comentários foi publicado no ano de 1935 com o título *As novas organizações de trabalho na Allemanha*. Segue trechos:

> Um dos mais interessantes problemas para o estudo do visitante estrangeiro na Nova Allemanha é a fórma como foi regulada a relação entre empregadores e empregados. A Allemanha atcual acaba de substituir quase todos os conceitos (...) fala-se do chefe de empresa e do seu séquito (...) O estado dirige (a relação) elle não supporta oposição (...) A "Lei para a Ordem do Trabalho Nacional" de 20 de janeiro de 1934 deu então o princípio regulador, no qual deviam basear-se futuramente as relações de todos os collaboradores de uma empresa (...) Assim, no futuro não se reunirão os representantes dos empregadores e os secretários dos syndicatos, mas sim um círculo pequeno de empregadores e de membros do séquito (...) E isso, como muitas coisas da Nova Allemanha é uma instituição completamente nova (...) Se os chefes da Nova Allemanha conseguirem manter em permanencia essa mentalidade, devemos constatar que alcançaremos uma grande obra, em bem de seu país ficando aberto o problema se aplicação de princípios iguaes é

> indicada em outros países, sob cisrcumstancias diferentes. (Diário de Notícias, 19/08/35, edição nº 9466, p. 2).

A "receita" sindical alemã poderia ser aplicada a outros países mesmo "sob ciscumstancias diferentes". Na Alemanha, o Partido Nazista organizou um dos seus mais importantes instrumentos de cooptação de lideranças políticas operárias, a entidade *Vigor pela Alegria*. Essa organização será alvo de três artigos publicados no Diário de Notícias durante o ano de 1936, todos assinados pelo comentarista Ernest Muller.

No primeiro deles, de título *O tempo de folga do operário allemão*, Muller descreve as conquistas do operariado em seu país, onde essa classe, segundo ele, havia sido contemplada com o acesso a teatros, balneários, cinemas, viagens e vasta gama de serviços voltados ao entretenimento e lazer. De acordo com o comentarista, estas conquistas foram propiciadas pelo NSDAP. No comentário, Muller reproduz as palavras do ministro da Propaganda do IIIº Reich, Josef Goebbels, para quem,

> (...) o operário allemão possue de facto, actualmente, seus theatros, suas orquestras, seus salões de festas, como também uma frota de vapores própria. Quer dizer, elle recebeu deveras aquilo que os outros, desde o anno de 1910, lhe prometteram mais nunca cumpriram (...) (Ernst Muller, Diário de Notícias, 23/06/36, edição nº 9640, p. 2).

Muller encerra seu texto com a promessa de que o Partido Nazista disponibilizaria seis vapores pertencentes à organização *Vigor pela Alegria* no sentido de propiciar, "aos alemães residentes no estrangeiro uma viagem à pátria". Em outro momento, o comentarista escreve sobre balneários que o NSDAP estaria construindo para servir ao operariado alemão. Novamente a entidade citada vem à baila, pois a mesma estaria realizando um plano, "como em nenhum outro ponto do mundo, até hoje, foi

concebido" (Ernst Muller, Diário de Notícias, 03/08/36, edição nº 9749, p. 2). O congresso realizado pela *Vigor pela Alegria* em julho de 1936 será alvo de destaque por Ernst Muller. No texto, o autor afirma que os próprios críticos do nazismo,

> (...) reconhecem que a organização nacional-socialista (...) conseguiu resultados apreciáveis nesse terreno (da organização sindical) já tendo induzido numerosos 'leaderes' do movimento de recreio e descanso de outros países para viagens de recreio e estudos de instituições alemãs (...) (Ernst Muller, Diário de Notícias, 03/08/36, edição nº 9749, p. 2)

O entretenimento e o lazer se sobrepunham a quaisquer outras discussões que recaíssem sobre a realidade dessa classe. É o que Herbert Marcuse (op. cit) denominou de politização integral. O embricamento do mundo do trabalho e do lazer compunha uma das características da nova mentalidade alemã. A nova organização da sociedade era justificada, segundo ele, por uma ideologia que buscava ocultar e confundir forças sociais e suas contradições. Daí a *politização integral*. De acordo com Marcuse, na Alemanha de então todos os motivos, problemas e interesses pertencentes à vida dos indivíduos eram, mais ou menos, diretamente políticos e sua realização era igualmente uma ação diretamente política. A existência social, bem como a privada, são atividades políticas. A barreira natural entre indivíduo e sociedade e entre sociedade e Estado desapareceu (Marcuse *in* Kellner, op. Cit. p.196).

2.9 A Nova Alemanha

Os "colaboradores" também buscarão neutralizar a campanha movida pela mídia internacional que alardeava os primeiros efeitos das leis de Nurembergue, postas em prática a partir de setembro de 1935. De caráter racista, a nova legislação definia quem era

etnicamente pertencente a raças que não a ariana, e quais as restrições impostas a estas. O alvo eram judeus, ciganos, eslavos etc. A lei condenava os não arianos a se tornarem "socialmente mortos", conforme denunciava as imprensas norte-americana e inglesa. O fato não passará incólume no Diário de Notícias. Comentários serão publicados no jornal no sentido de contra-informar notícias veiculadas que não coadunassem com o discurso nazista. O articulista Hermann Dudenhoeffer é um dos que tomará para si essa batalha. E é ele quem assinará diversos textos acerca do tema. Um deles, contundente, é publicado um mês antes da decretação dessas leis, com o título *Por que sempre contra a Alemanha?* Segue trechos:

> Estamos no auge de uma campanha de diffamação contra a Alemanha. Não passa dia em que não se leiam informações sobre pretensas "perseguições religiosas" ou "sofrimentos a que estão expostos os israelitas" e outras "barbaridades" mais (...) as coisas germânicas no mundo inteiro, são julgadas com medida diferente do que se emprega a respeito de ocorrências em outros lugares (...) a imprensa inglesa (...) especialmente o *Morning Post*, não quer compreender que os jornais alemães comparem os incidentes nas ruas de Berlim com os das ruas de Belfast, o nariz sangrando de um judeu com a morte de doze pessoas nas lutas religiosas na Irlanda (...) parte da imprensa mundial acha absolutamente justo que o direito que se eleve um nariz esmurrado em Berlim á altura de acção do Estado enquanto os doze irlandeses mortos não merecem maior destaque (...) Quando na Rua das Chitas, em Bangú, Districto Federal, o brasileiro Manoel Rodrigues, de 22 anos de idade, é ferido por desconhecidos na côxa ao assistir o serviço religioso de uma seita protestante, essa notícia desapparece entre as menores da reportagem policial. Ninguem pensaria em fazer dela "uma luta religiosa"

> ou uma "perseguição" (...) Por que esse tratamento differente das coisas alemães, tratamento esse que, aliás, não sempre redunda numa discriminação? (...) um nariz esmurrado no Kurfaerstencamm não teria ingresso nas columnas da imprensa mundial, tomando o espaço, sempre tão ansioso, a que teriam direito dos negros linchados nos Estados Unidos, e o mundo não se preocuparia tanto com os valores culturais e espirituais da Alemanha! (...) o povo allemão não precisa nem deve enxergar uma razão para queixas. Bem entendido! (...) Deante desses fatos, levanta-se a pergunta: – Por que haurir as informações sobre a Alemanha sempre em fontes anti-germânicas? Rio de Janeiro, 07 de agosto de 1935 (Hermann Dudenhoeffer, Diário de Notícias, 21/08/1935, edição nº 9468, p. 2).

Aqui o recado é dado em várias frentes. Interessante notar as relações estabelecidas pelo comentarista alemão no que diz respeito aos negros dos Estados Unidos, protestantes do Brasil e católicos da Irlanda. O ataque ao jornal londrino *Morning Post* ancora-se no argumento de que o destaque dado ao antisemitismo alemão por parte do periódico inglês soa como hipocrisia ante a indiferença do veículo quanto à sangrenta luta entre católicos e protestantes (estes últimos pró Inglaterra) na Irlanda, onde a Coroa Britânica exercia domínio militar e político.

Em outra frente, Dudenhoeffer denuncia o racismo norte-americano (*negros linchados nos Estados Unidos*), que, segundo ele, não ocuparia espaço nessa mesma mídia que denunciava o antisemitismo alemão.

O mais significativo dos recados é dirigido à situação interna do Brasil, país em que os protestantes eram, e ainda são, minoria. Dudenhoeffer utiliza a imagem de um suposto atentado a um certo "brasileiro Manoel Rodrigues, de 22 anos de idade", que "é ferido por desconhecidos na côxa ao assistir o serviço religioso de

uma seita protestante". Segundo o comentarista, a "notícia desapparece entre as menores da reportagem policial".

Para Dudenhoeffer, o anti-semitismo, que ganhava status de lei em seu país, é minimizado como um fato "isolado", resumido na imagem do "nariz sangrando do judeu em Berlim" e que não deveria ser alçado à questão de Estado.

Os argumentos do colaborador nazista do Diário de Notícias, ainda que não fugissem à verdade quanto à discriminação racial nos Estados Unidos e a opressão a que estavam submetidos aos católicos irlandeses do norte por parte da Inglaterra, apoiavam-se na dissimulação dos fatos que ocorriam na Alemanha. O discurso da Alemanha grandiosa, que se desenvolvia e projetava-se para o mundo, não coadunava com a incivilidade de perseguir quem quer que fosse. Se existiu problema com "algum" judeu em Berlim, como dito, este foi um fato menor.

A divulgação de mentiras deliberadas constituía uma prática muito comum entre os nazistas. No entendimento de Jean Marie Domenach, estes recursos de discursos eram classificados como "técnicas de propaganda voltadas ao despistamento". Domenach sustenta-se no estudioso alemão W. Hagemann, que examinou cerca de cinqüenta mil diretivas enviadas por Goebbels à imprensa mundial. Segundo ele, estas ofensivas de despistamento foram correntes entre 1935/36. Hagemann havia identificado que nesse período, ao tempo em que as perseguições anti-semitas escandalizavam a opinião estrangeira, Goebbles desfechou na imprensa férrea campanha contra a perseguição a católicos irlandeses por parte dos britânicos. (Domenach, op., cit., p. 66). Não há coincidência entre o que é afirmado por Hagemann e o que foi dito no Diário de Notícias. Por intermédio do punho de Dudenhoeffer, o jornal baiano segue a diretriz exata da propaganda alemã.

Nesse mesmo ano, Hermann Dudenhoeffer e Ernst Muller comentarão sobre a situação do catolicismo na Alemanha. Ao final da década de 20, o movimento pancristão, formado por membros de diversas seitas protestantes, ganha corpo na Europa. Este propunha criar uma federação que conglomeraria as correntes protes-

tantes que buscavam unificar todas as linhas do cristianismo em igualdade de direitos, incluindo aí a Igreja Católica. Tratava-se de uma ofensiva contra o poder do Vaticano.

Nessa mesma década, o Papa Pio XI realizou diversas gestões para que a Ação Católica ganhasse força na Alemanha, onde o domínio do protestantismo luterano era quase absoluto. A Igreja não ousava atacar essa hegemonia de forma contundente (Gramsci, 1980, p.298). O pancristianismo, assim como outros movimentos, punham em alerta o Vaticano. A resposta contra esse processo de enfraquecimento da Igreja veio por intermédio das Concordatas, uma gestão diplomática do Vaticano no sentido de angariar prestígio político e favorecimentos em diversos países da Europa. (Gramsci, ibidem, p.304)

Na Alemanha, essa ação vai encontrar dificuldades em decorrência de tensões políticas entre o NSDAP e o Partido do Centro, católico, que tem sua atuação reduzida em função do domínio nazista. Esta tensão na terra do Bispo Martinho Lutero ficou registrada no Diário de Notícias. Em agosto de 1935 Hermann Dudenhoeffer alertava aos leitores do jornal sobre a "*Origem e significação da chamada 'luta religiosa' na Allemanha*". Eis a explicação de Dudenhoeffer:

> O Estado nacional-socialista, que de todos os cidadãos allemães exige pesados sacrifícios a fim de se salvar a Nação da morte certa no abysmo da anarchia vermelha, absolutamente, não pode consentir em excepções e privilegios, capazes de ferir os interesses sagrados da Nação (...) Não ha, portanto, razão para que continuem a existir associações catholicas com objetivos políticos (...) na Alemanha (...) (Hermann Dudenhoeffer, Diário de Notícias, 24/08/35, edição nº 9471, p. 2).

A disputa religiosa explicada por Dudenhoeffer sob a perspectiva do Partido Nazista voltaria às páginas do Diário de Notícias dois meses depois pelas mãos de Ernest Muller. Artigo veiculado

em outubro de 1935, de título *Nacional-socialismo e catholicismo político*, discorrerá sobre os entendimentos diplomáticos entre a Igreja e a Alemanha nazista.

> Em discursos ministeriais e artigos jornalísticos discute-se agora (...) a relação entre o Estado e a Igreja Catholica na Allemanha (...) verificaram-se nos últimos tempos certas tensões (...) Do lado do Estado salienta-se neste assumpto a nação do "catholicismo político" (...) o nacional-socialismo (...) deseja conceder a qualquer igreja cristã (...) absoluta liberdade de annunciação religiosa e parocha! (...) Entre o Terceiro Reich e a Igreja catholica effectivamente não está ainda tudo em ordem (...) contudo (...) ninguém na Allemanha deseja um combate cultural no sentido grave da palavra (...) Trata-se apenas de impôr e harmonizar na esphera ecclesiastica os novos e completamente modificados princípios de Estado, oriundos da revolução nacional-socialista na Allemanha (Ernest Muller, Diário de Notícias, 18/10/35, edição nº 9517, p. 2).

Título e o conteúdo do texto explicam acerca da questão, tratada de forma mais amena do que no texto anterior. Era um problema extremamente delicado para ser publicado num país preponderantemente católico. No entanto, os artigos de Muller e Dudenhoeffer não externavam quaisquer tipos de preocupação no que diz respeito a afirmar a hegemonia do Partido Nazista na Alemanha perante a Igreja Católica.

O artigo, na verdade, expunha a visão de mundo nazista sobre a problemática religiosa. É o que Herbert Marcuse entende como *neopaganismo* da Alemanha nazista (op. cit). Sua argumentação consiste que o sentimento de religiosidade cristã naquele país é sobrepujado por uma espécie de "ceticismo pragmático", que se traduz numa revolta contra os princípios básicos da civilização cristã, mesmo que escudada no protestantismo. Neste sentido, "os

direitos sagrados da nação", citados por Dudenhoeffer, remetem à rebelião religiosa herdada no protestantismo de Martinho Lutero, a qual se insurgia contra os princípios restritivos e transcendentais da moralidade cristã católica, que trazia a idéia de uma ética universal (Marcuse op. cit). O nacional socialismo transformou essa rebelião num instrumento pragmático de discursos que justificassem seus fins.

Mas a rebelião contra o Vaticano não terá prosseguimento na política externa do III Reich. O NSDAP muda a estratégia de relacionamento com a Igreja Católica a partir da ascensão de Pio XII. O pontífice se mostrará simpático às políticas interna e externa do Terceiro Reich, a ponto de ter sido considerado o Papa de Hitler[8].

Se a imprensa alemã não admitia a ocorrência de perseguição religiosa e política, não admitirá também a existência da supressão às liberdades de expressão e imprensa no seu país. É assim que Ernest Muller forjará a Alemanha nos primeiros anos do governo de Adolf Hitler, onde a produção cultural será impulsionada com o advento da "Revolução Nacional-Socialista", que "liberaria" as forças intelectuais da nação.

Um dos primeiros comentários publicados no Diário de Notícias sobre essa temática se deu em setembro de 1935. *A liberdade de pensamento na nova Allemanha* foi o título do texto de Muller:

> Quem de fóra tentar formar um juízo sobre a nova Allemanha, depara sempre com as maiores difficuldades (...) A índole nacional e a cultura são para o liberalismo resultado da seleção individual (...) Na antítese a essa política liberal de cultura exprime-se a substancia da vida cultural nacional-socialista (...)

[8] CORNWELL, John – O Papa de Hitler; A história secreta de Pio XII. Rio de Janeiro: Imago, 2000, pp. 407. O trabalho do historiador inglês relata a vida de Pio XII e as relações do Sumo Pontífice com a Itália fascista e a Alemanha nazista. De acordo com Cornwell, o papa era anti-semita e anti-comunista e se refutou a auxiliar refugiados judeus em Roma que buscaram auxílio do Vaticano para fugir a perseguição do Terceiro Reich.

> Toda a jurisdição nova póde ser expressa pela concepção de índole nacional (...) Isso conduz a considerar-se o Estado como uma communidade natural do povo colligado pelo sangue, pela língua, pelos costumes e pela convivência (...) O Estado julga a obra e a efficiencia cultural do indivíduo (...) Dentro dos moldes estabelecidos de acôrdo com a psychologia do povo, há liberdade illimitada de pensamento e actividade cultural (...) Em nenhum outro país leem-se, percentualmente, tantos livros, frequentam-se tantos theatros e concertos como na nova Allemanha (Ernest Muller, Diário de Notícias, 24/09/35, edição nº 9490, p. 2).

O que Muller pontua, "*O Estado julga a obra e a efficiencia cultural do indivíduo (...) de acôrdo com a psychologia do povo, há liberdade illimitada de pensamento e actividade cultural*", é o que Marcuse (Ibi Idem) entende como a reificação dos valores alemães ancestres que se revelam na apresentação de uma "cultura própria" permeada pelos conceitos de paixão, alma e espírito e que são instrumentalizados pelo nazismo para a edificação de um sentimento de arte "puramente" germânico.

Os artigos também eram vinculados às campanhas de mobilização do Partido Nazista. Foram várias citações destinadas aos eventos patrocinados pelo NSDAP, a exemplo do Primeiro de Maio, transformado na Alemanha em Dia Nacional do Trabalho; o aniversário e a renovação de voto de fidelidade ao Führer, o *Parteitag*, o dia do partido; a celebração da *Machtgreifung* (a conquista do poder pelos nazistas em 1933); e todas as atividades desenvolvidas na ocasião da *Winterhilfswerk* (trabalho de auxílio de inverno), que se constituíam em campanhas de arrecadação de fundos para o NSDAP. A divulgação desses eventos e datas fazia parte da estratégia de propaganda em terras estrangeiras, conforme afirmado pelos próprios militantes da agremiação na Bahia.

A campanha do *trabalho de auxílio de inverno* de 1936, por exemplo, foi amplamente divulgada no Diário de Notícias. Apresentada como *O resultado-record da Obra de Assistência Invernal Allemã*, a matéria, sem assinatura, acompanhada apenas pela vinheta *Linha de collaboração directa para o Diário de Notícias da Bahia*, comemorava o incremento da ação de 1935/36 em relação à realizada no período anterior. Nesta última, o NSDAP teria arrecadado 370 milhões de marcos contra os 364 milhões arrecadados no inverno de 1934/35. O texto comentou a satisfação de Adolf Hitler com a *Winterhilfswerk* desse ano, destacando sua fala no tocante à questão do senso de comunidade germânico. Segue trecho:

> (...) queremos mostrar ao mundo inteiro e ao nosso povo que nós, allemães, não consideramos a palavra "communidade" uma phrase vulgar, mas que esta palavra para nós contém uma obrigação íntima. Eis a nossa guerra (...) (Diário de Notícias, 22/07/36, edição nº 9739, p. 2).

Em 1936 o Diário de Notícias inaugurou um novo espaço em suas páginas, denominado *Dos sectores alemães*. A coluna, além de noticiar toda a movimentação envolvendo os preparativos para a realização das Olimpíadas de Berlim, informava também a respeito de aspectos internos do país, particularmente aqueles voltados à pesquisa e desenvolvimento tecnológico em diversas áreas do conhecimento. As matérias eram enviadas de Berlim, *por via aérea*, assim destacado.

A coluna deixou de ser publicada em 1937, quando um outro espaço do jornal é destinado a informações da Alemanha, as *Cartas allemãs*. A respeito dessa seção, convém lembrar que a mesma é simultaneamente publicada no jornal pernambucano Folha da Manhã, que, como já dito, também destilava ampla simpatia à causa do Terceiro Reich. Os textos dessa coluna eram enviados por um certo *Serviço Especial da R-D-V para o Diário de Notícias*.

Eram cartas publicadas como se fossem endereçadas a um parente ou amigo no Brasil. Os textos falavam das cidades alemãs e o cotidiano do seu povo, contando detalhes do dia-a-dia das famílias; de viagens pitorescas pelos diversos locais do país; dicas de hospedagem, visitas e atrações diurnas e noturnas. As *cartas* buscavam enaltecer o estilo de vida alemão e soavam como um convite ao reencontro com a pátria-mãe. Funcionavam como uma espécie de *folder* turístico sem imagem gráfica, apenas as construídas pelos textos. Um desses relatos comenta a importância do rádio para a família.

> (...) Os nomes dos offertantes são sempre citados com a importância global de todos elles antes de principiar a desejada peça de música (...) Eis, pois, como uma simples e pacata festa de família (...) contribuiu sem que ninguem o pensasse, para uma das mais interessantes obras de solidariedade social! (Cartas allemãs, Diário de Notícias, 11/02/37, edição nº 9903, p. 2).

As *Cartas Alemãs* foram freqüentes durante o ano de 1937. Reforçando o que havíamos sustentado na primeira parte desse capítulo, acreditamos que tais mensagens não tinham como objetivo atingir a maior parte dos leitores do Diário de Notícias. Não haveria porque. Nos textos, fica clara a idéia do *Volk* (povo) neles associados. Um aspecto marcante do nacionalismo alemão também instrumentalizado pelo NSDAP. O conceito de uma cultura (*Kultur e Zivilisation*) original, única, estava reunido, no entender de Norbert Elias (Op. cit), no "*nós imagem*" que essas cartas procuravam espelhar, estabelecendo o elo de comprometimento e proximidade entre os acontecimentos da Alemanha e os cidadãos alemães que se encontravam distantes da terra natal.

Se a Alemanha era passada à comunidade internacional como o país do progresso, da paz, da harmonia social e do desenvolvimento, de acordo com a propaganda nazista esta nação não poderia ter sido co-responsável por um dos mais insanos atentados

aos direitos humanos ocorrido durante a Guerra Civil Espanhola (1936-1939).

Às 16:40h do dia 26 de abril de 1937, os bombardeiros alemães *Heinkel* e *Junker*, da *Legião Condor*, foram testados durante três horas na destruição da cidade basca de Guernica, no norte da Espanha. Cerca de 2500 pessoas morreram. Foi o primeiro ataque aéreo da história desfechado a uma localidade desmilitarizada. As armas nazistas atuaram para socorrer as falanges do golpista fascista Francisco Franco (1892-1975).

A reação da imprensa internacional ao ataque foi enérgica. A resposta da "colaboração" alemã nas páginas do Diário de Notícias se deu com uma nota que volta a utilizar a vinheta *A propaganda anti-germanica*. O texto procurava estabelecer um contraponto às "acusações infundadas" dos opositores do III^{o} Reich. Segundo o Diário de Notícias:

> As affirmações, diariamente repetidas, de pretensas "barbaridades" allemãs, no theatro da guerra civil espanhola, estão causando na Allemanha uma indignação cada vez mais intensa. A informação, absolutamente, infundada de que aviadores allemães teriam destruido a cidade basca de Guernica, matando mulheres e crianças, pelo fogo de suas metralhadoras, seguiu, logo, a igualmente tola informação do desembarque de 13.500 alemães na costa basca, destinados a socorrer o general Franco (...) A Allemanha estranha (...) que uma fonte de caracter official inglesa possa propagar informações, que caso fossem verdadeiras, constituiriam uma accusação muito séria contra a Allemanha (...) por seu visível caracter mentiroso (...) Após a tomada de Guernica pelas tropas do General Franco, innumeros jornalistas de todos os países verificaram que a cidade não tinha sido destruída por bombas, mas sim incendiada pelos vermelhos, em retirada (...) (Diário de Notícias, 31/05/37, edição n^{o} 9993, p. 2).

A mentira e a calúnia, como já frisado, compunham duas marcantes características da comunicação nazista. O texto tenta negar um fato concreto que se utiliza de dados verdadeiros (aviadores allemães teriam destruído a cidade basca de Guernica, matando mulheres e crianças; desembarque de 13.500 alemães na costa basca, destinados a socorrer o general Franco). Essa forma de convencimento por parte do regime nazista é explicada por Hanna Arendt (op. cit.) como "a propaganda (que) prospera nesse clima de fuga da realidade para a ficção". A negação do ocorrido se dá com a reificação do mesmo, só que o negando, banalizando e desconstruíndo.

Aspectos relativos à mulher alemã também foram exaustivamente debatidos nas colunas dos colaboradores. Notícias, artigos e comentários destacavam o papel feminino na sociedade nazista, na qual a pureza racial vinculava-se à "regulamentação" da condição da mulher na nova sociedade que os nazistas almejavam construir. Fazia-se necessário um ordenamento da vida conjugal que se desgarrasse do "antigo" conceito de união da era liberal. A maternidade, para Hitler, dirá muito mais respeito à nação do que ao casal. Este tinha que gerar filhos para a pátria e esta era uma condição para preparar a Alemanha às suas futuras ações beligerantes.

Para os nazistas, a "desorganização" dos laços conjugais (casamentos interectnicos ou se alguém tivesse alguma deficiência) resultaria na "degeneração das qualidades da raça ariana". Em 14 de julho de 1933 o governo alemão promulgou a Lei de Prevenção de Doenças Hereditárias, que obrigava a esterilização de qualquer pessoa que não se enquadrasse nos padrões raciais, "saudáveis", presumivelmente satisfatórios à multiplicação da raça ariana. Medidas como a legalização do aborto, que garantiria a "qualidade futura do feto", e a instituição do divórcio eram entendidas como necessárias à preservação deste conceito de raça.

Assinado por Ernest Muller, artigo publicado em 1936 com título *Novo direito allemão de divorcio*, explica a relação existente

entre esse instituto jurídico e a política racial do Reich. Segundo Muller,

> *"(não) possue a communidade nacional nenhum interesse de manutenção de matrimonios que constituem até um perigo para a perpetuidade biologica e cultural do povo*" (Diário de Notícias, 15/05/36, edição nº 9683, p. 2).

Criava-se assim uma "malha de proteção" social para a mulher, elemento decisivo para os planos do Terceiro Reich. Outro texto publicado com título *A posição da mulher no Terceiro Reich*, resume essa preocupação. O gancho para o tratamento do tema foi uma exposição de pinturas realizada em Berlim sobre a vida de famílias camponesas na Alemanha. Informa a matéria:

> Affirmam os adversários do Terceiro Reich que os seus dirigentes nutriam a intenção de reduzir a mulher a inferioridade, restringindo as actividades femininas ao lar (...) Seis grandes quadros artísticos symbolizavam a importância que o nacional-socialismo attribue ao papel biológico e cultural da mulher (...) É óbvio dizer que todas as figuras representavam o typo racial idealizado pelo nacional-socialismo – altas, delgadas e fortes, mas não todas com olhos azuis e cabellos loiros. A realidade, naturalmente, apenas aproxima-se desse ideal (...) Toda essa secção mostra uma mudança para o lado positivo da idéa racial, ficando apenas esboçada a defesa racial contra elementos estranhos, principalmente judeus, para ceder lugar a uma exposição de valor qualitativo pela escolha matrimonial e do augmento quantitativo dos nascimentos dentro da própria raça (...) (Diário de Notícias, 15/03/37, edição nº 9930, p 2).

Estes posicionamentos remetem ao que Herbert Marcuse frisa como características da *nova mentalidade alemã*. Uma delas é a

substituição dos tabus tradicionais, o que pode ser visto como a adoção, por parte do III Reich, do instrumento do divórcio. É o que comentamos anteriormente como uma das facetas da rebelião contra "os princípios restritivos e transcendentais da moralidade cristã" (Marcuse *in* op. cit). Segundo Marcuse,

> "Para efetivar esta rebelião, o nacional-socialismo se viu obrigado a atacar alguns dos tabus que a civilização cristã havia imposto sobre a vida privada e social. O lado mais evidente deste processo é o ataque a certos tabus sobre a sexualidade, a família, o código moral (...)" (Marcuse in op. cit. p. 199).

Assim como a mulher, um outro alicerce de sustentação do ideário nazista será exaustivamente propagandeado no Diário de Notícias: a Juventude Hitlerista. Para o jornal, a mocidade alemã torna-se um exemplo de comportamento cívico. O Diário de Notícias veiculará notícias sobre a movimentação dessa organização. Um desses momentos, muito curioso, ocorreu em outubro de 1936, quando um militante da organização envia, por intermédio da matéria publicada, saudações a parentes que residiam na Bahia. *A Juventude Hitlerista visita, officialmente, a Italia; E offerece espectaculo pelo seu garbo e por sua disciplina!; Saudações a um parente na Bahia*.

O título e os subtítulos do texto não escondem seu entusiasmo, potencializado pela saudação do militante nazista a um parente "baiano". Interessante notar que esse texto foi enviado por um "correspondente" do Diário de Notícias em Florença, que não o assina. Segundo ele, ao final da cerimônia (a marcha da Juventude Hitlerista em Florença) foi pedido aos militantes da organização que se identificassem aqueles que tinham parentes no Brasil,

> E um destes, com agradavel surpresa nossa, declarou chamar-se Gustavo Schneider e ter, na Bahia, um tio, o sr. Hugo Flatten, director do Club Allemão nesse Estado. Promettemo-lhe mandar, para este, as

> suas saudações, por intermédio do Diário de Notícias (...) (Diário de Notícias, 16/10/36, edição nº 9810, p. 2).

O "correspondente" supostamente alemão do Diário de Notícias, que cobria na Itália uma parada da Juventude Hitlerista, possivelmente articulara a saudação do militante à comunidade alemã no Estado. Isso está claro. Confirma-se assim a ligação do aparato de mídia do NSDAP com o jornal baiano, sugerindo aí algum tipo de interveniência do Clube Alemão da Bahia, o mesmo citado na primeira parte deste capítulo como o principal centro de movimentação do NSDAP no Estado. Ao longo dos anos 1936 e 1937 as informações sobre a Juventude Hitlerista foram freqüentes no Diário de Notícias. Eram, na maioria das vezes, publicadas na coluna *Dos sectores allemães*, que trazia notícias enviadas das agências alemãs, particularmente a Transocean.

2.9.1 Uma economia pujante

Um outro tema que manteve presença constante no Diário de Notícias versou sobre a economia alemã. Algumas considerações a respeito desse tema foram feitas na primeira parte deste capítulo no tocante as relações comerciais entre os dois países. Tendo a Alemanha como país parceiro, o Governo Vargas buscava alternativas para escoar produtos agrícolas no mercado externo, minorando assim a crise que abatia este setor desde o início da década de 30. O governo alemão via nessa aproximação a perspectiva de estabelecer uma política de compensação. Já o Governo dos Estados Unidos argumentava que o comércio entre brasileiros e alemães era sustentado em subsídios por parte dos segundos, o que indicava uma prática de *dupping* dos importadores germânicos (Corsi, ibidem, p. 61). O presidente Franklin Delano Roosevelt pressionava o Brasil no sentido de reduzir o comércio bilateral com a Alemanha.

Em 1935 inicia-se no Diário de Notícias um caudaloso debate sobre esse problema. Um dos primeiros posicionamentos do jor-

nal foi o artigo *O plano de exportação allemão e seus críticos*. O texto continha a mesma vinheta da fonte de origem: *Linha de collaboração, exclusiva, para o Diário de Notícias da Bahia*. Segue trecho:

> (...) absolutamente não se póde falar dum dumping, pois a importancia, de dinheiro, posta á disposição pelo plano de exportação, não chega de forma alguma para isso e porque a Allemanha mesma tem o maior interesse em uma livre política de preços (...) (Diário de Notícias, 23/08/35, edição nº 9470, p. 2)

A partir desse artigo outros se sucederão no sentido de afirmar o ponto de vista alemão na disputa por mercados com os Estados Unidos, Inglaterra e França, assim como as pretensões germânicas em relação ao mercado brasileiro. Para o articulista Ernest Muller, autor do comentário *Intensificação artificial da vida economica na Allemanha?*, no seu país estava se produzindo uma experiência inteiramente nova em termos de política econômica mundial, "que não poderá mais ser concebida para com as nações tradicionaes" (Ernst Muller, Diário de Notícias, 17/09/35, edição nº 9490, p.2). A justificativa em relação às práticas ensejadas pelo comércio exterior alemão era um recado direto às pretensões norte-americanas, uma "tradicional" nação com a qual o Brasil havia se tornado parceiro numa relação de grande desvantagem.

Os subsídios dispensados aos produtores locais de fumo por parte de empresários alemães que dominavam à época o setor no Estado (Ramos, op., cit., p.36) será outra pauta constante. O Diário de Notícias publicará comentários enviados pela *Linha de collaboração directa* quanto à situação do mercado de fumo na Alemanha com o intuito de explicar esse quadro. O texto publicado em outubro de 1935, de título *A situação actual da industria de fumo na Allemanha*, analisa esse panorama.

> (...) o número de charutos fabricados aumentou de 20% , isto é, de 6,6 bilhões (de unidades) em 1933

> a 7,8 bilhões no ano passado (...) O problema do abastecimento da industria de fumos allemã com materias primas não offerece grandes dificuldades. Cerca de 80% da matéria prima devem ser importados do estrangeiro, mas excepto a importação dos Estados Unidos, toda essa importação realiza-se pelo systema de compensação (...) (Diário de Notícias, 11/10/35, edição nº 9511, p. 2)

A nota evidencia a atuação de alemães na Bahia no setor fumageiro, que se daria pelo "systema de compensação". Por outro lado, a disputa pelo mercado brasileiro por parte do capital germânico também estará presente na *Linha de collaboração directa*. A intenção era frisar a superioridade dos produtos da Alemanha no que tange à já citada concorrência com mercadorias produzidas nos Estados Unidos e Inglaterra. De acordo com o artigo de Ernst Muller, "*A qualidade das mercadorias allemãs de exportação*" (Diário de Notícias, 27/12/35, edição nº 9751, p.2) superava as que eram produzidas nos Estados Unidos, França e Inglaterra, pois "o carimbo *made in Germany*" indicava preços mais competitivos, decorrentes de uma política econômica voltada à satisfação dos consumidores e não exclusivamente ao lucro.

Outras matérias enviadas de Berlim comentavam, por exemplo, sobre "*apparelhos de radio que satisfazem os mais requintados desejos*" (Diário de Notícias, 05/10/36, edição nº 9801, p. 8). Nesta mesma ocasião, o jornal informou sobre a visita de um certo Richard Metzner, "chefe de vendas no Brazil da conceituada Companhia Brazileira de Eletricidade Siemens Shcukert S/A". Era uma "reportagem" que se encarregava de vender, "os novos appparelhos Telefunken" (Diário de Notícias, ibidem, p.08). Além de se apresentar como veículo de divulgação da propaganda nazista, o jornal também se transformara num espaço de publicidade dos produtos alemães, veiculadas não apenas em linguagem publicitária, mas também jornalística.

Já o conde Sohwerin von Krosigk explicará aos seus patrícios na Bahia, pelas páginas do Diário de Notícias, como se operava

a política financeira do seu país. Segundo o conde, as práticas econômicas levadas a cabo pelo NSDAP tinham produzido uma "maravilha alemã", onde "o povo alemão reconhecendo que o caminho era certo e seguro abandonou o desespero e a resignação e de novo (retomou) a confiança" (Diário de Notícias, 17/12/35, edição nº 9563 p. 2). Sohwerin escrevia também que uma das facetas dessa política sustentava-se no grande volume de encomendas efetuado pelo governo às próprias empresas alemãs, o que tinha dinamizado a economia local.

> As medidas adoptadas por Adolf Hitler, que assumiu a chefia do povo allemão no momento mais agudo (...) foram aplicadas no momento opportuno (...) O governo nacional-socialista já provou ter encontrado o caminho certo (Diário de Notícias, 18/12/35, edição. nº 9564, p. 2).

2.9.2 A barreira anti-bolchevique e anti-semita

Um outro aspecto da propaganda veiculada no Diário de Notícias é o posicionamento dos articulistas e despachos alemães "ante a ameaça bolchevique-judaica internacional". A luta anticomunista da Alemanha na década de 30 encontrará eco no imaginário construído no Brasil nesse período. O comunismo será alçado à condição de ideologia demonizada, em permanente associação com o "judaísmo internacional" e o "liberalismo burguês".

Essas associações foram projetadas pelo próprio Adolf Hitler quando se encontrava preso em Landsberg no ano de 1924. De acordo com o Fuehrer: "O marxismo marchará com a democracia até que consiga, por via indireta, os seus criminosos fins (...)" (Hitler, op., cit., p.237).

Aproveitando o Estado de Guerra decretado pelo presidente Vargas no sentido de coibir a ação dos comunistas brasileiros – a Intentona de 1935 -, o que se registrará no Diário de Notícias é a propaganda anti-soviética seguindo o receituário do discurso nazista.

A campanha ocupou as páginas do jornal entre os anos 1935 e 1938, arrefecendo em 1939 e voltando à carga a partir de 1940. Estes marcos demonstram que a ação foi desfechada a partir da agenda do Ministério da Propaganda da Alemanha. O arrefecimento em 1939 se dará em função do pacto político firmado entre Hitler e Stalin[9].

A perspectiva de unir todos os estados nacionais "fortes" contra o bolchevismo estará presente nos discursos dos "colaboradores" alemães do Diário de Notícias. Chamando atenção da *Propaganda Comunista*, Hermann Dudennhoeffer coloca o Estado nacional-socialista como vanguarda nesse processo. Segundo o colaborador, apenas nos países que acataram as vozes de Berlim foi onde se conseguiu debelar a influência moscovita. Nesses países,

> (...) se ouviram vozes proféticas como a do Dr. Goebbles, prevendo maiores desgraças imminentes (...) por isso ella, agora, por preservar outros povos de igual destino, chammando incessantemente, a atenção mundial sobre os perigos do bolchevismo, e é compreensível que a imprensa germanica, segundo informam as agencias telegrafhicas, se regosije e felicite o presidente Getúlio Vargas pela enérgica repressão da revolta communista e como um dos poucos estadistas que compreenderam a extensão da desgraça que cairia sobre o povo brazileiro com a victoria bolchevista (...) (Hermann Dudenhoeffer, Diário de Notícias, 07/12/35, edição nº 9555, p. 2).

As "vozes proféticas do Dr. Goebbles", ouvidas e acatadas pelo Estado brasileiro, marcarão presença no Diário de Notícias a partir da publicação desse comentário de Dudenhoeffer. O material enviado pelo Ministério da Propaganda alemão explicará aos leitores como se articulava a Internacional Comunista segundo a

[9] Desdobraremos esse problema no próximo capítulo.

ótica do Terceiro Reich. Os textos demonstravam, quase sempre, a preocupação da Alemanha com a movimentação dos militantes comunistas no Brasil.

Preocupação que não se limitava a uma observação política com o que se passava internamente no país. É conhecida a participação de agentes da polícia secreta do Reich, a Gestapo, na ação investigativa e de combate à atuação de militantes comunistas alemães que aqui se encontravam a mando do Komitern para realizar a revolução brasileira. Um deles, Arthur Ernst Ewert, conhecido como Harry Berger, preso pela DOPS no Rio de Janeiro após apurada sua participação na Intentona de 1935, foi intensamente torturado por homens da Gestapo em solo brasileiro (Moraes, op., cit., p.112).

O communismo e a sua obra mundial; Milhões de creaturas sacrificadas, pela fome, pelo fogo, pela corda e pelo ferro; Um relatório sinistro baseado nas próprias declarações dos soviets dá título à série de reportagens produzida pelo ministro Goebbles e enviada diretamente de Berlim. Os textos foram publicados nos dias 16, 17 e 18 de dezembro de 1935, logo após o levante da Intentona. Segue trecho da publicação de 16/12.

> (...) o bolchevismo procura conscientemente revolucionar todos os povos (...) o brutal e impiedoso dominio desta desvairada organização partidaria e do Estado, por uma pequena minoria terrorista constituida na sua maior parte por elementos judeus (...) Depurado e unificada pelo Nacional Socialismo, a Allemanha sabe bem, ao conduzir, á frente de todos os grupos com a mesma tendencia esta luta contra a bolchevização internacional do mundo, que a missão que tem a cumprir é uma missão mundial, a qual ultrapassa seus objetivos nacionaes e de cujo exito depende o destino de todos os povos civilizados (...) (Diário de Notícias, 16/12/35, edição nº 9562, capa).

Goebbles destilará seu ódio contra os judeus que, segundo ele,

estariam atuando por detrás da movimentação comunista internacional. Os discursos anti-semitas publicados no Diário de Notícias não se restringirão àqueles produzidos pelos intelectuais da direita brasileira. O material enviado pelo Ministério da Propaganda da Alemanha é que dará o tom editorial. O combate à tríade judaísmo-comunismo-liberalismo, levada a cabo pelo NSDAP, encontrava ressonância em diversos setores da sociedade brasileira, inclusive, como já citado, pelo próprio Altamirando Requião. Esta associação remetia, no Brasil, aos significados: anti-católico, anti-estado e anti-tradição, respectivamente.

O judeu fora estereotipado como elemento "desagregador" dos valores da tradição cristã desde que se configurou na história do cristianismo o imaginário do assassinato de Cristo por parte do povo israelita (Gholdagen, op., cit., p.62). Preconceito que será potencializado e capitalizado no século XX pelo discurso nazi-fascista com outro tipo de argumento: a associação exaustiva da imagem do judeu com a agitação política dos movimentos de esquerda na Europa.

A justificativa decorria de fatores históricos. O advento da Revolução Russa, a primeira experiência socialista da História, contou com decisiva participação de militantes judeus, que há anos vinham sofrendo perseguições naquele país (os *pogrons*). A revolução social seria uma espécie de válvula de escape ante a situação histórica de constrangimentos[10]. A primeira expressão organizada do Partido Bolchevique, liderado por Lênin, tratava-se de um partido judeu, a União dos Operários Judeus da Lituânia,

[10] Na opinião de Michel Lowy (1989), o quadro acima se enquadra na categoria interpretativa que ele denomina como Messianismo Judaico (Lowy , 1989, p. 23). Segundo o autor, no judaísmo antigo o mundo era percebido não como eterno ou imutável, mas como um produto histórico passível de ser transformado por uma ordem Divina. Essa construção, na sua concepção, agiria como uma espécie de combustível inconsciente que catapultaria muitos judeus para aventuras revolucionárias. Diz ele: Para a tradição judaica (sobretudo bíblica), a mudança trazida pelo *Et Ketz*, o tempo do fim, é geral, universal e radical. Não significa um aperfeiçoamento do mundo tal como existia até então, mas a criação de um mundo inteiramente outro (Lowy, ibidem, p.23).

Polônia e Rússia, o *Bund*. Até 1905, o *Bund* se constituiu na maior organização operária da Rússia (Clemesha, 1998, p.131).

No Brasil, a associação da imagem do judeu como um elemento predisposto a transformar estruturas e subverter valores figurará também no espectro ideológico do Estado Novo e nos meios intelectuais que o sustentarão. Por extensão, o anti-semitismo praticado pelo Diário de Notícias, mediante a colaboração alemã, era estritamente político. O preconceito no Brasil não era necessariamente étnico, ainda que o judeu como raça fosse visto de forma estereotipada por diversos veículos de imprensa da época (Carneiro, op., cit., p. 442).

No Brasil, o então proscrito Partido Comunista contava com diversos militantes de origem judaica no comando da agremiação. De cidadania brasileira ou enviados do exterior pelo Komitern para preparar a revolução nacional, os comunistas judeus se constituíram como grupo de destaque no PCB.

Entre os estrangeiros, destacavam-se os judeus-alemães Harry Berger e Olga Benário – esta última enviada pelo Komitern para atuar como guarda-costas do líder comunista Luis Carlos Prestes –, e Moisés Vinhas, o "Xangô", como foi apelidado pelos estivadores da Cidade do Salvador o judeu romeno de cabelos avermelhados que imigrara para a Bahia na década de 30 (Risério, 2002, p.106). Militavam também os nascidos no Brasil, como os irmãos Jacob e José Gorender e Leôncio Basbaum, entre outros. Como simpatizante do partido, destacava-se o pintor Lasar Segall, que foi implacavelmente perseguido pelo Integralismo (Carneiro, op., cit., p.429).

O Ministério da Propaganda da Alemanha, via Diário de Notícias, enquadrará um discurso no qual o judeu-bolchevique estará à "espreita", articulando em diversos campos – política, arte, imprensa, comércio etc. – no sentido de desestabilizar a ordem política internacional. É o caso do artigo *Bolchevismo cultural, em Hollywood* (Diário de Notícias, 02/02/37, edição nº 9897, p.3). No texto, Goebbles analisa a indústria cinematográfica norte-americana como um centro de controle da "judiaria interna-

cional". Na edição citada, a exibição do filme *Próximo do céu* é tenazmente condenada pelo fato de apresentar um ator negro interpretando o personagem Jesus Cristo: "(...) Nosso Senhor, é um negro, que tem, para os problemas do mundo, sómente um riso jovial (...)" (Diário de Notícias, op., cit., p.03).

Nesta compreensão, bolchevismo e judaísmo seriam uma só ideologia, porque o

> Communismo é o filho espiritual do judéu Mordochai mais conhecido sob o seu nome adquirido de Karl Marx. O objectivo e a intenção do communismo judaico são: Erigir uma hegemonia judaica universal, em cujo imperio o não judeu seria comndenado ao helotismo e à escravidão (Diário de Notícias, 09/07/36, edição nº 9728, p. 3).

Nas páginas do Diário de Notícias a civilização cristã deveria se unir "contra a hidra vermelha!", caso contrário "seria ameaçada de aniquilamento" (Diário de Notícias, 06/02/36, edição nº 9602, capa). Os líderes da Alemanha são apresentados como "anjos da guarda" da humanidade contra a ameaça comunista. Matéria publicada na capa do jornal em 14 de março de 1936 espelha essa preocupação: *A Russia está sendo a alma damnada da situação européa; Hitler e Goering falam ao povo allemão, arrancando applausos delirantes e enthusiasticos*. O texto é coordenado ao editorial *Hitler fala ao seu povo*, que além de ser uma ode ao líder alemão, o classifica de "pacifista". Segue trechos:

> O chanceler Adolf Hitler discursou, perante uma assistência calculada em 60.000 pessôas (...) A oração de Hitler, vibrante e enthusiastica, representa seu espírito pacifista (...) A Allemanha já sentiu a ação do communismo, pelos seus effeitos desagregadores (...) que não deseja vêr o seu povo sem defesa perante o communismo (...) porque o Nacional-Socialismo fez da Allemanha um País livre e feliz (...) (Diário de Notícias, 14/03/36, edição nº 9633, capa).

O golpe do Estado Novo também será alvo de diversas manifestações de solidariedade por parte do ministro Goebbles. O combate ao PCB desencadeado com veemência pelos órgãos de segurança do Estado brasileiro será respaldado pela campanha do NSDAP no jornal. Um desses momentos ocorre em maio de 1938: *O Ministro da Propaganda do Reich e o combate ao communismo, no Brazil; Applausos à benemerita campanha do nosso governo*. Com origem em Berlim, a matéria versava sobre a opinião do ministro Goebbles sobre os acontecimentos no Brasil.

> Em diversas opportunidades tem manifestado sua profunda sympatia pelo Brazil e os brazileiros o dr. Goebbles, Ministro da Propaganda do Reich (...) o dr. Goebbles teve palavras de irrestricto applauso às atitudes do presidente Getúlio Vargas, em sua benemerita campanha de combate ao communismo (...) o Ministro da Propaganda accentuou, tambem, a sympathya com que os nacionaes-socialistas allemães acompanham as transformações políticas recentemente registradas no Brazil (...) (Diário de Notícias, 05/01/38, edição nº 10.165, p. 3).

Importante lembrar que nesse período as relações diplomáticas entre o Brasil e a Alemanha se encontravam estremecidas em decorrência da atuação do NSDAP em solo brasileiro, denunciado por diversas autoridades. No entanto, a matéria enviada pelo ministro Goebbles, como visto, procurava se desvencilhar desse problema, ou mesmo amainar os ânimos.

2.9.3 O grande líder

O destaque dado à figura de Adolf Hitler, fosse na condição de líder maior do povo alemão ou encarnado na figura de "anjo da guarda" mundial contra o avanço do bolchevismo e da "judiaria"

internacionais, é fonte recorrente nos artigos e matérias. A publicização do Führer se dá em torno de uma figura mítica, "condutor" da paz na Europa, responsável por medidas "construtivas" no continente, anunciado por suas "eloqüentes" proclamações no rádio, transcritas na íntegra no Diário de Notícias. No enquadramento das imagens, as poses serão bem trabalhadas, com olhares de perfil projetando o futuro. O "libertador" da Alemanha é o "profeta" de um novo tempo, que "oferece 25 anos de paz" à França em atitudes de extrema compreensão para com aquele país. Conforme Hanna Arendt, o trabalho de comunicação levada a cabo pelo NSDAP fora lastreado no esvaziamento da realidade. É o que se detecta. A ficção que se mostrará presente de forma incisiva no periódico soteropolitano.

"Medidas construtivas de Hitler", "Hitler soube orientar os debates para o problema essencial e fundar a moral da comunidade européia" (Diário de Notícias, 03/04/36, edição nº 9650, p. 3). Esta matéria, por exemplo, versava sobre o Tratado de Locarno, o fórum de debates instituído entre a França e Alemanha após a Primeira Guerra para discutir as tensões fronteiriças que ficaram pendentes entre os dois países após o conflito. Hitler não tinha o propósito de construir a paz e sim pavimentar o futuro conflito que em menos de quatro anos viria ocorrer.

Importante ressaltar que as entrevistas do líder alemão não buscavam extrair informações da fonte numa peleja que reuniria entrevistador e entrevistado. Faltava a tensão necessária e os questionamentos inerentes a essa prática. As "entrevistas" se restringiam apenas a dar o espaço necessário à argumentação do chanceler alemão e seus títulos eram sempre adornados com tons apologéticos, buscando destacar seu papel no cenário internacional.

> Adolf Hitler concede ruidosa entrevista sobre o actual momento europeu; se a França não permitiria Strasburgo sob os canhões allemães, acredita Sarraut que seria agradavel para a Allemanha permanecerem nossas cidades ameaçadas pelos canhões franceses?; Estou certo de que foi este o maior serviço que se

> tem prestado á causa da paz! (Diário de Notícias, 12/03/36, edição nº 9631, capa).

Além de ridicularizar, à época, o primeiro ministro francês Sarraut, a manchete coloca as próprias palavras de Hitler em primeira pessoa no subtítulo que abre a entrevista do chanceler. São discursos oriundos de pronunciamentos nas emissoras de rádio. Um desses momentos pode ser constatado em matéria veiculada em março de 1938: *Eloquente proclamação de chanceler Hitler; Lida ao microphonio das emissoras allemãs pelo Ministro de Propaganda Sr. Goebbels*.

> Berlim 12 (Pelo aéreo) O Ministro da Propaganda, senhor Goebbles, acaba de ler ao microphone de uma das mais importantes estações radiotransmissora desta capital a seguinte proclamação do chanceler Adolf Hitler (...) (Diário de Notícias, 16/03/38, edição nº 10.222, p. 2).

A apresentação que antecede o discurso é ambientada ao leitor como se o fato passasse em tempo real. Ocorrera no dia 12 e no dia 16 estava sendo publicado no Diário de Notícias. No entanto, a despeito da questão temporal, este é anunciado como se estivesse tentando reproduzir num impresso a mesma sensação da imediaticidade do rádio.

Conforme Jean Marie Domenach, esses discursos buscavam o efeito de "balões de ensaio" mediante gigantesca propagação em todo o mundo. A tática consistia em despertar a opinião pública internacional. A idéia era pavimentar o caminho para as duras medidas de política externa que viriam a ser tomadas pelo Terceiro Reich (Domenach, op., cit., p.65). Sugeriam informações com origem em diversas fontes. É a astúcia do feirante que aciona um parceiro para simular um suposto cliente que rasga elogios à sua mercadoria.

2.9.4 A propaganda esfria

Ao longo do ano de 1939 a propaganda política do NSDAP no Diário de Notícias praticamente desaparece. Não sem razão. Conforme já discutido na primeira parte deste capítulo, neste ano as relações diplomáticas entre Brasil e Alemanha atravessaram um processo de deterioração. A Delegacia de Ordem Política e Social (Dops) identifica a participação de elementos nazistas no *putsch* integralista de maio de 1938 (Silva, op., cit., p. 268) e o governo se põe em alerta quanto à movimentação do NSDAP no Brasil. Os órgãos de segurança fecham o cerco à atuação da mídia alemã, atingindo diretamente a agência Transocean, que operava como sucursal da agência de notícias Deutsche Nachrichtenbüro, diretamente ligada ao ministro Goebbles.

Ao longo de 1939 pouquíssimas foram as demonstrações de simpatia do Diário de Notícias para com a Alemanha. Encerram-se, temporariamente, as participações dos "colaboradores" no jornal assim como desaparecem das páginas do vespertino as colunas fixas e matérias sobre aquele país. As imagens de Adolf Hitler, que nos quatro anos anteriores foram expostas à exaustão, deixam de figurar.

Todavia, como será constatado, não será uma mudança da linha editorial do jornal. A regularização das relações diplomáticas entre o Brasil e a Alemanha e as medidas adotadas pelo governo de Vargas para "resguardar" as críticas ao regime nazista e sua política externa[11] revigorará no ano seguinte a atuação germânica na mídia nacional.

Com o início da Segunda Grande Guerra, o Diário de Notícias praticamente se transformará num panfleto de divulgação das ações militares da Alemanha. A política editorial será de inclinação total ao Terceiro Reich. Tratar-se-á de uma postura ainda mais explícita de simpatia ao regime de Adolf Hitler e à guerra que ele abraçara. Esta é a discussão do nosso próximo capítulo.

[11] Assunto já discutido na primeira parte deste capítulo.

Capítulo 3

O panfleto de guerra 1940-1941

3.1 A Segunda Grande Guerra já é realidade – O Diário de Notícias muda de dono

Em 1º de setembro de 1939 se inicia um dos mais cruéis conflitos que a humanidade já vivenciou, a Segunda Guerra Mundial. A Alemanha nazista invade a Polônia após ter anexado a Thecoeslováquia, em 1938. O país é dividido ao meio e parte dele é ocupado pela União Soviética, que também invade as chamadas repúblicas bálticas: Lituânia, Estônia e Letônia. Um ano depois, em 1940, a União Soviética abriu frente de batalha contra a Finlândia.

A violência contra os estados eslavos foi decorrente do pacto de não agressão firmado entre Stalin e Hitler. Em 23 de agosto, Viacheslav Molotov, Comissário do Povo para os Negócios Exteriores da União Soviética, e Joachim von Ribbentrop, Ministro do Exterior do Terceiro Reich, assinavam o tratado em Moscou. O ato estarreceu o mundo. A França é ocupada logo em seguida pelos alemães e a Inglaterra se posta sozinha na defesa do seu ter-

ritório. A guerra durou até agosto de 1945, deixando um saldo de 60 milhões de mortos.

Pela primeira vez na história o massacre de populações civis é planejado em escala industrial. O ensaio bélico durante a Guerra Civil Espanhola e as discussões ideológicas que se arrastaram por toda a década de 30 agora se materializavam no horror da intolerância étnica e política, levada às ultimas conseqüências pela disposição nazista de conquistar o mundo. A Segunda Guerra mundial foi o conflito da era industrial. A ciência "avançou". O computador, o tecido sintético, o radar, o foguete balístico foram desenvolvidos ao longo desse conflito. A bomba atômica também.

O horror se institucionalizou na Alemanha e nos países por ela ocupados. A humanidade se viu diante da luta entre o bem e o mal, um conflito de visões de mundo. No entanto, a prática stalinista da União Soviética demonstrara que, até 1941, o país não se enquadraria nessa dualidade. O pacto germano-soviético, responsável pelo desligamento de milhares de militantes comunistas de seus partidos em todo o mundo, provara que o país comandado por Stalin não queria ter a Alemanha como inimiga. Não se tratava, simplesmente, de não agressão, mas sim uma tática de isolamento em relação ao conflito. Para Stalin, a luta se limitaria à coligação de ingleses, franceses e norte-americanos contra os alemães. O desgaste de ambos os lados lhe interessava.

Quanto à posição dos Estados Unidos, até o ataque japonês à base de Pearl Harbor, no Hawai, ocorrida em dezembro de 1941, o governo norte-americano mostrava-se ambíguo em relação ao Japão. Em relação à Alemanha Nazista, a despeito da disputa por áreas de influência no comércio exterior, o movimento imperialista de Hitler era visto como um "antídoto" amargo, mas necessário, que cumpriria seu papel de barrar o expansionismo bolchevique no continente europeu. Essa corrente isolacionista foi predominante na classe dominante norte-americana até 1941 (Coggiola, 1995, p.32 *in*).

3.2 Um Estado não tão distante dos acontecimentos

Enquanto o mundo se encontrava apreensivo com o acirramento do conflito, na Bahia a Segunda Grande Guerra não despertou interesse entre a população local até o ataque japonês a Pearl Harbor (Sampaio, 1995, p.86). À medida que os fatos indicavam a generalização do conflito, a população baiana, com cerca de 88% dos habitantes vivendo no meio rural, timidamente procurava tomar partido dos acontecimentos (Sampaio, ibidem, p.86). Esse panorama se consolida quando o conflito aponta para a inclusão do Brasil no palco da guerra. O torpedeamento de navios brasileiros pela marinha alemã foi decisivo para despertar o engajamento da sociedade.

As manifestações de rua em Salvador se avolumaram. Estudantes, profissionais liberais e o povo em geral exigiam a entrada do Brasil na guerra. A posição do Diário de Notícias frente a esses acontecimentos destoava politicamente do restante da imprensa local em relação às expectativas da população, principalmente da classe estudantil, que exigia que o país entrasse na guerra contra as forças do eixo. De acordo com João Falcão (op. cit):

> (A Comissão Central dos estudantes) deu grande impulso ao movimento patriótico, que quase diariamente tinha suas atividades noticiadas pela imprensa, notadamente pelo Imparcial e pelo Estado da Bahia, sendo que este mantinha a seção intitulada "Vida Estudantil" (...) Os jornais A Tarde e Diário da Bahia davam também cobertura ao movimento patriótico. Enquanto isso, o Diário de Notícias, dirigido pelo ex-deputado Antonio Balbino de Carvalho, dava inteira cobertura à Alemanha nazista (Falcão, ibidem, p.198).

A assertiva de Falcão diz respeito à linha editorial do jornal. Balbino mantém a mesma conduta do antecessor, Altamirando

Requião. O assunto já foi comentado no capítulo anterior. Todavia, a passagem da empresa para as mãos do segundo é permeada por alguns fatos que merecem ser analisados.

3.3 Um jornal revigorado

A perda do jornal por parte de Requião, ocorrida no final do ano de 1939, foi um acontecimento marcante na sua vida (Veiga, op., cit., p.94). A empresa entrara em séria dificuldade econômica e, como já comentado, foi vendida a Balbino, que teve como avalista o coronel Franklin Lins de Albuquerque. O novo dono, ainda que não tenha alterado sua linha política, empreendeu radical transformação no projeto gráfico. O jornal ganha um desenho mais arrojado, moderniza-se. Mudam-se as fontes das letras e caracteres.

O parque gráfico fora incrementado. O fato é comunicado aos acionistas da empresa em assembléia geral extraordinária realizada a 05 de julho de 1940. A ata da assembléia indica que a decisão de renovar o setor industrial da empresa se deu durante estada de Balbino na Capital Federal. Na ocasião, o novo proprietário expõe a seguinte comunicação aos acionistas durante assembléia:

> Depois de expor, em rápidas palavras, os passos que têm dado no sentido de desenvolver o jornal editado pela sociedade, inclusive relatando os objectivos da sua viagem ao Rio, o Director Presidente salientou a necessidade de se adquirir mais uma linotypo para o "Diário de Notícias" e reapparelhar suas officinas grafhicas (...) declarando que lhe era particularmente grato manifestar á assembléa o seu desvanecimento pelo interesse demonstrado pelo representante da Lynotipo, Sr. Landsberg, que se havia re-

> velado um grande amigo do "Diário de Notícias", no decurso de todos os entendimentos (...)[1]

Não temos informações referentes ao "Sr. Landsberg", apresentado aos acionistas do Diário de Notícias por Antonio Balbino como um "grande amigo" do jornal "no decurso de todos acontecimentos". No entanto, um fato nos parece extremamente significativo e que aponta à seguinte indagação: qual o efetivo interesse que movia Landsberg em "ajudar" o Diário de Notícias a adquirir mais um equipamento da Lynotipo? E quais seriam os tais "acontecimentos"?

Importante notar que na mesma assembléia Antonio Balbino de Carvalho faz outra comunicação relevante aos sócios da empresa: ele assumiria total poder à frente da organização. O Diário de Notícias aumentara significativamente seu capital social subscrito. De um total de 200 contos de réis, divididos em lotes de mil ações de 200 mil réis cada, foi tomada a decisão de substituir essas ações, cada uma, por outras de valor dobrado. Além dessa medida, são emitidas mais mil ações no valor de 200 mil réis cada. Na verdade, o aumento do capital social e a entrada de novos acionistas justificavam a necessidade de novos investimentos do parque gráfico, o que demandaria um custo de 300 contos de réis, segundo informa a ata da assembléia. O aumento do capital social do Diário de Notícias se traduzia no superpoder que Balbino investia para comandar a organização. Assim ele se pronunciou na mesma ata:

> PROPONHO que a Assembléa Geral Extraordinária do "Diário de Notícias" S.A, aqui representada pela totalidade de suas acções em circulação, aprove o seguinte: "Fica o Director-Presidente da Sociedade Anonyma Diário de Noticias auctorizado a promover, quando lhe parecer opportuno e se ao seu juizo parecer de conveniencia para os interessados, digo, de

[1] Ata da Assembléia Geral Extraordinária, 05/07/1940, FL 35, Junta Comercial do Estado da Bahia (Juceb)

> conveniencia para os interesses sociaes, os meios necessarios para augmentar o Capital-social da S.A. "Diário de Notícias", até o limite de seiscentos contos de réis em vez do capital actual de duzentos contos de réis, dividido em acções de duzentos mil réis, cada (...)[2]

A empresa que se mostrava com sérias dificuldades financeiras no ano anterior agora recebia significativa injeção de recursos. O revigoramento do Diário de Notícias acontece num período de grande dificuldade econômica no mundo. A guerra impusera racionamentos e a escassez de capitais era uma realidade.

Retomando a indagação da página anterior, os fatos expostos nos indicam que existiu evidente ligação entre os interesses demonstrados pelo empresário Landsberg, o "amigo do Diário de Notícias", e o revigoramento econômico do jornal. Nessa perspectiva, rememorando o segundo capítulo, lembremos da movimentação da Embaixada Alemã em constituir uma rede de comunicação social no país e a integração do jornal baiano a esse projeto, como já pôde ser atestado aqui pela farta documentação apresentada. Nesta segunda fase da empresa, sob a direção de Balbino, a tão propalada *"Linha direta de collaboração com o Diário de Notícias da Bahia"* arrojara-se. Esta se daria, de agora em diante, mediante a participação financeira germânica na organização de forma mais enfática e "profissional". Estaríamos diante de uma espécie de arrendamento econômico, conforme nos informou João Falcão.

Mais: João Falcão também assegura que esse processo fora intermediado por um personagem peculiar da história da imprensa nacional, Antonio Geraldo Rocha Filho[3]. Tio de Antonio Balbino de Carvalho, o baiano Geraldo Rocha, natural da cidade de Barra, oeste do Estado, era engenheiro civil formado pela Escola

[2] Ata da Assembléia Geral Extraordinária, 05/07/1940, FL 36, Junta Comercial do Estado da Bahia (Juceb)

[3] A informação foi nos passada durante entrevista concedida em 26/09/01.

Politécnica de Salvador. Além de exercer as atividades de engenheiro, foi representante de diversas empresas estrangeiras no Brasil, jornalista e empresário de destaque da imprensa escrita do Rio de Janeiro. Na Capital Federal Geraldo Rocha foi proprietário dos seguintes jornais na década de 30: *A Noite*, publicado entre 1935 a 1930; e *A Nota*, que circulou entre 1935 e 1939. Foi também fundador da *Agência Latina de Notícias*, que atuou no ano de 1942, e posteriormente fundador do jornal *O Mundo*, publicado entre os anos de 1947 e 1957.

Falcão acredita que o que teria movido a ação de Geraldo Rocha na plausível intermediação envolvendo o Diário de Notícias e empresários alemães seriam apenas interesses financeiros. "Ele (Geraldo Rocha) era um homem sem comprometimento ideológico", afirmou João Falcão[4].

No entanto, a despeito dos interesses financeiros terem falado mais alto nesta factível negociação, temos indicações que Geraldo Rocha alimentava simpatias ideológicas pelo nazismo, regime que ele via como uma experiência política modelo. Rocha mostrava-se entusiasmado quando,

> "Os jornais alemães e italianos trazem documentos impressionantes, revelando o treinamento da mocidade, fortalecendo o corpo e disciplinando o espírito, constituindo as gerações de amanhã um todo homogêneo e coeso, sabendo mandar e obedecer, e podendo resistir aos combates dos dias incertos, reservados no futuro da humanidade" (Rocha, 1938, p.12 *in*....)

O texto sugere seu conhecimento acerca do que estava sendo veiculado pelas imprensas alemã e italiana. Geraldo Rocha era politicamente próximo a Getúlio Vargas. Esteve presente no Parlamento como deputado federal eleito pela Bahia nas legislaturas de 1921 a 1930 e de 1935 a 1937, tendo sido constituinte em 1934.

[4] Entrevista realizada em 26/09/01.

Por conta da sua aproximação com Vargas, havia conseguido indicar Landulfo Alves, em 1938, como interventor do governo do Estado da Bahia. Posteriormente, rompeu com o interventor pelo fato de não ter conseguido nomear afilhados políticos para cargos de destaque nas máquinas administrativas do Estado e da Prefeitura de Salvador (Abreu, op., cit., p.5088).

O jornalista foi violentamente atacado pelo Partido Comunista na década de 30. Em 1935 foi classificado pelo PCB como um empresário que traficava interesses utilizando como moeda de troca sua influência nos meios de comunicação. Segundo o partido, a imprensa do Brasil no ano de 1935 era "comprada e venal, dirigida por insaciáveis argentários e ladrões do estofo de Geraldo Rocha (...)" (Dutra, op., cit., p.211).

A atuação de Geraldo Rocha nos dá pistas evidentes de que ele conduziu as negociações com os agentes alemães que já operavam com o Diário de Notícias, "*turbinando*" o periódico para uma fase de propaganda política que exigia mais recursos gráficos. Cremos que Balbino também operou como uma espécie de "laranja" nesse processo de substituição a Altamirando Requião no comando do jornal.

A partir de agora, analisaremos como se deu esse segundo momento editorial do Diário de Notícias no caso estudado. O mundo estará em guerra, um conflito do qual Goebbles declarou que faria dentro dele sua guerra particular, a batalha que transcenderia os campos e se daria, não como menos força e poder de fogo, na mídia.

3.4 A batalha no papel

O trabalho de informação à opinião pública sobre os objetivos alemães na guerra sofrerá variações em relação ao fora realizado entre 1935 e 1938. Nesse período, além de fazer propaganda nazista, o jornal neutralizou as informações que se contrapuses-

sem aos interesses alemães. Mas durante os anos de 1940 e 1941 haverá um engajamento ainda maior com a causa nazista.

Aproveitando o espaço dado pelas autoridades brasileiras à movimentação de mídia do NSDAP, conforme citado no segundo capítulo, os fatos envolvendo a Segunda Grande Guerra serão levados aos leitores numa versão "correta" dos acontecimentos. Nesta perspectiva, é realçado o discurso das vantagens econômicas que o Brasil e particularmente a Bahia teriam com a vitória alemã. A guerra se apresentaria como um fabuloso nicho de negócios para os produtores locais de matérias primas.

Do ponto de vista ideológico, agora não é apenas a *Nova Alemanha* o alvo dos comentários e informações. Uma *nova Europa* estará nascendo sob o domínio nazista, que se traduz na superação das velhas classes dirigentes locais, substituídas pela vanguarda política representada pelas forças do nazifascismo. "*Como elles torcem a verdade*" é uma das colunas criada para se contrapor à informação veiculada pelas agências de notícias ligadas aos países aliados. Outros espaços do jornal acompanharão o desenrolar do conflito sob o ponto de vista alemão. *Sobre a guerra*, por exemplo, é uma coluna com notícias curtas, provenientes de Berlim, que informará sobre os acontecimentos na Alemanha e no front do conflito. A conjuntura internacional, por sua vez, ganhará destaque na coluna *Em derredor dos acontecimentos internacionaes*, que reproduzia pronunciamentos de autoridades alemãs. Coluna que, invariavelmente, ocupava um quarto de página.

Nesse novo projeto caberá até a explicação sobre os campos de batalha em forma de quadrinhos. *Vamos contar a história da guerra* é o título dado a estes *stories boards*. As inovações gráficas contemplarão também o reordenamento da disposição das fotografias. As imagens ganharão destaque e reportarão cenas do cotidiano na Alemanha. Fotografias de Hitler, publicadas em arranjos gráficos, apresentarão o ditador em contato pessoal com cidadãos do seu país, geralmente velhos, crianças e adolescentes.

Os ataques à União Soviética e à atuação do Komitern, por sua vez, cessam enquanto o Pacto Hitler-Stalin se manteve. Neste

aspecto, merece ser ressaltada a mudança de eixo do discurso. O que outrora era visto como uma ameaça à humanidade, agora era entendido como uma nação parceira, que seguia uma política externa equilibrada, diferente da Inglaterra, Estados Unidos e França, países tidos como belicistas, agressivos e provocadores.

O jornal não deixará de continuar publicando as já citadas entrevistas com o Führer. Já os "colaboradores" alemães que infestaram o jornal no período de 1935 a 1939 se retiram de cena. Agora serão publicadas grandes matérias enviadas pela agência Transocean. Manchetes sensacionalistas e de apologia ao Reich passam a ser corriqueiras. O material despachado por esta agência ocupará a quase totalidade das páginas do Diário de Notícias. As transcrições dos pronunciamentos dos dirigentes alemães na Rádio Difusora de Berlim têm publicação semanal na coluna *Em Derredor dos Acontecimentos Internacionaes*. Gradativamente e o jornal dispensa tratamento secundário aos assuntos regionais e nacionais. Temas envolvendo a Bahia e o Brasil quase que desaparecem entre os anos de 1940 e 1941. O periódico se transforma efetivamente num panfleto de guerra.

3.5 O início da guerra e a posição do Brasil

Antes de adentrarmos na análise editorial do Diário de Notícias no período 1940 -1941, faz-se necessário estabelecer sucinto comentário sobre o cenário nacional em relação ao início do conflito mundial.

Quando a guerra é iniciada a diplomacia brasileira mantém uma política de neutralidade, posição que politicamente se estenderá até 1942 (Hilton, op., cit., p.241). Em relação à Alemanha, o Itamarati buscava contornar e superar a crise política que determinou a troca do adido cultural da embaixada, o diplomata Karl Ritter, por conta da sua atuação na mídia nacional. Já os norte-

americanos, por sua vez, exerciam forte pressão para que o Brasil se distanciasse da neutralidade.

Durante encontro ocorrido em 08 de março de 1939 entre o ministro das Relações Exteriores do Brasil, Osvaldo Aranha, e o presidente dos Estados Unidos, Franklin Dellano Roosevelt, o mandatário norte-americano alertou Aranha sobre a influência alemã na América do Sul e particularmente no Brasil. Roosevelt fora informado pelo *Inteligence Service* que o Governo e o Exército brasileiros estavam sendo monitorados por elementos germânicos (Silva, 1964b, p. 135-136). Enquanto isso, o governo alemão apressava-se em contornar o mal entendido diplomático com o Brasil e restabelecer a normalidade das relações entre os dois países. Em 30 de março, Ernst Weizsäcker, Secretário de Estado do Reich, telegrafou a von Levetzow, conselheiro da Embaixada alemã na capital federal, autorizando-o a prosseguir neste sentido (Silva, ibidem, b p.146).

Conforme Stanley Hilton (1977), a posição de neutralidade do Brasil era estratégica para a Alemanha. Com o avanço da crise política na Europa no final da década de 30, os analistas militares alemães mantinham atenção em relação à localização privilegiada da região nordeste do país (Hilton, ibidem, p.22). Sua projeção geográfica no Atlântico Sul possibilitava excelente ponta de lança para a Europa e as Américas. Assim como os portos brasileiros poderiam servir de base para a marinha alemã. O Brasil era vital às pretensões militares do Terceiro Reich.

O assunto chegou a ser alvo de preocupação do Exército Brasileiro no ano de 1941. Cidades como Natal, Recife, Maceió e Cabedelo (PB) eram vistas como plausíveis locais de desembarques de tropas alemãs. O documento secreto intitulado Plano de Defesa do Exército do Nordeste[5]. Um comunicado do Comando do 5º Exército, sediado em Recife, fora enviado ao Comando das Forças Armadas, no Rio de Janeiro, alertando sobre a possibilidade de invasores, denominados de "inimigo extra-continental".

[5] Plano de Defesa da Região Nordeste/1941. Recife (PE). CPDOC/ucigm. 01/09/1941.

Segundo o documento, era possível que estes invasores atacassem Natal e Recife simultaneamente e posteriormente rumassem para o interior conquistando as cidades de Campina Grande (PB) e Garanhus (PE). O documento previa também a mobilização de todo o quinto Exército (Região Nordeste) no sentido de resistir aos esperados ataques alemães. E a ameaça, de alguma forma, se concretizou. Ainda que não tenha ocorrido nenhum desembarque por terra, navios brasileiros foram afundados um ano depois na costa do Nordeste.

Do ponto de vista político, a despeito da crise diplomática de 1938, os alemães consideraram o governo de Vargas um regime amigo até 1942. O governo brasileiro havia demonstrado, em diversas ocasiões, a vontade de trilhar uma política externa mais independente em relação aos Estados Unidos. As tentativas de atrair capitais externos viam na Alemanha uma grande possibilidade para esse intento. A crise de 1938 não havia comprometido o comércio bilateral com o Brasil. Ao contrário. No mês de março desse ano o governo brasileiro encomendara à Fábrica Krupp uma grande quantidade de material bélico.

A intenção de estreitar os laços comerciais com os alemães não ficava por aí. O governo brasileiro nutria grande esperança que empresários germânicos participassem da construção da Usina Siderúrgica de Volta Redonda. No início de 1938 a empresa alemã Demag foi procurada pelo governo de Vargas para orçar a construção da usina. A Demag calculou a obra em 20 milhões de marcos. Esse dinheiro seria pago com o lucro das exportações de minérios, um total estimado em 15 milhões de toneladas/ano. Além disso, a Demag ficaria encarregada de instalar as ferrovias necessárias para o escoamento da produção. A proposta não foi adiante. O consórcio que a Demag projetara para o empreendimento com outras duas organizações patrícias, a Krupp e a Stahlunion, foi desfeito. O governo alemão não demonstrou muito interesse em realizar a operação.

Internamente, todavia, as autoridades nacionais mostravam-se alertas com a atuação da espionagem do III^{o} Reich no país. A

Abwehr (que significa defesa, resistência), organismo de investigação do Departamento do Exterior do Alto Comando das Forças Armadas da Alemanha (*Oberkomando der Wehrmacht*), mantinha por aqui, desde 1935, o almirante Wilhelm Canaris comandando a organização. Canaris era considerado um ardente nacionalista e anticomunista. Essa espionagem tinha ramificações também na Bahia. Com a palavra Stanley Hilton:

> O emissário da Abwehr, Josef Staziazny, ou "Lucas", enviou um subordinado a Salvador para operar a espionagem de navios britânicos a partir desta capital. Tratava-se de Karl Megge. O contato em Salvador era o empresário Werner Stark (...) Stark era dono de uma firma em Salvador que representava fabricantes de vários artigos, especialmente equipamentos de laboratório (...) Stark tinha outra qualidade importante: era Parteigenosze, tendo-se filiado ao Partido Nazista de São Paulo em 1935, e era defensor ardente do Terceiro Reich (...) (Hilton, ibidem, p.141)

O Governo Vargas, por sua vez, mantinha entre seus quadros grande número de simpatizantes do nazismo. Às vésperas da Segunda Grande Guerra, a ala germanófila do varguismo polarizava com o grupo liderado por Osvaldo Aranha, pró Estados Unidos. Filinto Muller, chefe de polícia do Distrito Federal, era um deles. Anticomunista feroz, Muller via na vitória das forças nazifascistas da Europa uma trincheira na luta contra o bolchevismo.

As expectativas alemãs quanto à inclinação do Brasil para o Terceiro Reich aumentaram quando da divulgação do discurso do presidente Vargas no dia da Marinha, em 11 de junho de 1940. O pronunciamento, feito a bordo do porta-aviões Minas Gerais, no Rio de Janeiro, foi um discurso enfático. O texto chamou atenção da imprensa de todo o mundo. Vargas dava sinais de que a ala germanófila do seu governo estava ganhando a queda de braço com os setores mais liberais. A valorização dos regimes fortes e coorporativistas foi a tônica da palavra do presidente, que, dava

a entender, justificativa a ação militar alemã. Seguem trechos do texto intitulado *No limiar de uma nova era*:

> (...) Os povos vigorosos, aptos à vida, necessitam seguir o rumo das suas aspirações, em vez de se deterem na contemplação do que se desmorona e tomba em ruína. É preciso, portanto, compreender a nossa época (...) assistimos à exacerbação dos nacionalismos, as nações fortes impondo-se pela organização baseada no sentimento da Pátria e sustentando-se pela convicção da própria superioridade. Passou a época dos liberalismos imprevidentes, das demagogias estéreis, dos personalismos inúteis e semeadores de desordens (...) (*in* Silva, ibidem, p. 211-212)

Um mês antes do pronunciamento de Vargas, Osvaldo Aranha dera declaração afirmando que 90% da população brasileira se posicionavam ao lado dos aliados. Todavia, no entender do jornalista Hélio Silva, os 10% favoráveis à Alemanha se organizavam "cada vez melhor". O discurso de Vargas causou embaraços para a Diplomacia brasileira com os Estados Unidos e as demais nações aliadas. A agência de notícias norte-americana *Associated Press* divulgara o documento para o mundo minutos após o encerramento da solenidade. Jornais de diversos países entenderam que o presidente brasileiro praticamente declarara apoio às forças do Eixo, o que deixou as autoridades estadunidenses extremamente preocupadas. Nas palavras do repórter John W. White, do *The New York Times*, este seria "o primeiro discurso francamente fascista feito por um presidente sul-americano" (*in* Silva, op. cit. p. 211-212).

O mal estar causado pelo discurso foi contornado no dia 13 de junho. O embaixador brasileiro em Washington, Carlos Martins, se encarregou de dar uma nova versão dos fatos, explicando para o governo norte-americano que aquelas palavras teriam sido mal interpretadas por todos. Martins afirmava também que o Brasil

estava coeso com os demais países das Américas e não lhes faltaria lealdade. Ainda assim, entre os anos de 1940 e 1941 o país manteve-se efetivamente neutro em relação ao conflito, período em que a ação de mídia alemã se dará com desenvoltura na mídia local, sem embaraços de ordem política que pudessem inibir a propaganda do III^{o} Reich sobre sua atuação na guerra.

3.6 A Segunda Guerra vista pelo Diário de Notícias

A presença das tropas alemãs na Polônia no mês de setembro de 1940 estremeceu o mundo. O turbilhão de notícias sobre a agressão nazista àquele país não cessa. Mas no Diário de Notícias a Alemanha será enquadrada como uma nação que se "defende" ante as possíveis investidas do exército polonês sobre seu território. Nos primeiros três meses de 1940 o jornal se limitou a publicar comentários que buscavam dissimular a agressão nazista. A partir de abril a estratégia muda. Matérias começam a ser publicadas sobre o conflito procurando esclarecer sobre a "verdade" dos fatos quanto às versões divulgadas pela maior parte da imprensa internacional. A participação da agência de notícias Transocean torna-se não só freqüente, mas também opinativa. Opinião que serve como referencial para avaliar os episódios da guerra. "Diz a Transocean"; ou a "Transocean desmente" são alguns dos clichês que figuram nos cabeçários dos textos enviados.

As reportagens, comunicados, artigos e séries de matérias despachadas pela Transocean quase sempre terão conteúdos de denúncias sobre "articulações sórdidas" contra o Terceiro Reich. Dossiês envolvendo judeus, ingleses e franceses contra a Alemanha eram publicados com títulos sensacionalistas para despertar o interesse dos leitores, convocados diariamente pelo jornal a meditar e realizar, "com isenção", um julgamento "sereno" sobre os fatos. Título publicado no mês de abril de 1940 é sugestivo: "*A Transocean diz que um"psychometro" não seria agradavel aos*

alliados; verdades e inverdades de propaganda de guerra". De acordo com a agência,

> Os orientadores da propaganda anglo-franceza ver-se-iam em sérios embaraços, caso alguém se lembrasse de applicar-lhes o "psychometro", a fim de descobrir a veracidade das suas allegações. Estas, todavia, são de tal forma contradictorias que a opinião publica mundial não necessita daquelle novo instrumento, destinado a perscrutar a verdade, no fundo das almas, pois as inverdades da propaganda alliada sobrenadam na superfície, sendo portanto, facilmente perceptíveis (...) (Diário de Notícias, 02/04/1940, edição nº10.847, p. 3).

Em editoriais, o Diário de Notícias justifica aos leitores os motivos os quais levavam o jornal a publicar despachos da Transocean. Explicações com sentido didático, comentando o problema que seria exposto numa tática de "preparação" prévia, opinativa, sobre o acontecimento narrado. Um desses momentos ocorre quando da divulgação, com enorme sensacionalismo, dos dossiês do famoso "Livro Branco", supostos documentos que estariam em posse do Exército alemão e que revelavam pretensões "expansionistas e belicistas" da Polônia, o que estaria ameaçando a integridade da Alemanha.

> A sensação causada pelo "Livro Branco" que é um depositório dos documentos sobre a guerra, divulgados pelo governo allemão, tem sido tamanho que, como demonstração do nosso interesse em bem informar os leitores do "Diário de Notícias", iniciamos, hoje, sua publicação (...) (Diário de Notícias, 08/04/1940, edição nº10.846, p.4).

O jornal dispensa meia página recheada de acusações contra poloneses, ingleses e franceses. Segundo a Transocean, estes estariam imbuídos em agredir a Alemanha, que numa ação proativa fizera a guerra para se defender, atacando a Polônia. Outra

dessas séries é *A história verdadeira da guerra contra a Polonia; O início das operações militares – Os comunicados do Alto Commando do Exército do Reich – Os objectivos polonezes de natureza anti-germânica*. Novamente o jornal "prepara" o leitor sobre a importância das matérias enviadas pelo serviço da Transocean. Desta vez, enaltecendo o papel da agência no contexto do início da Segunda Grande Guerra.

> A "Agencia Transocean" que, pela sobrieidade de seus comentários e pela abundancia do seu serviço informativo, se tem feito acreditar como uma das mais conceituadas e prestigiosas do mundo, nos fez chegar, agora, um serviço interessantíssimo sobre a "verdadeira história da guerra contra a Polônia", cuja publicação começamos hoje. É o novo serviço constituído pelos comunicados do exército alemão, dia a dia, nas três semanas em que lutou contra a Polonia, dominado-a por completa, e pelas "informações" de outras fontes, também relatadas dia a dia. Do cotejo de uma e outras, o leitor intelligente, que já sabe do desenrolar dos acontecimentos, poderá ajuizar quaes as que são merecedoras de fé. E tudo isso servirá como documentos para a história exacta e fiel da grande guerra que está ensaguentando a Europa (Diário de Notícias, 08/04/1940, edição nº 10.858, capa).

Matéria coordenada à citada acima é ilustrada com foto de Adolf Hitler projetando um olhar distante. O texto se limita a explicar as táticas de guerra inovadoras utilizadas pelo Exército alemão para invadir a Polônia. A guerra-relâmpago, a *Blitzkrieg*, é comentada de forma sensacionalista, enaltecendo as forças armadas alemãs. O soldado germânico é tratado como um homem destemido, um herói que buscava lavar a honra do seu país "tão violentamente injustiçado pelo Tratado de Versalhes".

> Está encerrado o primeiro acto da guerra alemã contra o dictado de Versalhes. Ella (a guerra) revela o

> caracter da technica militar, com os meios technicos desenvolvidos após a guerra mundial. Coube á arte da guerra allemã (...) fazer surgir a guerra relâmpago (...) Enche esse feito uma dessas paginas da chronica de um povo, que inspirarão gerações futuras (...) (Diário de Notícias, 08/04/1940, edição nº 10.858, capa).

A guerra prossegue. A Alemanha ocupa a França, a Bélgica e a Holanda e prepara-se para subjugar o restante da Europa. Feito o pacto com Stalin, o inimigo principal é a Inglaterra, único Estado europeu ocidental que resiste à agressão nazista. Este panorama é refletido nos despachos da Transocean, via Diário de Notícias. Matérias e artigos avaliavam negativamente a posição política adotada pelo primeiro ministro inglês Winston Churchill, que assumira o Gabinete no final de maio de 1940.

A indignação alemã para com o novo chefe de Estado britânico residia no fato de que Churchill estava impondo uma política externa diferente do seu antecessor, Chamberlain. Este, enquanto estivera à frente do gabinete, buscara uma política de apaziguamento com a Alemanha, que se daria mediante a intermediação de Benito Mussolini.

A política externa conduzida por Chamberlain levaria a Inglaterra e a França a pagarem um preço alto. Os dois países fariam concessões de suas colônias do Mar Mediterâneo à Itália em troca da neutralidade do Duce, que buscaria convencer Adolf Hitler a estabelecer um plano de paz para o continente (Forster, 1973, p.75). Da Inglaterra, Mussolini queria as ilhas de Chipre e Malta, e da França exigia Nice, Savóia, Córsega e a Tunísia. Queria também a internacionalização do Estreito de Gilbratar, além de estabelecer protetorados no Egito, Síria, Iraque e Sudão.

Churchill jogara uma pá de cal nesta negociação. Empreendendo uma política externa mais dura para com a Itália e a Alemanha, o primeiro ministro britânico agudiza o conflito e crê na possibilidade concreta de resistir e destruir as forças alemãs na Europa. Churchill convocara a população inglesa para o grande

sacrifício de "resistir até o último cidadão". A apreensão do Terceiro Reich era notória. A Alemanha inicia ampla campanha junto à comunidade internacional no sentido de desqualificar e desacreditar o governo inglês.

"A política do sr. Wilson Churchill" perante o tribunal na história era o título do texto despachado pela Transocean e publicado na capa do Diário de Notícias em 20 de julho de 1940. A agência alemã classifica a postura do Primeiro Ministro como uma "loucura politica".

> Sua loucura politica parte do simples facto de que o sr. Churchill, sem qualquer sentido de responsabilidade, toma sobre seus hombros o risco de que Londres soffra o destino de Varsovia e Rotterdam (...) Deve ser colhido com risos esse grande esforço desse coveiro do Imperio Britanico de formar em todas as partes do mundo frentes contra a Allemanha e a Italia (...) (Diário de Notícias, 20/07/40, edição nº 10940, capa).

Muitas dessas matérias jogavam com a hilaridade. *Para se acostumar ao que virá*, por exemplo, é uma delas. A nota informava sobre um terremoto ocorrido na Escócia na madrugada do dia 19 de julho de 1940. Ironizando o desespero da população ante o sinistro, o jornal comenta, de forma irônica, o pânico que tomou as pessoas na hora do terremoto, o qual, segundo o jornal, foi confundido com os "(...) effeitos de qualquer nova arma secreta dos allemães" (Diário de Notícias, 20/07/40, edição nº 10940, capa).

No Diário de Notícias, "*O fim da Inglaterra será o início da nova Europa; A Europa continuará a ser a mãe-patria dos demais continentes, e esta Europa deve estar prestes a dar á luz um novo mundo reorganisado*", conforme o título e subtítulo dados ao texto pelo dr. Karl Mergele, anunciado pelo jornal como membro do Reich, diretor e redator-chefe do jornal germânico *Berlim-Boersen-Zeitung*. Mergele atacava a "incapacidade da democracia

liberal", que, segundo ele, tinha na Inglaterra seu principal berço ideológico. Conforme o jornalista:

> A França tornou-se victima da Democracia liberal, e este mesmo systema será o coveiro da Inglaterra. Pois a Democracia liberal não teve forças para enfrentar os dois grandes problemas dos nossos dias: o problema social, que já antes da Guerra Mundial (a primeira) se encontrava em estado maduro, e a creação de uma nova ordem na Europa depois da catastrophe da Guerra Mundial (...) (Diário de Notícias, 16/09/40, edição nº 10.989, p. 8).

Em outras situações, o tom era de ameaça explícita:

> Se Churchill recusar o ultimo appello allemão Hitler assegura o anniquilamento do maior Imperio Mundial: a Inglaterra. Allemanha, Italia e Russia encontram um denominador commum e se entendem perfeitamente; Bem abastecida e melhor armada, a Allemanha tem um destino: a Victoria; – Não proponho como vencida e sim falo como vencedor num derradeiro apêlo ao senso commum – o que, pelo menos, valerá como alívio á minha consciência – diz Hitler (Diário de Notícias, 20/07/40, edição nº10940, capa).

A contra-informação aos despachos da agência inglesa Reuters e da rádio BBC de Londres será outro front dessa luta midiática. As palestras do Conselheiro Ministerial do Reich, Hans Fritzsche, pronunciadas na Rádio de Berlim e reproduzidas na coluna *Em Derredor dos Acontecimentos Internacionaes*, se constituíam em ataques às informações divulgadas por esses organismos de imprensa sobre as batalhas aéreas travadas nos céus da Inglaterra e Alemanha.

A preocupação da comunicação alemã residia na intensa atuação que a BBC, já à época o maior parque radiofônico da Europa, começava realizar em diversas partes do mundo, inclusive no Brasil. A primeira transmissão da rádio para o país em língua portuguesa acontecera no dia 14 de março de 1938. A manchete do primeiro programa, apresentado pelo jornalista Manuel Braune, o "Aimberê", era: "*O senhor Hitler entrou hoje à noite em Viena*". A BBC iniciara o que ficou registrado na sua história como a "era de ouro" da emissora. O impacto da rádio inglesa, que repercutia por todo o mundo os pronunciamentos dos líderes britânicos, a exemplo do próprio Wilson Churchill, político dotado de oratória invejável, era constante motivo de atenção por parte dos colaboradores alemães do Diário de Notícias.

Segundo Hans Fritzsche, Churchill levara os povos da Inglaterra e França à guerra. Na verdade, as mensagens do conselheiro embutiam o discurso da impossibilidade de qualquer povo do mundo resistir à Alemanha. A Polônia, França e Holanda eram "exemplos" que deveriam servir para todos os povos que buscassem se contrapor à política expansionista nazista.

O objetivo era o descredenciamento das informações dos órgãos noticiosos sediados nos Estados Unidos e Inglaterra. De acordo com o conselheiro germânico, essas informações eram "viciadas e distorcidas". Ele apontava um suposto controle da informação por parte do governo britânico, que, no seu entender, coibia a liberdade de imprensa manipulando a atuação dos correspondentes estrangeiros que se encontravam na Inglaterra. Esta iniciativa, segundo Fritzsche, visava esconder os danos causados pelos bombardeios alemães à Inglaterra. Segue trecho de um desses pronunciamentos, realizado em Berlim em 13 de agosto de 1940 e publicado no Diário de Notícias dez dias depois.

> "(...) Facto é que quase todos os correspondentes estrangeiros se acham praticamente, amarrados em Londres, pois não lhes é permitido viajar para os pontos em que a luta se desenrola. Hoje, soubemos, novamente, que aos americanos se faria uma excepção.

> Mas a cousa ficou no annuncio, pois os americanos se encontram em Londres (...) (Diário de Notícias, 23/08/40, edição nº10.696, p. 2).

Outra estratégia da contra-informação alemã detectada no Diário de Notícias residia na desconstrução dos fatos divulgados pelas agências ligadas aos países aliados. Na coluna *Como elles Torcem a Verdade* o material despachado por essas agências era confrontado com as "verdadeiras notícias" divulgadas pela Transocean. A confrontação consistia em arrolar as informações das agências dos países aliados e estabelecer um ponto crítico sobre cada uma delas. Geralmente, os primeiros parágrafos dessas colunas continham tons hilariantes, desdenhando o ponto de vista adversário.

> A guerra entrou numa nova phase, simultaneamente, a guerra dos nervos causa sempre um numero crescente de victimas, sobretudo entre os propagandistas britanicos, cujos dados numericos, a respeito das perdas allemãs, celebram verdadeiras orgias, e que descobrem coisas que apenas existem na sua propria phantasia (...) (Diário de Notícias, 02/09/40, edição nº 10.977, capa).

Na coluna *Sobre a Guerra* as notícias a respeito do conflito eram comentadas por jornalistas supostamente brasileiros. No entanto, o tom em nada diferia dos demais despachos da Transocean, o que coloca em dúvida a real procedência destes textos. Os comentaristas poderiam estar utilizando pseudônimos para assinar suas notas. Bernardo Só, J. Almeida e Alberto Silva eram os que figuravam com maior freqüência. A coluna não só criticava a Inglaterra como também chamava atenção sobre o problema judaico. Outra característica da coluna era brincar com o leitor a respeito de problemas que envolviam mortes em massa. O comentário de Bernardo Só, de título *Entrando na onda*, sobre a possibilidade dos Estados Unidos entrarem na guerra para auxiliar a Inglaterra, é um exemplo.

> (...) Muito embora ninguem acredite que, nessa phase da guerra e com o Japão irrequieto nos mares asiaticos, vão os Estados Unidos "comprar barulho" e "pegar um rabo de foguete", fica-se um tanto impressionado com essa idéa dos amigos da Inglaterra, de tomar-lhe o pulso e a tensão arterial a ver se está na hora do balão de oxygenio (...) (Diário de Notícias, 23/08/40, edição nº10.696, p. 3).

Em outro espaço, o *Semanário de Guerra do Reich*, eram detalhados os pormenores das batalhas e as armas usadas nos conflitos. Essa coluna era escrita por militares alemães. Num dos comentários, o general Waldemar conde von Stillfried, citando as operações nos mares Ártico e Negro, destaca "os famosos '*stukas*', que constituem o pesadelo de seus inimigos" (Diário de Notícias, 11/07/41, ed. nº 11.238, p.03). A coluna, publicada às sextas-feiras, era ilustrada com fotos das utilizadas pelas forças alemãs.

3.7 "Ajuda" à humanidade

Enquanto o mundo assistia o início da barbárie nazista, pavimentando a "solução final" com a implantação de diversos campos de concentração na Europa para o extermínio em massa de judeus, ciganos, doentes mentais, deficientes físicos, homossexuais e opositores políticos, no Diário de Notícias o Terceiro Reich é o Estado que se preocupa com os destinos da humanidade.

> A Allemanha ao serviço da Medicina. Si a existencia humana hoje é mais digna de ser vivida do que antes, trabalho e pesquizas allemãs podem vangloriar-se de ter contribuido em innumeras etapas para a construcção dessa estrada gloriosa (Diário de Notícias, 28/09/40, edição. nº 11.000, p. 3).

A passagem acima se trata de título e subtítulo de texto assinado por um certo Wilhelm R. Mann, apresentado "*Especialmente para o Diário de Notícias*" como membro da diretoria da *I. G. Farbenindustrie A G*. O texto ocupa toda a terceira página do vespertino e traça amplo comentário sobre o desenvolvimento da ciência na Alemanha, pois os *"exitos alli alcançados são os mais valiosos, visto se referirem directamente á vida do homem, á sua saude, á sua capacidade de trabalho e á alegria de viver"*.

Os progressos da medicina alemã são apresentados no momento em que cientistas nazistas realizavam experiências genéticas com seres humanos com o objetivo de desenvolver um *"superhomem alemão"*. No início de 1941, 70 mil doentes mentais foram assassinados pelo regime.

3.8 A vitória alemã é melhor para o Brasil

Temas relativos às relações econômicas com o Brasil coadunarão com a propaganda de guerra. Cacau, fumo, algodão e diversos outros produtos agrícolas, além de matérias primas e a exploração de reservas minerais atraiam o interesse alemão. A editoria de economia partir de 1940 destacará com veemência as vantagens que o Brasil e a Bahia teriam com uma possível vitória nazista no conflito recém iniciado. Esse posicionamento é explícito, ocupando, muitas vezes, chamadas de capa. Num exercício de "futurologia", os textos afirmavam o triunfo do Reich e as medidas que seriam tomadas em relação ao Brasil numa situação posterior. A palavra das autoridades financeiras da Alemanha dará peso às matérias, cujos conteúdos serão, quase sempre, reprodução de discursos dessas autoridades.

Na capa da edição de 26 de julho de 1940 é estampado um sugestivo título: *"Terminada a guerra a Allemanha encetará a grande campanha economica de permuta dos seus produtos industriaes por matérias primas – diz o ministro Funck; O cacau e*

o fumo da Bahia entram em larga escala no programa de compensações do Reich". Título e subtítulo não deixam dúvidas quanto à intenção dessa comunicação. Falam por si só. As palavras são de Walter Funck, presidente do Reichsbank e ministro da Economia da Alemanha à época. A entrevista ocupa uma página.

> (..) o dr. Funck citou como exemplos vários productos, como o petróleo, o chá, o café e o cacau, e afirmou que durante a guerra a Allemanha melhorou consideravelmente a sua base de materias primas e, depois de victoriosa, alcançará um potencial de exportação sem precedentes, especialmente com respeito ao carvão, potassa, ferro, madeira, productos syntheticos e novos materiais (...) (Diário de Notícias, 26/07/40, edição nº 10.946, p 8).

Pela primeira vez, a propaganda política do nazismo observado no Diário de Notícias estabelece um discurso direto, o qual afirma claramente o interesse da vitória alemã. A entrevista do ministro do Reich é abrangente e pontua diversos assuntos da economia internacional face ao momento que o mundo atravessava. Registre-se também que no mesmo texto é desvelado, de forma clara e objetiva, o embate entre os Estados Unidos e a Alemanha quanto à influência econômica desses países na América do Sul. Diz o ministro alemão: *"Para poder commerciar com os estados sul-americanos não necessitamos da mediação dos Estados Unidos"*.

Nessa mesma linha, outra matéria da Transocean traz o título: *"Um triunfo allemão seria mais proveitoso para a América Latina"* (Diário de Notícias, 18/09/40, edição nº 10.991, capa). O texto repercutia o posicionamento do jornal espanhol *El Mundo* sobre os acontecimentos internacionais. A postura do jornal franquista é destaque da capa.

Já o texto de título *A Allemanha como futuro consumidor de café; e subtítulo Resta saber se o Brasil conseguirá caminhos e*

meios para aproveitar as possibilidades, falava sobre o mercado alemão e as chances que se apresentavam aos produtores locais.

> (...) Paiz eminentemente productor de café, o Brasil toma conhecimento desses factos com especial interesse, pois deprehende-se das informações assim divulgadas que a Allemanha tem a intenção de cultivar, no futuro próximo, com especial carinho, o consumo do principal producto de exportação do Brasil (...) (Diário de Notícias, 17/09/40, edição nº 10.989, p. 8).

Outro comentário corrente era o bloqueio marítimo exercido pela Inglaterra, o que impossibilitava a intensificação do comércio germânico com as Américas. O assunto será tratado sob o ponto de vista do próprio Adolf Hitler, como segue o exemplo abaixo:

> "A guerra demonstrou que outras potencias não podem substituir a Allemanha nos mercados da América do Sul. Ambas as partes esperam com interesse o dia em que poderá ser reiniciado o commercio normal" (Diário de Notícias, 05/08/40, edição nº 10.953, p. 8).

A matéria registra um detalhe que julgamos não poder passar despercebido. O texto é ilustrado com a foto do navio Parahyba, pertencente à Marinha Mercante brasileira. Na sua legenda encontra-se o seguinte texto: *"Um navio nacional, dos poucos que na phase actual ainda frequenta o nosso porto"*. A frase é publicada em primeira pessoa. O "nosso porto" indica não um porto localizado em território brasileiro, mas sim alemão. A imagem do Parahyba e o texto que a compõe foram enviados pela Transocean. O discurso denota o nível de penetração editorial que a agência exercia sobre o Diário de Notícias. A matéria deixa confusa, propositadamente ou por "descuido" dos editores, qual a nacionalidade do vespertino, se alemã ou brasileira.

Outro título emblemático foi publicado na capa um mês depois: *"Estamos fartos de receber prescrições da Inglaterra sobre se podemos tomar café ou não; Agora prefiro combater até chegar a uma situação clara – Sensacional discurso de Hitler"*. Um recurso gráfico é utilizado para destacar a frase de Hitler, onde as duas primeiras palavras, "Estamos fartos", têm seus caracteres aumentados significativamente, tomando toda a extensão horizontal da parte superior da página. Segue a imagem desse título:

"ESTAMOS FARTOS
De Receber Prescripções Da Inglaterra
Sobre Se Podemos Tomar Café Ou Não!"
"Agora prefiro combater até chegar a uma situação clara"
Sensacional Discurso De Hitler
DIARIO DE NOTICIAS
"Abaixo os trahidores da patria causadores da desgraça nacional"
Foi o grito de membros da Guarda de Ferro
"Uma Das Maiores Tolices Diplomaticas"
QUASI CHEGAM
DISSOLVIDO

Diário de Notícias, 05/09/40, ed. nº 10.980, capa

O discurso de Hitler enviado pela Transocean atacava o bloqueio continental inglês, a maçonaria e o judaísmo internacional. O texto é ilustrado com a fotografia de líder alemão e traz a seguinte legenda: *"Adolph Hitler, supremo chefe da Allemanha, que teve, hontem, opportunidade de pronunciar mais um discurso de repercussão universal"*. Segue trechos do discurso:

> (...) Para isso (a normalização do comércio entre a Alemanha e as américas) deve-se acabar duma vez por todas com o abuso que consiste em uma só nação

> poder bloquear um continente inteiro (...) agora prefiro combater até chegar a uma situação clara (...) A situação do nacional-socialismo é interpretada alhures pelas concessões sociaes e tão odiada pelo judaismo internacional e pela maçonaria, porque taes elementos estão convencidos que é preciso acabar com o desenvolvimento salutar, a que nos propuzemos (...) (Diário de Notícias, 05/09/40, edição nº10. 980, capa).

As palavras de Hitler no Diário de Notícias não eram algo inusitado, muito pelo contrário, até freqüentes. Todavia, com o desenrolar do conflito, passaram a ser publicados pronunciamentos mais contundentes do líder alemão, cujos trechos eram aproveitados pelo jornal como títulos para as capas. A causa nazista vai gradativamente se deslocando para a primeira página e, como visto no exemplo anterior, a utilização da primeira pessoa nesses títulos será uma constante. O jornal efetivamente se engajara, destinando quase que todo seu espaço ao material despachado pela Transocean.

Nesta fase quem terá participação freqüente como comentarista da política externa alemã é o ex-embaixador Karl Ritter. Personagem central do mal estar diplomático entre o Brasil e seu país no ano de 1938, o diplomata enfatizará como a *Nova Alemanha* estava reorganizando o tabuleiro econômico da Europa e do mundo. No entanto, seus artigos não citavam o Brasil, resumiam-se à realidade européia. Assim como Ritter, outros funcionários do segundo e terceiro escalões do Reich também passam a ter participação no jornal, a exemplo de Gustav Schlotterer, apresentado como *"Director ministerial no Ministério da Economia do Reich"*. Os textos desse último não diferirão em conteúdo aos de Ritter.

3.9 O jogo das imagens

Os recursos gráficos e a veiculação das imagens terão tratamento apurado a partir de 1940. Não sem razão que Joseph Goebbles acreditava que uma boa imagem tinha poder de persuasão mais do que "mil palavras". A fotografia, o cinema e as artes visuais em geral compunham os mais importantes instrumentos de propaganda do Terceiro Reich.

Vamos contar a história da Guerra, por exemplo, eram quadrinhos que tinham como objetivo informar didaticamente o leitor sobre o conflito, assim como entretê-lo. A seção era publicada na capa do Diário de Notícias e relatava alguns detalhes sobre as diversas batalhas ocorridas durante os anos de 1940 e 1941 envolvendo a Alemanha e a Inglaterra. Segue a imagem:

Diário de Notícias, 27/09/40, edição nº 10.999, capa

Propaganda, entretenimento e informação. O *storie board* acima tenta conduzir o leitor ao palco dos acontecimentos da batalha pela posse do estreito de Narvik, no Atlântico Norte. Os

desenhos expressam movimento ao relato e, num exercício de ficção, buscam reproduzir expressões de preocupação do primeiro ministro Wilson Churchill ante a derrota da Marinha Britânica nesta batalha. Os quadrinhos relatam como o navio Hunter, da Real Marinha Britânica, sofre pesado ataque da esquadra alemã. Diz a legenda do nono quadrinho: *"Avariados pelo fogo intenso das unidades allemães e, apezar disso, os barcos ingleses insistiram, teimosamente, numa lucta, que importaria na inevitavel derrota que de facto se verificou"* (Diário de Notícias, 27/09/40, edição nº 10.999, capa). Mais uma vez vem à baila a heroificação do soldado e das forças militares alemãs, desta vez lançando mão de recurso de linguagem que enseja a emoção. Informa a legenda do quadrinho de número oito:

> "O nummero de feridos sobe então a considerável somma. No fragor da tormenta, provocada pela inopinada aggressão das unidades inglesas, os marinheiros das unidades alemães carregam seus companheiros atingidos pelos estilhaços" (Diário de Notícias, 27/09/40, edição nº 10.999, capa).

As imagens de guerra publicadas no jornal apelavam para o emocional. Diferente das fotografias de Adolf Hitler veiculadas no Diário de Notícias desde 1935, as da fase pós 1940 se distanciarão da representação do estadista que sempre figurara em pose oficial. Os novos enquadramentos apresentarão o ditador em situações diversas do seu dia-dia, transmitindo também momentos da vida na Alemanha e do *front* da guerra. Era a Alemanha vitoriosa, conduzida por um grande líder, sorridente e amável e que mantêm contato direto com seu povo. Fotos de reuniões no Reichstag exibirão os lideres do partido nazista uniformizados, braços direitos levantados em saudação a Hitler e tendo ao fundo seus estandartes e símbolos. Outra ponta da estratégia era denunciar a agressão sofrida pelo povo germânico por parte dos ingleses, expondo enterros de civis alemães, inclusive crianças, vitimados pelos ataques britânicos.

Uma dessas montagens, um mosaico de imagens publicadas numa das capas do mês de setembro de 1940, é emblemática. O texto-legenda é uma ode à figura do líder alemão. Na composição, o Führer é passado como uma pessoa comum, que lê um livro distraidamente, que abraça crianças e velhos e se desdobra em gargalhadas numa alegria esfuziante. Segue o texto e em seguida a montagem:

> HITLER NA INTIMIDADE – Difficilmente se ha de encontrar na Historia um nome tão discutido. Uns o idolatram. Outros o odeiam. Ninguem, no entanto, lhe negará as virtudes de grande conductor de povos. Este homem tão poderoso, hoje, não se esquece, porém, de que é homem. E a gravura no-lo mostra em flagrantes de alto interesse (Diário de Notícias, 02/09/40, ed. nº 10.977, capa)

A imagem que se segue complementa o texto:

Diário de Notícias, 02/09/40, edição nº 10.977, capa

Outras imagens perfilam a figura do líder alemão tendo ao fundo lideranças menores do IIIº Reich, a exemplo do marechal Hermann Goering, um dos seus auxiliares diretos e homem de extrema confiança do Führer. A imagem exibida abaixo, tendo

Hitler e Goering perfilados, foi largamente utilizada pelo Diário de Notícias entre os anos de 1940 e 1941.

DIÁRIO DE NOTICIAS — Sexta-feira, 17 de Janeiro de 1941

ra "Os Allemães Procuram Estabelecer
A Paz Entre Os Povos Da Europa
A Segurança Contra Os Oppressores
E a Justiça Social Interna"

Esta é a resposta do Reich aos politicos inglezes, que fizeram com que os povos da Europa, se armassem uns contra os outros

Palestra do notavel conferencista dr. HANS FRITZSCHE

A guerra narrada por intermédio de quadrinhos e as formas apologéticas de representação, sempre dramatizadas, conduz-nos à avaliação de que o Diário de Notícias atuou na perspectiva do fascismo cultural. A estética da barbárie num meio de comunicação de massa como instrumento de propaganda política e, ao

mesmo tempo, utilizando esse recurso como possibilidade de entretenimento. Desvelava-se emoção na representação dessas imagens. Avaliando o problema, o crítico de cinema alemão Hans Feld (1996) argumenta que a exibição das imagens dos líderes nazistas em perfis, os braços estendidos em saudação e os *close-ups* dos rostos em devoção ao Füehrer "atuavam como uma força programada". Era a própria política em movimento.

3.9.1 1941 – Os russos voltam a ser vilões

À medida que a guerra avançava para seus desfechos mais dramáticos, o Diário de Notícias conduzirá a cobertura do conflito retomando o discurso de combate ao bolchevismo, agora vinculado à perspectiva da destruição física da União Soviética, ainda que mantendo em pauta o esmagamento do Reino Unido. Conforme os discursos, em ambas as frentes a Alemanha luta contra o marxismo e o liberalismo inglês "decadente", ideologias que serviam como pano de fundo à atuação da "judiaria internacional". Na esteira desse posicionamento, a crença na neutralidade do Brasil. O jornal desenvolverá intensa campanha no sentido de explicar a política externa do país, que, segundo o Diário e Notícias, não se poria contrária à do Eixo. Nesta perspectiva, Itália, Alemanha e o Brasil de Vargas tinham um traço em comum: o combate ao comunismo.

No terceiro ano da guerra, as afinidades ideológicas ainda existentes entre o Estado Novo e os países do eixo se encarregaram de prolongar as desconfianças no jogo diplomático que envolvia o Brasil, Estados Unidos e Inglaterra. A posição editorial do Diário de Notícias refletia este panorama. Mas não só ação de mídia. O assédio econômico e o trabalho de espionagem alemães em solo brasileiro, naquela altura do conflito, também vinham preocupando as autoridades estadunidenses e britânicas.

Para eles, essa influência era perigosa às pretensões estratégicas dos Aliados. Nesse período, conforme Stanley Hilton (1977), por conta das facilidades dispensadas aos interesses germânicos,

o regime de Vargas será alvo de intenso monitoramento. Era prevista até mesmo uma intervenção militar no país caso o governo local se mantivesse na órbita de Berlim de forma mais contundente. Em Washington, durante uma época, houve discussões de alto nível sobre a possibilidade da influência alemã no Brasil ser prejudicial aos aliados. A Escola de Guerra do Exército (*Army War College*) completou um estudo secreto que visava determinar quantas tropas norte-americanas seriam necessárias para suprimir um levante nazi-fascista no Brasil. E dessas discussões e estudos surgiram os famosos planos *Rainbow*, o primeiro deles se constituía no plano básico de defesa nacional dos EUA e incluía o Nordeste do Brasil dentro do perímetro defensivo norte-americano.

A despeito da apreensão dos líderes aliados e da pressão exercida pelo presidente dos Estados Unidos, Franklin Delano Roosevelt, Getúlio Vargas encontrava-se titubeante quanto aos destinos da guerra e do Brasil neste conflito. Até meados de 1941 seu governo mantinha inalteradas as relações comerciais com a Alemanha, buscando inclusive proteger seus navios mercantes que se encontravam ancorados nos portos brasileiros. O objetivo era assegurar o cumprimento dos contratos de compra e venda de produtos com a Alemanha. Vargas havia tocado uma relação extra-diplomática com as autoridades germânicas. Ele excluíra do circuito o ministro das Relações Exteriores, Osvaldo Aranha, e mantivera conversações paralelas com a Embaixada de Berlim. A posição política de Vargas, de alguma forma, era contrária às decisões tomadas pela diplomacia brasileira um ano antes durante a Conferência de Havana, iniciada em 21 de julho de 1940. Os Estados Unidos não estavam em guerra declarada com as forças do Eixo, ainda que instrutores e militares norte-americanos já se encontrassem na Inglaterra auxiliando os britânicos. No entanto, o clima de conflito entre o governo norte-americano e os países nazifascistas já era uma realidade. A entrada dos Estados Unidos na Segunda Guerra era só questão de tempo, de pouco tempo.

Na reunião de Havana, o Brasil fora signatário de um documento no qual as nações do continente fizeram um pacto de defesa mútua:

> (...) qualquer tentativa por parte de um Estado não-americano contra a integridade ou inviolabilidade do território, soberania ou independência política de um Estado será considerada ato de agressão contra todos os Estados que formaram a presente declaração (Silva, op., cit., b, p.240)

A ata foi aprovada pelo governo brasileiro em 23 de setembro de 1940. Mas, como visto, na prática a sintonia com os interesses norte-americanos ainda não se afinara. A atuação do Diário de Notícias no ano de 1941 reflete a indefinição do governo de Vargas quanto à posição do Brasil. E a ação de mídia alemã continuará ocupando todos os espaços disponíveis possíveis.

Não só o Diário de Notícias. A cadeia de mídia organizada pela propaganda do NSDAP na América do Sul estará em pleno funcionamento. No Rio de Janeiro, os jornais Meio Dia e o Diário Carioca terão atuação similar à do jornal de Balbino, com o mesmo estilo de texto. Ambos atuarão como meio de propaganda para o Terceiro Reich. Não temos imagens do segundo veículo citado, no entanto, segue foto de capa do jornal Meio Dia em edição deste período:

NOVA BATALHA ENTRE INGLESES E FRANCESES!

EM TRIUNFO

BERLIM RECEBERÁ HOJE

O REFORMADOR DA EUROPA

REPICARÃO OS SINOS QUANDO HITLER CHEGAR

meio-dia

PRIMEIRA EDIÇÃO

ROOSEVELT

À CAPITAL DO III REICH

VERDADEIRA APOTEOSE SERÁ TRIBUTADA AO VENCEDOR DA MAIOR GUERRA DA HISTORIA

REPICARÃO OS SINOS

CIANO VAI AVISTAR-SE COM O "FUEHRER" COMO EMISSARIO DE MUSSOLINI

RETIRADA DA REPRESENTAÇÃO BRASILEIRA

Gibraltar bombardeada pela aviação francesa

A ATITUDE DO BRASIL NA CONFERENCIA DE HAVANA

REFORMADOR DA EUROPA

Adolf Hitler: "reformador da Europa", segundo as manchetes do jornal.

Diário de Notícias, 02/09/40, edição nº 10.977, capa

3.9.2 A guerra é a "paz"

A propaganda em curso buscava cristalizar a idéia de que a Alemanha representava interesses legítimos e o um ideário pacifista, uma posição que se contrapunha às potências aliadas, apontadas como belicistas. Em 1941 a Segunda Grande Guerra já apresentava sua face mais violenta. O Terceiro Reich ocupa boa parte da Europa e o Japão prepara-se para atacar a base norte-americana de Pearl Harbor, no Pacífico. Milhares de indivíduos eram mantidos presos em dezenas de campos de concentração da Europa para serem exterminados. A carnificina estava presente em todas as frentes.

Segundo o Diário de Notícias, o Terceiro Reich não estava agredindo a Inglaterra e sim reagindo contra

> *"(...) o poderio que (a Inglaterra) julga exercer no mundo, em proveito exclusivo de traficancias e rapinagens irritantes e consuedutinarias que garantem aos onzenários judeus e plutocratas o empanturrio monetario (...)"* (Diário de Notícias, 17/01/41, p.03).

O comentário foi publicado na coluna *Sobre a Guerra* e se estende num violento ataque ao império britânico, que expôs as vísceras da expansão colonial inglesa. Nele estão expostas as arbitrariedades perpetradas pelos ingleses nas suas colônias, como a Índia, a Palestina, o Chipre, Hong-Kong, Honduras, Malta, Malaca, Gilbratar e Ceilão. Críticas continuam sendo desveladas ao bloqueio continental da Inglaterra. Desta vez, a medida havia imposto uma série de obstáculos ao retorno da Alemanha do navio mercante brasileiro Siqueira Campos. A embarcação transportava o último lote de armamentos comprados pelo governo de Vargas, em 1938, à fábrica alemã Krupp. O navio ficara impedido de cruzar o Atlântico e foi necessária forte gestão diplomática para liberar a mercadoria. Os ingleses desconfiavam de contrabando de armas e a diplomacia brasileira teve que provar o contrário.

Para o Diário de Notícias, a Inglaterra era o país que dificultava o convívio entre os povos e a Alemanha era a nação que buscava firmar a paz. Suas ações tinham o fito de estabelecer este intento, conforme título dado à publicação do discurso de um certo Hans Fritzsche, conselheiro do Terceiro Reich:

> "Os allemães Procuram Estabelecer a Paz Entre os Povos da Europa; A Segurança Contra Os Opressores e a Justiça Social Interna"; Essa é a resposta aos políticos inglezes, que fizeram com que os povos da Europa, se armassem uns contra os outros" (Diário de Notícias, 17/01/41, edição nº 11.092, p.03).

O texto, que ocupa um quarto de página, é a reprodução, na íntegra, do discurso do conselheiro. No trecho final, ele arremata: *"A Europa de hoje organiza e garante a sua paz sem o auxílio do palpite inglez. E este é o verdadeiro sentido da revolução européa"*. O jornal também destacará as comemorações dos oito anos da posse do Füehrer na Chancelaria: *"Há Oito Annos, Na Data de Hoje, Adolf Hitler Subia Ao poder Na Allemanha"*. O título da edição de 30/01/41 é completado com um texto que se traduz numa ode à figura do ditador alemão:

> (...) na data de hoje subia ao poder na Allemanha o sr. Adolf Hitler. Homem de origem humilde, soldado combatente nas trincheiras da primeira grande guerra – o "füehrer" do Reich chegou ao posto de chanceller por escolha de Hindenburgo (...) o que foi sua obra, nestes oito annos, está na memória de todos. A Allemanha se transformou. Ressurgiu. E passou a ser a maior potencia militar do mundo. Hitler, hoje, é um nome de significação histórica. (Diário de Notícias, 30/01/41, edição nº 11.103, p.03).

Ainda que com certo atraso (em 02/02/41), o Diário de Notícias não deixa de publicar, na íntegra e na capa do jornal, a mensagem de fim do ano de Adolf Hitler, em 1940. O discurso ocupa

metade da primeira página e é ilustrado com a foto do chanceler. *"A integra da Mensagem de Fim de Anno Dirigida Pelo Fuehrer Allemão aos seus soldados e ao povo"* (Diário de Notícias, 02/02/41, edição nº 11.106, capa). Ainda que publicado com dois meses de atraso, o depoimento é recheado de ataques à Inglaterra, à França e à comunidade judaica, e esforçar-se para explicar as origens do conflito que, segundo Hitler, teve como causa a ambição dos ingleses e franceses. Um clichê que havia se tornado usual nas páginas do jornal.

O Diário de Notícias editou o discurso destacando alguns trechos. Edgar Pitangueira, redator-chefe à época, deu destaque às seguintes considerações de Hitler: *"No anno de 1940 deram-se decisões como jamais haviam tido logar na historia dos povos, com tal extensão e tamanha rapidez"*. Dois meses depois, o ministro Joseph Goebbels explicaria a *"creação do primeiro estado social da Terra"* (Diário de Notícias: 1941), que se daria, conforme ele, com a vitória alemã:

> "(...) a plutocracia, para qual a guerra não é outra cousa senão a defesa dos privilegios da classe favorecida, que não quer compreender que o domínio do dinheiro passou definitivamente (...)" (Diário de Notícias, 12/02/41, edição nº 11.114, capa).

Na mesma edição, o jornal reforça sua atuação na contra-propaganda inglesa: *A Propaganda Allemã já está sendo considerada pelos próprios inglezes como precisa e fiel"* (Diário de Notícias, 14/02/41, edição nº 11.116, p. 8). No rodapé do título, o seguinte comentário: *"Palestra do notável conferencista dr. Hans Fritzsche"*. No texto, os mesmos ataques à Inglaterra, à judiaria internacional etc.

O destaque dado à guerra pelo Diário de Notícias no início de 1941 superou, até mesmo, a cobertura dos festejos do Carnaval desse ano na capital baiana. Na edição da quarta-feira de cinzas, de 26/02/41, nada se comentou sobre o evento, limitando-se apenas a uma sucinta observação sobre o Carnaval do Rio de Janeiro,

que ocupou menos que 1/8 de página. O fato denota a total falta de compromisso do vespertino com a praça local. A despeito da guerra, de alguma forma, ter ofuscado o brilho da festa nesse ano, essa postura diferiu das dos demais órgãos de imprensa de Salvador, que cobriram e comentaram a folia momesca na cidade. Na edição desse dia, quase toda a capa do vespertino é tomada por informes da agência de notícias Transocean. A fotografia de Hitler fora publicada no meio da parte de cima da capa, em destaque. Segue gravura da página:

Os Festejos Carnavalescos Empolgaram, Por Completo, Este Anno, a Cidade Maravilhosa

FALANDO, DO MESMO LOGAR, DE ONDE HA 21 ANNOS,
Pela Primeira Vez, Se Dirigiu Ao Povo Allemão
ADOLF HITLER annuncia a phase decisiva da guerra

O «Fuehrer» Nazista
ENALTECE
A Cooperação
ITALIANA

A CAMPANHA SUBMARINA
LIQUIDOU
215.000 Toneladas Em 48 Horas

A proposta de ar-
misticio japoneza

30 MILHÕES
De Formularios
Para a Romania

DIARIO DE NOTICIAS

VISITA
De Churchill
A Roosevelt

A Bulgaria Esta Semana

TELEGRAMMAS NACIONAES

A Luta Na Suecia
Entre Socialistas e Communistas

«Tout va très bien...»
A VERDADE
OS RECURSOS DE PROPAGANDA

Um Novo Marco
ANGLO - JAPONEZAS

Diário de Notícias, 26/02/41

Como se vê, o Carnaval que o Diário de Notícias pretendia destacar não era outro senão a festa nazista pelo anúncio do Füehrer em antecipar uma nova fase da guerra. O título principal é apologético: *"Falando, do mesmo logar, de onde há 21 annos Pela Primeira Vez, Se Dirigiu Ao Povo Allemão; Adolf Hitler annuncia a phase decisiva da guerra"*. Apenas um assunto toma toda a capa do jornal: o conflito. A matéria, anunciada com estardalhaço pelo jornal de Antonio Balbino, versava sobre a entrada em ação dos novos submarinos alemães, cujas tripulações foram treinadas para participar das batalhas nos mares. Merece destaque o fato de que o texto refere-se ao pronunciamento de líder ocorrido no dia anterior à edição do jornal, 25/02, e publicado poucas horas depois. Um serviço de informação bastante eficiente para o período. O texto da Transocean mantinha-se no mesmo nível de estilo e conteúdo, utilizando sempre citações do próprio Hitler, como se pode observar:

> Munich, 25 (T.O) – Hitler, discursando ontem, deu a conhecer que a guerra marítima vai começar agora, pois as tripulações dos novos submarinos allemães acabam de ser instruídas e já podem entrar em acção (...) "As minhas esperanças repousam no exito de um mundo melhor" (...) (Diário de Notícias, 26/02/41, edição nº 11.125, capa).

Apologética também foi a capa do Diário de Notícias quando da ocupação da Grécia pelo Exército Alemão. O país já se encontrava sob o julgo das forças italianas, que se mostravam incompetentes para assegurar a manutenção da ilha. O exército de Hitler invadiu a Grécia no dia cinco de abril. O general Kurt Student comandou o primeiro ataque aerotransportado que se teve conhecimento na História, reunindo na ilha 500 aviões de transporte, 70 planadores e uma considerável força de bombardeiros. O general neozelandês Freyberg, comandante de uma tropa mista de 14 mil homens, entre ingleses, neozelandeses e gregos, não resistiu ao ataque, capitulando para as forças germânicas. Comem-

orando o feito, o Diário de Notícias estampa sua edição do dia 19 de abril de 1941: *"A bandeira do Exercito alemão já está tremulando, vitoriosa, nos cismos do Olimpo; O avanço das forças allemãs nos despenhadeiros gregos torna inevitável a derrocada da Grécia"* (Diário de Notícias, 19/04/41, edição. nº 11.169, capa).

À semelhança da matéria anterior, esta também ocupará a parte superior da capa do jornal, utilizando como destaque de ilustração imagens do exército alemão em desfile. O título e as fotos articulam-se. A composição busca frisar e consolidar a potência das forças militares alemãs. Novamente, braços erguidos em saudação ao líder e homens enfileirados. Joga-se com a emoção, com a vibração: *"(...) a bandeira alemã tremulando nos cismos do Olimpo (...)"*. A cobertura da guerra pelas suas manchetes ganha narrativa novelesca. Segue imagem.

A BANDEIRA DO EXERCITO ALEMÃO JA'ESTA'TREMULANDO, VITORIOSA, NOS CIMOS DO OLIMPO

O Avanço Das Forças Alemãs Nos Despenhadeiros Gregos Torna Inevitavel A Derrocada Da Grecia

Vasos Norte - Americanos

DIZ O SENADOR TOBEY

DESCOBRINDO

VICHY

Fala

DIARIO DE NOTICIAS

A Atividade Aerea Alemã

Presidente Getulio Vargas

Com a Mórte De Koritzis O Rei Jorge Assume Pessoalmente A Presidencia Do Ministério Grego

Diário de Notícias, 19/04/41

E o texto trabalha com linguagem de panfleto:

> "Informa-se, de fonte competente, que os allemães expulsaram os ingleses de suas posições fortificadas, na Grécia Septentrional (...) As tropas allemães continuarão seu vitorioso avanço, embora o in-

> imigo se encontre nos picos dos desfiladeiros. (Diário de Notícias, 19/04/41, edição nº 11.169, capa).

A "matéria" não se refere às duas partes em guerra. A informação se remete aos alemães e "seu vitorioso avanço", em contraponto com seus "inimigos". Novamente se excluem informações relativas a Salvador ou à Bahia. Da agenda nacional, apenas um mínimo espaço à nota de aniversário do presidente Getúlio Vargas, a qual é ilustrada com a fotografia oficial do mandatário da nação.

Com o desenrolar do conflito e a pavimentação de uma aliança militar cada vez mais concreta com o Japão por parte do Terceiro Reich, o jornal terá participações de comentaristas japoneses na coluna *A colaboração estrangeira*. O nome dado a esse espaço é instigante. A esta altura dos acontecimentos, o estrangeiro não dizia mais respeito à participação alemã no jornal, e sim à japonesa.

Um dos que figurara nessa coluna foi o ministro do Exterior do Japão, Yosuke Matsuoka. Seus artigos eram publicados com o título *A nova Ordem no Mundo*. O comentário de Matsuoka não diferia do discurso lugar-comum apresentado pelo jornal: ataques à Inglaterra e aliados e as virtudes do Estado nacional-socialista que estava revolucionado a Alemanha e revolucionaria o mundo. Registre-se, no entanto, que a presença dos comentaristas nipônicos era eventual, aparecendo poucas vezes no jornal.

3.9.3 Defendendo o mundo contra o comunismo

Não sem razão que a aliança estabelecida entre a Alemanha, Itália e posteriormente o Japão se autointitulou de Pacto Anti-Komitern, ainda na década de 30. Barrar a expansão mundial do comunismo foi um objetivo político das forças nazifascistas no mundo e era alimentando esse ideário que a direita mundial acenava com a possibilidade de fragmentar a aliança que se opôs contra a expansão nazista na Europa.

Em 22 de junho de 1941 a Alemanha invadiu a União Soviética. A operação *Barbarossa* reuniu três milhões de soldados para destruir aquele país e seu povo. O exército alemão, tendo a colaboração de tropas fascistas da Hungria, Itália, França e Ucrânia, entre outras, chegou às portas da cidade de Stalingrado, não conseguindo transpor àquela cidade-trincheira para acessar os campos de petróleo dos Urais. A Alemanha começava a perder a guerra e se concretizava a profecia feita pelo próprio Adolf Hitler alguns anos antes: *"quando a URSS entrar em marcha, o mundo reterá sua respiração"*.

O início da marcha sobre o território soviético assim foi descrita pelo Diário de Notícias na edição de 30/06/41: *"Falou o Alto Comando Alemão: 4.107 aviões Perderam os russos em 7 dias; Vitoria contra as forças bolchevistas definitivamente assegurada"*. O título citado, graficamente destacado em grandes fontes, encabeça a capa da edição, totalmente tomada por matérias e informes da Transocean sobre a operação. No mesmo espaço, duas *janelas* chamam à atenção do leitor sobre o ocorrido, sugerindo a posição do jornal, em primeira pessoa, sobre o fato:

> Em legitima defesa, deante do grave e iminente perigo que ameaçava a fronteira de leste da Alemanha, ***os nossos exércitos*** *(grifo nosso)*, no dia 22 de junho, às 3 horas da madrugada, iniciaram a ofensiva contra o governo soviético. (Diário de Notícias, 30/06/41, edição nº 11.228, capa).

O texto de abertura da matéria, que teve como fonte o Alto Comando Alemão, realça o discurso sobre a campanha do Terceiro Reich na URSS:

> BERLIM, 29 (T.0.) – Conforme havia previamente anunciado, o Alto Comando do Exército Alemão, em repetido comunicados especiais emitidos do Quartel General do Führer, deu conhecimento ao povo alemão da marcha das operações militares desen-

> volvidas (...) contra o governo soviético. Os comunicados especiais tiveram a maior divulgação pela imprensa e pelo rádio e foram acolhidos com manifestações de indescritível entusiasmo em face das espetaculares vitórias obtidas pelas armas da Alemanha (...) (que) asseguram (...) a vitória final contra as forças bolchevistas (...) (Diário de Notícias, 30/06/41, edição nº 11.228, capa).

O editorial do jornal, citado na página anterior, abre uma série de notas e matérias, na mesma edição, sobre a recém iniciada operação *Barbarossa*. Fica difícil de discernir o que seria a postura editorial do Diário de Notícias ou da agência Transocean. Vale frisar que o uso da primeira pessoa é presente em todo texto, que preenche quase a totalidade da edição desse dia. O mesmo ocorre quando do cerco alemão à cidade de Odessa, na República da Rússia: *"A maior cidade da Rússia Meridional completamente cercada pelas nossas tropas; Estará terminada, em breve, a luta em que nos empenhamos para arremessar o inimigo ao mar"*. O título abre a matéria que, mais uma vez, ocupa a totalidade da capa do jornal, na qual o exército soviético é, resumidamente, identificado como o "inimigo".

> "Para manter a cidade a todo transe (...) o inimigo lançou urgentemente à luta (...) militares, marinheiros, operários de fábricas, chauffeurs e outros homens (...) ameaçados pelos revólveres dos comissários judeus, os russos lutam até morrer" (Diário de Notícias, 25/08/41, edição. nº 11.276, capa).

E o inimigo defendia-se, como visto, "sob a ameaça dos judeus". A guerra contra a União Soviética se assume como uma trincheira internacional contra o comunismo, retomando a tríade onde o liberalismo, o judaísmo, o marxismo e, de quebra, a maçonaria, seriam ideologias e instituições que cooperavam para destruir o mundo civilizado. Só que desta vez com o "auxílio" da Inglaterra, país aliado dos soviéticos. Para o Diário de Notícias:

> "A plutocracia judengo-maçonica tirou, enfim, a sua máscara (...) O Judaísmo combinou-se finalmente com o comunismo. Não podia baixar mais o despudor desse bando de aventureiros internacionais. Hoje, o judeu inglês abraça-se ao comunista russo (...) E o mundo cristão presencia, surpreso e horrorizado, a Inglaterra, 'paladina da democracia' auxiliar fortemente (...) a maior de todas as desgraças sociais: o comunismo russo (...) Estremece de pavôr a alma da humanidade cristã (...)" (Diário de Notícias, 14/07/41, edição nº 11.240, p.3).

A convicção de que a *"Alemanha extinguirá o comunismo da Europa"* se daria em *"Uma campanha de defeza contra uma expansão perigosa"*, conforme a capa da edição de 03/07/41. A matéria que dá seqüência aos enunciados na verdade era um discurso transcrito do próprio Adolf Hitler:

> A idéa duma solidariedade européa está si consolidando, em virtude da cruzada contra o bolchevismo que tantos vestígios sangrentos deixou na Alemanha, Italia, Hungria, Rumania, França e Espanha (Diário de Notícias, 30/07/41, edição. nº 11.231, p.03).

As palavras do líder alemão reforçam a tese de que o conflito se resume à luta empreendida por ele contra o complô da "plutocracia inglesa e o bolchevismo soviético", tendo como intermediários os "elementos judeus". Para a publicação desses pronunciamentos, o jornal reservava toda a capa da edição. No decorrer dos dois primeiros anos da Segunda Grande Guerra, a cobertura do Diário de Notícias buscou construir a imagem de chanceler alemão como o homem que transcendia à figura do líder político para se constituir numa personalidade mítico-religiosa, assumindo o compromisso perante a humanidade de debelar o "mal do comunismo".

No editorial *"O Füehrer e os povos latinos"*, publicado na edição do dia 15/07/41, o jornal de Balbino deposita espécie de esperança messiânica no líder nazista. O apoio irrestrito ao projeto militar que Hitler abraçara é utilizado como argumento de apoio à postura do ditador português Salazar, que se declarara formalmente pró-Alemanha, posição que deveria ser seguida, segundo o vespertino, por todos os povos latinos, inclusive o brasileiro.

> (...) Enquanto a mocidade (alemã) se arregimenta em corpos expedicionários, para combater o bom combate contra os bolchevistas, todos os corações se elevam a Deus, intercedendo pelo êxito das legiões libertárias, que Hitler conduz na linha avançada de uma Civilização, ameaçada pelo judaísmo de Londres e pela infâmia de Moscou (...) Chegou a vez de Portugal, e nós, brasileiros, não podemos deixar de nos identificar aos destinos de nossos irmãos de além-mar (...) a alma luso-brasileira desconhece fronteiras, na comunhão dos mesmos sentimentos e dos mesmos ideais (...) Itália, França, Espanha e Portugal – marcos milenares e fulgentes da formação rácica – se encontram ao lado da causa germânica, hoje transformada em guerra santa da Humanidade, em demanda angustiada de Deus (...) Hitler, em virtude de um desses desconcertantes paradoxos históricos, extirpando, cerce o cancro comunista (...) Os povos latinos, sem exceção, embora neutros os que o são, emprestam toda sinceridade ao apoio moral de suas tradições á santa cruzada cristã, dirigida, providencialmente, pelo Füehrer (...) a causa que o Reich defende não é apenas uma causa de direito e imediato interesse da comunidade humana, senão também uma moderna reconquista da consciência cristã, abençoada e dirigida por Deus! (Diário de Notícias, 15/07/41, edição nº 11.241, p. 3).

As ações "libertárias" de Adolf Hitler se constituíam numa "santa cruzada cristã", projetando-se como uma barreira de defesa dos valores morais da sociedade ocidental. Para legitimar o discurso anti-semita, o Diário de Notícias não cessará de frisar a ponte ideológica existente entre as figuras de Adolf Hitler, Mussolini, Salazar e o presidente Getúlio Vargas. Na opinião do jornal, a Alemanha não era uma ameaça e sim um país aliado na trincheira antiliberal, antijudaica e antibolchevique, pois,

> No Brasil, antes de tudo, precisamos compreender o sentido da unidade política, cultural e economica do Estado Novo. Os alemães possuem o seu Füehrer; os italianos o seu Duce; os espanhóis, o Caudilho; e nós, brasileiros, o nosso grande presidente. (Diário de Notícias, 01/12/41, edição nº11360, pág 8).

3.9.4 A guinada do Diário de Notícias

O texto da página anterior foi uma das últimas associações feitas pelo jornal entre o regime de Getúlio Vargas e as ideologias nazi-fascistas em suas diversas manifestações. A política externa conduzida pelo governo brasileiro sofrerá alterações, colocando o país em rota de colisão com os interesses alemães e dos demais países do Eixo. Externamente, a pressão exercida pelo governo norte-americano surtiu efeito, aproximando o Brasil da sua órbita de influência. Internamente, crescia o movimento antifascista. O quadro mudara.

"O mundo aguarda confiante nos aliados o dia em que serão justiçados os promotores desta guerra". O título é da capa da edição de 11 de julho de 1942. A partir desta data o Diário de Notícias passa a não mais publicar despachos da agência Transocean e a propaganda nazista desaparece. O início do processo de mudança da postura editorial do periódico baiano acontece após o Japão atacar a base norte-americana de Pearl Harbor. Os Estados Unidos declaram guerra ao império nipônico e, no Brasil, o

governo de Vargas acirra a perseguição ao Partido Nazista para, logo em seguida, romper relações diplomáticas com os países do Eixo, o que ocorreu em janeiro de 1942. O título citado reflete este momento.

A inclinação editorial do Diário de Notícias reflete um novo momento da política externa de Vargas e também da mobilização popular contra os países do Eixo. As medidas tomadas pelo governo brasileiro, pendendo para os Estados Unidos, visavam impedir qualquer manifestação política organizada, principalmente de elementos comprometidos com atividades dos países do Eixo. Essas medidas foram conduzidas pela Seção de Segurança Nacional do Ministério da Justiça e dos Negócios Interiores. Ainda assim, os governos estaduais foram informados por esse órgão para conter quaisquer ações agressivas de populares para com cidadãos e empresas do Japão, Itália e Alemanha. Os torpedeamentos de navios brasileiros haviam deixado a população indócil com esses grupos estrangeiros residentes no Brasil.

O ataque mobilizara a população de Salvador. Em 12 de março de 1942 os comunistas baianos organizam, segundo João Falcão, "o primeiro grito de guerra contra o nazismo no Brasil". O povo baiano foi às ruas mostrar sua indignação para com os agressores e os populares depredam lojas e estabelecimentos pertencentes a cidadãos alemães e italianos. A tentativa de empastelamento do Diário de Notícias é um dos momentos desta reação. Por ordem do Ministério da Justiça, o Clube Alemão de Salvador e a Casa D'Itália, onde funcionavam os respectivos consulados em Salvador, são fechados, assim como o Colégio Alemão, um dos estabelecimentos de ensino mais conceituados da capital baiana naquele período. A partir destas mobilizações, outras vieram a ocorrer em Salvador até a entrada do Brasil na IIª Grande Guerra, o que acontece em 1944 com o envio da Força Expedicionária Brasileira (FEB) aos campos da Itália.

Não havia mais espaço político no Brasil para as ações de mídia do NSDAP. Internamente, o governo de Getúlio Vargas assistia a disputa política entre Osvaldo Aranha e Filinto Muller,

acirrada a partir de março de 1942. Muller é destituído do cargo de Chefe de Polícia do Distrito Federal, o que provoca reações enérgicas por parte da Embaixada alemã, que trata o Brasil como um "protetorado dos Estados Unidos". Muller estava protegendo espiões alemães presos pela Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS).

As ações nazistas em solo brasileiro estavam sendo desbaratadas. A espionagem alemã fora desmantelada com a desarticulação da *Abwehr*, o serviço secreto germânico que há quase uma década atuava no país. O fato ocorreu em de março de 1942. O trabalho de imprensa também foi afetado. Ainda assim, com a impossibilidade de atuação dos funcionários da embaixada da Alemanha, o NSDAP investirá em jornalistas brasileiros para continuar realizando o serviço. Um deles era o cearense Geraldo Melo Mourão, que trabalhava no jornal pró-nazista do Rio de Janeiro Gazeta de Notícias (já comentado). Mourão, militante integralista desde 1935, "mantinha íntimas ligações com representantes da agência de notícias alemã Transocean" (Hilton, op., cit., p.298).

A iniciativa das autoridades alemãs não surtiu efeito. Os jornais diários pró-nazistas tiveram que mudar suas orientações editoriais. A partir de agosto de 1942, o Diário de Notícias passa a trabalhar apenas com despachos da agência inglesa Argos, desconfigurando totalmente o discurso produzido ao longo dos últimos sete anos. Neste mesmo ano o jornal fora vendido ao condomínio dos Diários Associados. O país também iniciava seu processo de mudanças rumo à democracia. Findara a quinta coluna do Diário de Notícias da Bahia.

Considerações finais

Entender o comportamento editorial de um veículo de imprensa passa, necessariamente, pela compreensão da sociedade na qual o mesmo está inserido. Trata-se da relação do jornal com seu público, o que enseja opinião, aprovação, desaprovação, composição, oposição, distanciamento ou aproximação. Esta dinâmica, de alguma forma, elucida aspectos referentes às opções editoriais abraçadas pelos órgãos de imprensa e seu nível de repercussão na opinião pública.

Como visto no início deste trabalho, o campo jornalístico reflete uma seara de tensões, disputas e negociações entre os diversos agentes que permeiam sua prática. Nesta perspectiva, buscaremos levantar algumas questões referentes à trajetória do Diário de Notícias no período em estudo, posto que o jornal baiano fora uma referência política no Estado.

Aceitação? Indignação? Indiferença? Qual teria sido o posicionamento dos diversos setores da sociedade baiana frente à atuação do jornal Diário de Notícias durante os anos de 1935 e 1941? Surtiu algum resultado a campanha pró-nazista desenvolvida pelo vespertino? As indagações não encontram respostas definitivas, até mesmo porque o fato tinha passado despercebido da historiografia oficial do Estado. Intelectuais e pesquisadores baianos pouco se atentaram para o episódio.

O Diário de Notícias atuou, no período estudado, numa sociedade marcada pela polarização. Autonomistas e juracisistas disputavam o espaço político regional. Os primeiros não se conformavam com a interrupção do processo sucessório que se dera

antes da Revolução de 30, o qual elegera para governador do Estado Pedro Lago, que não tomou posse. O movimento dos tenentes interrompera o processo. Chegou a se pensar numa resistência confiando nos efetivos da Polícia Militar e na força dos coronéis das regiões da Chapada Diamantina e do São Francisco. O que não ocorreu.

Ao contrário, tais lideranças, como já citado, formaram a base política de sustentação da interventoria e posteriormente do governo de Juracy Magalhães, lhe garantindo a formação de expressivas bancadas majoritárias na Assembléia Constituinte de 1934 e na Constituição Baiana de 1935. Vale registrar que foi com o apoio de Juracy Magalhães que o proprietário e editor-chefe do Diário de Notícias, Altamirando Requião, se elegeu deputado federal em 1934. O Diário de Notícias era um jornal ligado ao poderes local e nacional. O apoio a Getúlio Vargas se deu sob o comando de Requião assim como com o ex-autonomista e deputado Constituinte em 1934, Antônio Balbino, que já havia se afinado com a política varguista quando assumiu, em condições *sui generis*, o controle da empresa no final de 1939. Os dois momentos merecem ser discutidos em separado, embora ambos se dialoguem e forneçam elementos à conclusão desta análise.

O momento Requião

O apoio à revolução de 30 e à interventoria de Magalhães por parte de Requião colocou o Diário de Notícias em oposição aos interesses da maioria das lideranças políticas regionais. Opondo-se ao Movimento Autonomista, Requião abrira um flanco de luta com Ernesto Simões Filho e seu jornal A Tarde, um porta-voz da corrente e crítico contumaz de Juracy Magalhães. A frente oposicionista no Estado unia remanescentes do calmonismo e do seabrismo assim como da ascendente corrente do mangabeirismo. Todas essas tendências se aglutinavam na Legião de Ação Social

e Política (LASP), que no plano federal se posicionava contra o governo de Vargas.

Tal situação sugere um plausível isolamento do veículo em relação à maioria dos grupamentos políticos locais no momento em que o jornal inicia a tórrida campanha pró-nazista e cedia razoável espaço às notícias da Ação Integralista Brasileira, entidade que arregimentava contingentes no meio universitário soteropolitano, particularmente na Faculdade de Direito. Talvez aí se registrasse uma primeira contradição político-editorial do vespertino, já que Juracy Magalhães se postou como um algoz da AIB na Bahia.

O Integralismo, a nível regional, de acordo com Rubem Nogueira, se mantinha eqüidistante das disputas políticas locais, não se envolvendo com o juracisismo nem com o autonomismo (Nogueira, op., cit., p. 113). O autor sustenta que o que levara Juracy Magalhães a perseguir a AIB no Estado foi o fato da agremiação ter conseguido grande penetração no interior da Bahia. A organização, assim como o interventor, procurou se aproximar dos coronéis rurais a fim de ampliar suas bases políticas. A AIB cresce no interior. Segundo Nogueira, esta teria sido a razão da discórdia com esta agremiação por parte de Juracy Magalhães.

A posição do Diário de Notícias, por sua vez, refletia a tensão existente entre sua postura editorial, pró Juracy, e sua aproximação com o Integralismo. Concomitante a esta situação o jornal se esmerava em noticiar propagandisticamente o regime do Terceiro Reich. Nas suas páginas, até o ano de 1939, tanto se falava de Magalhães, quanto de Hitler assim como do Integralismo. Este nível de tensão certamente refletia o imaginário político da conservadora elite política baiana daquele período, que tinha na aguda e incisiva campanha anticomunista movida pelo jornal um ponto aglutinador que, de alguma forma, dissimulava tais contradições. Por outro lado, a atuação da ANL no Estado era pífia. Os aliancistas não chegaram ao número de 90 no período de dois meses em que a entidade atuou na Bahia, enquanto o Integralismo naquele momento ganhava numerosos adeptos locais.

O "Caso dos Perdões", outro fato envolvendo o Diário de

Notícias no período Requião, merece ser destacado. A briga entre Altamirando Requião e o arcebispo Primaz do Brasil, Dom Augusto Álvaro da Silva (1879-1968) ganhou dimensão nacional. O religioso pernambucano havia tomado posse na Arquidiocese de Salvador em 21 de maio de 1925. Posteriormente, viera a ser o primeiro cardeal do Brasil na década de 50.

Homem extremamente influente na esfera política local, Dom Augusto, assim como Requião, apoiou o movimento de 1930. Quando os batalhões revolucionários adentram Salvador no dia 25 de outubro, os tenentes que os lideravam, Juracy Magalhães, Joaquim Monteiro e Hanequim Dantas, trataram de comunicar as diretrizes do novo governo a Dom Augusto, fato ocorrido nesse mesmo dia. O religioso não só mantinha seu poder político na sociedade baiana como tratava de afirmá-lo perante os vitoriosos que chegavam ao Estado. A posição de Dom Augusto refletia à da Igreja Católica do Brasil, que, como já discutido, via na República de 30 a oportunidade de recompor o prestígio perdido ao longo de toda a República Velha, de orientação laica.

O "Caso dos Perdões" colocou os dois personagens em rota de colisão. No dia 07 de abril de 1936 um incidente envolveu Dom Augusto Álvaro da Silva e a freira Maria José de Sena, regente do Recolhimento do Senhor Bom Jesus dos Perdões e diretora do Educandário do Sagrado Coração de Jesus, entidades seculares, mas subordinadas à Arquidiocese do Salvador. Ambas eram situadas no bairro do Santo Antônio. A primeira entidade abrigava moças e senhoras viúvas da sociedade baiana e a segunda se equiparava ao status de colégio normal (formação de professores).

De acordo com informações de pesquisadores que se debruçaram sobre o assunto[6], a freira se indispôs com o arcebispo pelo fato de não ter acatado as determinações da Arquidiocese, que exigiu que a irmã Maria José transferisse os cargos a outra re-

[6] A mestranda em História Social pela UFBA, Solange Dias de Santana, está escrevendo dissertação sobre a trajetória de Dom Augusto Álvaro da Silva à frente da Arquidiocese do Salvador.

ligiosa. Segundo consta, Dom Augusto teria agredido[7] a freira por conta da sua posição reticente. O fato motivou a reação da sociedade quanto à plausível atitude do arcebispo. O incidente resultou num processo envolvendo Dom Augusto, e Altamirando Requião cerrou fileiras entre aqueles que se levantaram contra o religioso, movendo forte campanha desfavorável ao arcebispo nas páginas do Diário de Notícias.

Dom Augusto enfrentou a ação judicial tendo como advogado de defesa Medeiros Neto. No decorrer dos acontecimentos, ele ameaçou de excomunhão a todos que se postaram contra sua pessoa, inclusive Altamirando Requião, fato que, em relação ao jornalista, não chegou a se efetivar.

A postura do Diário de Notícias no "Caso dos Perdões", à medida que marca a posição do jornal quanto ao suposto ato de arbítrio, por outro lado abria outro flanco de desgaste, desta vez com o principal líder religioso do Estado. A liderança de Dom Augusto era inconteste e se traduzia em enorme prestígio político não só junto às classes dirigentes da Bahia, mas também em relação à alta cúpula da Igreja Católica Apostólica Romana. O arcebispo Primaz do Brasil era homem de confiança do Papa Pio XII.

Estes episódios indicam que Requião era um jornalista polêmico, que não se curvava a alguns "consensos" do meio político baiano, não temendo inclusive autoridades do porte do arcebispo Dom Augusto, a quem, que se saiba, poucos tiveram a audácia de enfrentar no Estado.

Requião usou seu jornal para realizar campanhas e fazer política para causas que, acreditamos, ele simpatizava, conforme apresentado neste trabalho. Um jornalista que atuava numa imprensa engajada no modelo capitalista, à frente de um jornal moderno, mas que não se mostrava distante da posição de homem de letras, escritor, pensador e editorialista preponderantemente opinativo. O jornalista reproduziu traços no Diário de Notícias da chamada imprensa literária.

[7] Existem controvérsias sobre este fato.

O momento Balbino

A passagem de Balbino à frente do Diário de Notícias foi "meteórica". O curto período (1939-1942) no comando do jornal nos conduz a observações pertinentes quanto ao propósito da sua presença. A própria operação de aquisição do veículo é norteada por algumas particularidades. Walfrido Morais (2003) e Consuelo Novais (2001) dão conta da interferência do coronel Franklin Lins de Albuquerque nesta operação. Este teria financiado a compra do veículo para Balbino que, de acordo com Walfrido Morais, não teria recursos financeiros para bancar a operação. "Era um pobretão", afirma Walfrido Morais, referindo-se às condições econômicas de Balbino naquele período.

Todavia, temos dúvidas acerca dos meandros comerciais que nortearam esta operação, conforme anteriormente argumentado. A intermediação de Lins de Albuquerque talvez tenha sido apenas uma figuração sem maior relevância. Franklin Lins de Albuquerque, o "coronel" da cidade de Pilão Arcado, proprietário do jornal O Imparcial que nos idos de 1935 se postara como porta-voz do Integralismo no Estado (Sampaio, op., cit., p. 107), se dizia pró-nazista por uma questão "angular" (Morais:2003) (Nogueira:2003).

Cremos que quem de fato operou o negócio foi Geraldo Rocha e, frisando, entendemos a presença de Antônio Balbino como um "laranja" da operação que transcendeu o cenário baiano e ganhou dimensões internacionais. Para nós, esta é a hipótese mais coerente e que explica a postura editorial do Diário de Notícias, sobretudo a partir de 1940. Os fatos apresentados são fartos.

A influência exercida por Geraldo Rocha no governo federal foi responsável pela indicação de Landulfo Alves à interventoria da Bahia em 1938 (Abreu, 2001, p..5088). Rocha tinha acumulado capital político suficiente. Havia sido deputado federal pela Bahia e era dono de jornais conceituados no Rio de Janeiro. Usava a imprensa como capital político para catapultar projetos pes-

soais. Geraldo Rocha, Franklin Lins de Albuquerque e os agentes alemães foram peças de uma mesma engrenagem.

É neste momento que incrementa a tiragem do Diário de Notícias, ainda que não se tenham números relativos a esse fato. Esta situação sugere que o apoio de capitais alemães ao jornal baiano resultou numa maior circulação do veículo, ampliando seu público leitor. Na nossa compreensão, a ampliação da audiência foi resultado da boa qualidade que o produto adquiriu neste período, modernizando-se do ponto de vista gráfico.

Em suma, a passagem de Balbino à frente do Diário de Notícias foi marcada pela composição política com as classes dirigentes locais e nacionais. De ex-deputado autonomista eleito em 1934, Antônio Balbino se transformou num fiel escudeiro do regime de Vargas ao tempo que seu jornal empreendeu veemente campanha política para a Alemanha Nazista, já em guerra. Não por opção ideológica e sim comercial.

Conclusão

Nos dois momentos em questão o jornal defendeu e propagandeou o regime nazista, colocando-se na defesa do regime de Vargas. Foi a principal característica do Diário de Notícias ao longo do período 1935-1941. A despeito das suas posições e contradições políticas a nível regional, no biênio 1940- 1941 as questões relativas à Bahia ficaram numa espécie de segundo plano, ao contrário do que fora registrado durante o período Requião.

Na passagem do primeiro para o segundo momento o jornal foi instrumentalizado para fazer propaganda de forma mais eficiente. Todavia, ao que nos parece, o público soteropolitano não teria absorvido de forma passiva e descompromissada o posicionamento do Diário de Notícias. Ainda que as elites intelectuais e políticas da Bahia fossem preponderantemente conservadoras, a situação nacional de alguma forma alterou o quadro local no que tange ao posicionamento em relação à guerra. O con-

flito que de início não havia chamado a atenção da população de Salvador, ganha dimensão no Estado após a agressão nazista na costa do Brasil. É o momento em que a situação do jornal torna-se insustentável. É quando Balbino entrega o periódico a seu avalista, Franklin Lins de Albuquerque. O jornal passa a ser impresso na gráfica do jornal Imparcial até o órgão ser adquirido pelo Condomínio dos Diários Associados, em 1942, quando é comprado pelo empresário e jornalista Assis Chateaubriand Bandeira de Melo, que convoca o pernambucano Odorico Pinto para comandar o vespertino.

Não receamos afirmar aqui que o caso Diário de Notícias representa a ponta de um *ice berg* histórico ainda não totalmente desvendado. Os fatos e documentação apresentados são sólidos e nos remetem à conclusão de que efetivamente o jornal baiano integrou o esforço de jornalismo e propaganda política desencadeado pelo Terceiro Reich. Não era uma simples inclinação ideológica ou predileção momentânea daqueles que estiveram à frente da direção do periódico. Tratava-se de um projeto muito maior. Um projeto econômico, sem dúvida. O encaixe das peças decorrentes da investigação é evidente e não dá margem a dúvidas. A trajetória do Diário de Notícias da Bahia naquele momento revela os interesses que uniram setores das elites econômicas e políticas da Bahia, do Brasil e da Alemanha, potencializados por um momento onde o autoritarismo fascista se apresentava como uma espécie de tendência internacional. A imprensa, mais uma vez, pontuou na história o lado mais nefasto da sua trajetória, transformando a informação numa arma para os mais obscuros interesses.

Bibliografia

ABREU, Alzira Alves de (org.) – Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro. FGV/CPDOC, Volume, Rio de Janeiro: 2001.

AGOSTINO, Gilberto – O Trabalho enobrece; Trabalho e cultura política no nacional-socialismo *in* `www.ifcs.ufrj.br/tempo/gilbrtoagostinho4`.

ALBUQUERQUE, Afonso de – Manipulação editorial e produção da notícia: Dois paradigmas da análise da cobertura jornalística da política. Texto apresentado por ocasião do 6º Encontro Anual da COMPOS, São Leopoldo/RS: 1997.

ALMEIDA, Maria das Graças Andrade Ataíde de – A Construção da Verdade Autoritária. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas; Universidade de São Paulo Humanitas, São Paulo: 2001.

ARENDT, Hanna – Origens do Totalitarismo, Companhia das Letras, São Paulo: 1988.

BAHIA, Juarez – Jornal, História e Técnica; História da Imprensa Brasileira. Ática. São Paulo: 1990.

BERTONHA, João Fábio. Entre Mussolini e Plínio Salgado: o Fascismo italiano, o Integralismo e o problema dos descendentes de italianos no Brasil. *Rev. bras. Hist.*, 2001, vol.21, no.40, p.85-104. ISSN 0102-0188.

BOBBIO, Norberto – Direita e esquerda; Razões e significados de uma distinção política. Unesp, 2ª Edição, São Paulo: 2001.

BOERSNER, Demetrio - Relaciones Internacionales de America Latina. Editorial Nueva Sociedad, 5ª Edición, Caracas: 1996.

BROUÉ, Pierre – O espectro da fênix: liberação e reconstrução no fim da Guerra *in* Revista O Olho da História, Edufba, Salvador: 1995.

BUCCI, Eugênio – Sobre ética e imprensa. Companhia das Letras, São Paulo: 2000.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci – O antisemitismo na Era Vargas (1930-1945), Editora Braziliense, São Paulo: 1988.

CHALHUB, Samira – Funções da linguagem. Ed. Ática, 4ª Edição, São Paulo: 1990.

CLEMESHA, Arlene – Marxismo e Judaísmo; História de uma relação difícil. Boitempo Editorial; Xamã Editora, 1ª Edição, São Paulo: 1998.

COEHN, Ester – O governo Federal e o Partido Nazista no Brasil; Dissertação de Mestrado, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói: 1988.

COGGIOLA, Osvaldo – O sentido histórico da Segunda Guerra Mundial *in* Revista O Olho da História, Edufba, Salvador: 1995.

CONWELL, John – O Papa de Hitler; A História secreta de Pio XI. Editora Imago. Rio de Janeiro: 2000.

CORSI, Francisco Luiz – Estado Novo: Política externa e projeto nacional, Editora Unesp, São Paulo: 2000.

DE FELICE, Enzo – Entrevista sobre o fascismo, Civilização Brasileira: Rio de Janeiro: 1988.

DOMENACH, Jean Marie – A propaganda política; Difusão Européia do Livro, 2ª Edição, São Paulo:1963.

DUTRA, Eliana de Freitas – O ardil totalitário; Imaginário político do Brasil dos anos 30. Editoras UFRJ e UFMG. Rio de Janeiro, Belo Horizonte: 1997.

ELIAS, Norbert – Os alemães; A luta pelo poder e a evolução dos habitus nos séculos XIX e XX. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro: 1997.

FALCÃO, João – O Brasil e a Segunda Guerra Mundial. Editora UNB. Brasília: 1997.

FALCÃO, João – O Partido Comunista que eu conheci. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro: 1988.

FORSTER, Mark Arnold – Mundo em guerra. Record. São Paulo: 1973.

FOULCAULT, Michel – Microfísica do poder. Ed. Graal, 13ª edição, Rio de Janeiro: 1979.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. A construção da notícia política nos jornais de Sergipe; Uma análise dos constrangimentos e influências na produção jornalística. Dissertação de Mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas na Universidade Federal da Bahia. Salvador: 1998.

GAMBINI, Roberto – O duplo jogo de Getúlio Vargas; Influência americana e alemã no Estado Novo. São Paulo: 1977.

GARCIA, Nélson Jahr, disponível em `http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/estadonovo.html`.

GENRO FILHO, Adelmo. O segredo da pirâmide – para uma teoria marxista do jornalismo. Ed. Tchê, Porto Alegre: 1987.

GERTZ, René E. – Influência política alemã no Brasil na década de 1930, UFRG *in* www.tau.ac.il/eial/VII_1/index.html#articulos: 2002.

GOLDHAGEN, Daniel Jonah – Os carrascos voluntários de Hitler, Companhia das Letras, São Paulo: 1997.

GRAMSCI, Antonio – Maquiavel, a política e o estado moderno. 4ª Edição, Civilização Brasileira. Rio de Janeiro: 1980.

GRAMSCI, Antonio – Os intelectuais e a organização da cultura, Civilização Brasileira. Rio de Janeiro: 1968.

HABERMAS, Jürgen – Mudança estrutural da esfera pública. Biblioteca Tempo Universitário, nº 76. Rio de Janeiro: 1984.

HILTON, E. Stanley – Suástica Sobre o Brasil; A História da Espionagem Alemã no Brasil, Coleção Retratos do Brasil, volume 105, Civilização Brasileira. Rio de Janeiro: 1977.

HITLER, Adolf – Minha luta. Centauro. São Paulo: 2001.

HOBSBAWM, Eric – A era dos extremos, Companhia das Letras, 2ª Edição. São Paulo: 1996.

LAGE, Nilson – Ideologia e técnica da notícia. Vozes, 2ª Edição. Petrópolis: 1981.

LOWY, Michel –Redenção e Utopia; Companhia das letras. São Paulo: 1989.

MAFESSOLI, Michela – A violência totalitária. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro: 1981.

MARCONDES FILHO, Ciro – Comunicação e Jornalismo; A saga dos cães perdidos. Hecker Editores. São Paulo: 2000.

MARCONDES FILHO, Ciro – O capital da Notícia. Ática, 2ª Edição. São Paulo: 1989.

MARCUSE, Herbert – A nova mentalidade alemã *in* Coletâneas de artigos. Editora Unesp, São Paulo, 1999.

MICHAELIS: Moderno Dicionário da Língua Portuguesa. Melhoramentos, São Paulo: 1998.

MIGUEZ DE OLIVEIRA, Paulo César – A organização da cultura na "Cidade da Bahia", Tese de Doutorado. Universidade Federal da Bahia, Salvador: 2002.

MORAES, Luiz Edmundo – Ein volk, Ein Reich, Ein Führer; A seção brasileira do Partido Nazista e a questão nacional. Dissertação de Mestrado, UFRJ, Rio de Janeiro: 1996.

MORAIS, Fernando – Olga, Companhia das Letras, 16ª Edição, São Paulo: 1994.

NOGUEIRA, Rubem – O homem e o muro, Memórias políticas e outras; Ed. GRD. São Paulo: 1997.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi; VELLOSO, Mônica pimenta; GOMES, Angela Maria de Castro – Estado Novo; Ideologia e poder. Zahar Editores. Rio de Janeiro: 1982.

PORTELLI, Hugues – Gramsci e o bloco histórico, Paz e Terra. São Paulo: 1983.

PORTO, Sérgio; MOUILLAND, Maurice (org.) – O jornal; Da forma ao sentido. Coleção Comunicação, Editora UNB, Brasília: 2002.

RAMOS, Bandeira – A crise da economia fumageira do Recôncavo baiano entre os anos de 1870 e 1930. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Bahia. Salvador:1990.

RANGEL, Eleazar Díaz – La información internacional en America Latina; Monte Avila Editores, 1ª Edicion, Caracas: 1991.

REICH, Wilhem – Psicologia de Massas do Fascismo, Editora Martins Fontes 2ª Edição. São Paulo: 1988.

RIBAS, Antônio de Lara – Punhal Nazista no Coração do Brasil. Delegacia de Ordem Política e Social de Santa Catarina, Florianópolis: 1944, p. 205 *in* MORAES, Luiz Edmundo – Ein volk, Ein Reich, Ein Führer; A seção brasileira do Partido Nazista e a questão nacional. Dissertação de Mestrado, UFRJ, Rio de Janeiro: 1996.

RISÉRIO, Antonio – Adorável Comunista. Versal Editores, Rio de Janeiro: 2002.

ROCHA, Geraldo – Providência inadiável, Revista Educação, Rio de Janeiro: 1938 *in* CARNEIRO, Maria Luiza Tucci– O antisemitismo na Era Vargas (1930-1945), Editora Brasiliense, São Paulo: 1988.

ROSSI, Clovis – O que é jornalismo; Coleção Primeiros Passos – Ed. Brasiliense, 10ª Edição. São Paulo: 2000.

SAMPAIO, Consuelo Novais – A Bahia na Segunda Guerra Mundial *in* Revista O Olho da História, Edufba, Salvador: 1995.

SAMPAIO, Consuelo Novais – Movimentos Sociais na Bahia de 1930: Condições de vida do operariado *in* Revista Universitas, 1ª edição – Centro Editorial e Didático da Universidade Federal da Bahia, Salvador: 1968.

SAMPAIO, Consuelo Novais – O Diário de Notícias da Bahia *in* ABREU, Alzira Alves de (org.) – Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro. FGV/CPDOC, 2001, p.1847. Rio de Janeiro: 2001.

SAMPAIO, Consuelo Novais – Poder e Representação; O Legislativo na Bahia na Segunda República 1930-37. Assembléia Legislativa da Bahia. Salvador: 1992.

SANTOS, José Weliton Aragão dos – Formação da grande imprensa na Bahia. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Bahia. Salvador: 1985.

SEINTENFUS, Ricardo Antônio da Silva – O Brasil de Getúlio Vargas e a formação dos blocos 1930-1942. – Companhia Editora Nacional, São Paulo: 1985, p.81 *in* COEHN, Ester – O governo Federal e o Partido Nazista no Brasil; Dissertação de Mestrado, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense. Niterói: 1988.

SILVA, Hélio – 1938; Terrorismo em Campo Verde. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro: 1964.

SILVA, Hélio – 1939: Véspera de Guerra; Civilização Brasileira, Rio de Janeiro: 1972.

SILVEIRA, Joel; MORAES, Geneton – O pacto Maldito. Record. Rio de Janeiro: 1990.

SODRÉ, Nelson Werneck – A História da Imprensa no Brasil; Ed. Paz e Terra, São Paulo: 1980.

SOUSA, Jorge Pedro – Uma história crítica do fotojornalismo ocidental *in* Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação, `www.bocc.ubi.pt`. Porto: 1998.

SOUZA, Américo de – A retórica da verdade jornalística *in* Biblioteca on-line de ciências da comunicação, `www.bocc.ubi.pt`. Porto: 2001.

TAVARES, Luís Henrique Dias. História da Bahia. 10ª Edição, Editora Unesp; EDUFBA: São Paulo, Salvador: 2001.

TEIXEIRA, Francisco Carlos – Fascismo, resistência e cultura de massas: uma releitura *in* `www.ifcs.ufrj.br/tempo/pesquisadores`. pesquisado em 04/07/2001.

TRAQUINA, Nelson – Jornalismo: Questões, teorias e "Estórias". Coleção Comunicação e Linguagem, Lisboa: 1999.

VEIGA, Cláudio – Atravessando um século; A vida de Altamirando Requião. Ed. Record. Rio de Janeiro: 1993.

WEBER, Max – Ciência e Política, duas vocações. Martin Claret, São Paulo, 2005.

WILLEMS, Emílio – A Aculturação dos alemães no Brasil. Brasiliana, Companhia Editora Nacional .Volume 250, 2ª Edição. São Paulo: 1980.

WOLF, Mauro – Teorias da Comunicação. Martins Fontes, São Paulo, 2008.

WYKES, Alan – Goebbels; História Ilustrada da 2ª Guerra Mundial. Ed. Renes, Vol. 7. Rio de Janeiro: 1975.

Edições do Diário de Notícias

Diário de Notícias, 12/01/35, edição nº 9287

Diário de Notícias, 29/01/35, edição nº 9302

Diário de Notícias, 19/08/35, edição nº 9466

Diário de Notícias, 21/08/35, edição nº 9468

Diário de Notícias, 23/08/35, edição nº 9470

Diário de Notícias, 24/08/35, edição nº 9471

Diário de Notícias, 17/09/35, edição nº 9490

Diário de Notícias, 24/09/35, edição nº 9490

Diário de Notícias, 11/10/35, edição nº 9511

Diário de Notícias, 18/10/35, edição nº 9570

Diário de Notícias, 07/11/35, edição nº 9321

Diário de Notícias, 11/11/35, edição nº 9533

Diário de Notícias, 12/11/35, edição nº 9534

Diário de Notícias, 06/12/35, edição nº 9554

Diário de Notícias, 07/12/35, edição nº 9555

Diário de Notícias, 16/12/35, edição nº 9562

Diário de Notícias, 17/12/35, edição nº 9563

Diário de Notícias, 17/12/35, edição nº 9563

Diário de Notícias, 18/12/35, edição nº 9564

Diário de Notícias, 18/12/35, edição nº 9564

Diário de Notícias, 27/12/35, edição nº 9751

Diário de Notícias, 06/02/36, edição nº 9602

Diário de Notícias, 12/03/36, edição nº 9631

Diário de Notícias, 13/03/36, edição nº 9632

Diário de Notícias, 14/03/36, edição nº 9633

Diário de Notícias, 03/04/36, edição nº 9650

Diário de Notícias, 15/05/36, edição nº 9683

Diário de Notícias, 23/06/36. edição nº 9640

Diário de Notícias, 09/07/36, edição nº 9728

Diário de Notícias, 22/07/36, edição nº 9739

Diário de Notícias, 03/08/36, edição nº 9749

Diário de Notícias, 03/08/36, edição nº 9749

Diário de Notícias, 05/10/36, edição nº 9801

Diário de Notícias16/10/36, edição nº 9810

Diário de Notícias, 09/11/36, edição nº 9828

Diário de Notícias, 02/02/37, edição nº 9897

Diário de Notícias, 11/02/37, edição nº 9903

Diário de Notícias, 15/03/37, edição nº 9930

Diário de Notícias, 17/04/37, edição nº 10.127

Diário de Notícias, 31/05/37, edição nº 9993

Diário de Notícias, 05/01/38, edição nº 10.165

Diário de Notícias, 12/01/38, edição nº 10.170

Diário de Notícias, 22/01/38, edição nº 10.179

Diário de Notícias, 16/03/38, edição nº 10.222

Diário de Notícias, 02/04/38, edição nº 10.237

Diário de Notícias, 27/03/39, edição nº 10.102

Diário de Notícias, 15/09/39, edição nº 11.134

Diário de Notícias, 04/01/40, edição nº 10.776

Diário de Notícias, 02/04/40, edição nº 10.847

Diário de Notícias, 08/04/40, edição nº 10.846

Diário de Notícias, 08/04/40, edição nº 10.858

Diário de Notícias, 20/07/40, edição nº 10940

Diário de Notícias, 20/07/40, edição nº 10940

Diário de Notícias, 26/07/40, edição nº 10.946

Diário de Notícias, 05/08/40, edição nº 10.953

Diário de Notícias, 23/08/40, edição nº10.696

Diário de Notícias, 23/08/40, edição nº10.696

Diário de Notícias, 02/09/40, edição nº 10.977

Diário de Notícias, 02/09/40, edição nº 10.977

Diário de Notícias, 05/09/40, edição nº 10..980

Diário de Notícias, 16/09/40, edição nº 10.989

Diário de Notícias, 17/09/40, edição nº 10.989

Diário de Notícias, 18/09/40, edição nº 10.991

Diário de Notícias, 27/09/40, edição nº 10.999

Diário de Notícias, 28/09/40, edição nº 11.000

Diário de Notícias, 17/01/41, edição nº 11.092

Diário de Notícias, 30/01/41, edição nº 11.103

Diário de Notícias, 02/02/41, edição nº 11.106

Diário de Notícias, 12/02/41, edição nº 11.114

Diário de Notícias, 14/02/41, edição nº 11.116

Diário de Notícias, 26/02/41, edição nº 11.125

Diário de Notícias, 19/04/41, edição nº 11.169

Diário de Notícias, 30/06/41, edição nº 11.228

Diário de Notícias, 11/07/41, edição nº 11.238

Diário de Notícias, 14/07/41, edição nº 11.240

Diário de Notícias, 15/07/41, edição nº 11.241

Diário de Notícias, 30/07/41, edição nº 11.231

Diário de Notícias, 25/08/41, edição nº 11.276

Diário de Notícias, 01/12/41, edição nº 11.360

Diário de Notícias, 11/07/42, edição nº 11.410

Outros órgãos de imprensa

Jornal O Globo, 04 de janeiro de 2001, edição nº 24.615, p. 03.

Documentos pesquisados

Arquivo Nacional, Rio de Janeiro – Tribunal de Segurança Nacional – Proc.3752: p.12 *in* MORAES, Luiz Edmundo – Ein volk, Ein Reich, Ein Führer; A seção brasileira do Partido Nazista e a questão nacional. Dissertação de Mestrado, UFRJ, Rio de Janeiro:1996.

Arquivo Nacional, Rio de Janeiro – Documentos do Ministério da Justiça – Seção do Poder Executivo – IJ 1328 *in* MORAES, Luiz Edmundo – Ein volk, Ein Reich, Ein Führer; A seção brasileira do Partido Nazista e a questão nacional. Dissertação de Mestrado, UFRJ, Rio de Janeiro: 1996.

Arquivo Nacional, Rio de Janeiro – Documentos do Ministério da Justiça – Seção do Poder Executivo – IJ 1422 e IJ1362 *in* COEHN, Ester – O governo Federal e o Partido Nazista no Brasil; Dissertação de Mestrado, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói : 1988.

Arquivo Público do Estado da Bahia, Setor Republicano. Despacho de 6 de novembro de 1943 do secretário de Segurança Pública da Bahia, Major Hoche Pulchário sobre o militante nazista e joalheiro Herman Volz. Caixa 15, pacote 01, folha 14.

Junta Comercial do Estado da Bahia (Juceb). Ata da Assembléia Geral Extraordinária da Sociedade Anônima Diário de Notícias da Bahia , em 05/07/1940, folha nº 36.

FGV - CPDOC/ucigm. 01/09/1941. Plano de Defesa da Região Nordeste/1941. Recife (PE).

Audiovisuais

TV Nacional, Fundação Padre Anchieta. Documentário *Goebbles*. Programa *O Quarto Poder*. Apresentação do jornalista Alberto Dines. Exibido em 23/07/1996.

Entrevistas

João da Silva Falcão. Militante comunista nas décadas de 40, 50 e 60, advogado e jornalista. Fundador da Revista Seiva e dos jornais O Momento e Jornal da Bahia. Concedeu entrevista em 26/09/2001.

Walfrido Morais. Advogado, jornalista e escritor. Pertence à Academia Baiana de Letras. Atuou na imprensa baiana

na década de 30 como repórter dos jornais O Imparcial e Diário de Notícias. Concedeu entrevista em 21/03/2003.

Rubem Nogueira. Militante integralista na década de 30, foi advogado, jornalista e deputado federal entre 1961 e 1971. Atuou como repórter do jornal Diário de Notícias de março a dezembro de 1935.